YOGI RAMA PRASAD

AS FORÇAS SUBTIS DA NATUREZA

TRADUCÇÃO DO INGLEZ
POR
Um Membro do "Circulo Esoterico da Communhão do Pensamento"

TERCEIRA EDIÇÃO

EMPRESA EDITORA "O PENSAMENTO"
RUA RODRIGO SILVA N.º 40 — SÃO PAULO (BRASIL) — 1939

Seu attributo unico e absoluto, que lhe é IDENTICO, *o eterno e incessante Movimento, denomina-se, em linguagem esoterica, "A Grande Respiração"; é o movimento perpetuo do Universo, no sentido do* ESPAÇO *sem limites e para sempre presente.*

H. P. BLAVATSKY.

("A Doutrina Secreta").

PREFACIO

Tornam-se necessarias, aqui, algumas palavras ácerca do livro que ora offerecemos ao publico.

Nos fasciculos IX e X do Theosophist, *publiquei alguns ensaios sobre as* "Forças Subtis da Natureza"; *o assumpto desses ensaios interessou de tal maneira os leitores do* Theosophist, *que instaram commigo para que os publicasse em forma de livro. Relendo, com essa intenção, os ensaios, reconheci que, para constituirem um livro, deviam ser inteiramente coordenados e, quiçá, escriptos de novo.*

Não me sentindo, entretanto, em estado de tornar a escrever o que já uma vez havia escripto, decidi-me a fazer uma traducção do livro sanscrito que trata da sciencia da respiração e da philosophia dos Tattwas. Por *outro lado, como, sem o subsidio desses ensaios, o livro tornar-se-ia de todo inintelligivel, deliberei-me a juntal-os ao livro a titulo de illustração preliminar. Os ensaios do* Theosophist *foram reimpressos com certas addições, transformações e correcções. Além disso, escrevi diversos outros ensaios para tornar as explicações mais completas e autorizadas.*

Empenhei-me nessa tarefa por mais de uma consideração. O livro contém uma boa parte a mais dos ensaios corrigidos e eu achei de bom alvitre submettel-os todos aos olhos do publico.

Estou certo de que este livro está adequado a projectar muita luz sobre as investigações scientificas dos antigos Aryas da India e de que não deixará pairar num espirito lucido nenhuma duvida sobre a base scientifica da religião da India antiga. Por essa razão, principalmente, foi que tirei dos Upanishads *as minhas illustrações da Lei Tattwica.*

Boa parte do livro só pode ser verificada por uma experiencia longa e diligente. Aquelles que, sem idéas preconcebidas, se consagram á acquisição da verdade, sem duvida alguma se acharão dispostos a esperar algum tempo antes de formarem uma opinião ácerca de taes partes do livro. Quanto aos outros, é inutil raciocinar com elles.

A' primeira classe de estudantes tenho ainda que dizer algumas palavras. Baseado nas minhas proprias experiencias, posso garantir-lhes que, quanto mais aprofundarem, tanto mais certos ficarão de achar nelle a sabedoria, e espero que, antes de muito pouco tempo, hei de ter commigo bom numero de collegas que trabalharão, á porfia, para explical-o mais completamente ainda.

RAMA PRASAD.

Meeruta, India.
5 de Novembro de 1889.

I

OS TATTWAS

Os Tattwas são as cinco modificações do Grande Alento. Agindo sobre Prakriti, esse grande Alento lança-a em cinco estados, que têm movimentos vibratorios distinctos e que desempenham funcções differentes. O primeiro estado que apparece, durante a phase evolutiva de Parabrahman, é o Akasa Tattwa. Vêm em seguida, na ordem respectiva, o Vayú, o Tejas, o Apas e o Prithivi. Elles são tambem conhecidos pelo nome de Mahâbhûtas.

O vocabulo Akasa é tomado geralmente por *Ether.* Entretanto, por infelicidade da sciencia moderna, o som não é considerado como uma qualidade distincta do ether. Alguem pode suppôr tambem que o *meio* moderno da luz seja identico ao Akasa: isto é um erro, creio eu. O ether luminoso é o subtil Tejas Tattwa e não o Akasa. A todos os cinco subtis Tattwas podemos, sem duvida, chamar etheres, mas não é acertado, sem epi-

theto caracteristico, empregar o termo ether, para designar o Akasa. Podemos chamar Akasa ao ether sonoro, Vayú ao ether tactil, Apas ao ether gustativo e Prithivi ao ether olfactivo.

Assim como, no Universo, existe o ether luminoso, elemento de materia quintessenciada, sem a qual se reconheceu que o phenomeno da luz ficava sem explicação adequada, assim tambem existem os outros quatro etheres, elementos de materia sublimada, sem os quaes ha de reconhecer-se que os phenomenos do tacto, do gosto e do olfacto permanecem sem explicação plausivel.

Suppõe a sciencia moderna que o ether luminoso é materia em estado mais purificado. Dizem que as vibrações desse elemento é que constituem a luz. Affirmam ainda que essas vibrações se produzem perpendicularmente á direcção da onda.

A descripção do Tejas Tattwa, dada no livro, é quasi a mesma: ella faz mover esse Tattwa para cima e essa direcção é certamente a da onda. Elle diz, além disso, que uma vibração completa desse elemento toma a forma de um triangulo.

Supponhamos, nesta figura, que A B seja a direcção da onda, B C a direcção da vibração; C A é a linha ao longo da qual o atomo vibrante deve voltar á sua posição symetrica sobre a linha A B, pois que, na expansão, os arranjos symetricos dos atomos de um corpo não se mudaram.

C

A B

O Tejas Tattwas dos antigos é, portanto, exactamente, o ether luminoso dos modernos, no tocante á

natureza da vibração. Não ha, entretanto, na sciencia moderna, nenhuma concepção, mais ou menos explicita, dos quatro atomos seguintes. As vibrações do Akasa, ether sonoro, constituem o som; é inteiramente necessario conhecer o caracter distincto dessa forma de movimento.

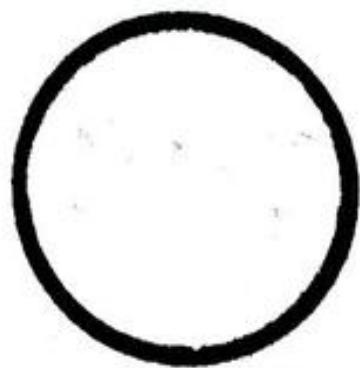
A experiencia da campainha num sino pneumatico prova que as vibrações da atmosphera propagam o som. Outros meios, entretanto, taes como a terra e os metaes, transmittem o som em graus diversos. Deve, pois, haver, em todos esses meios, qualquer cousa que dá origem ao som — a vibração que constitue o som. Essa qualquer cousa é o Akasa hindú (*).

Mas o Akasa, da mesma sorte que o ether luminoso, tudo penetra. Por que razão não se faz o vacuo na campana? O facto é que devemos *estabelecer uma differença* entre as vibrações dos elementos que constituem o som, a luz, etc., e as vibrações dos meios que transmittem aos nossos ouvidos essas impressões. Não são as vibrações dos etheres — os Tattwas subtis — que causam as nossas percepções, mas as vibrações ethericas transferidas a meios differentes que são outras tantas modificações da materia grosseira — as Sthûla Mahâbhûtas. O ether luminoso se encontra tão presente num salão sombrio como no espaço ambiente; o menor

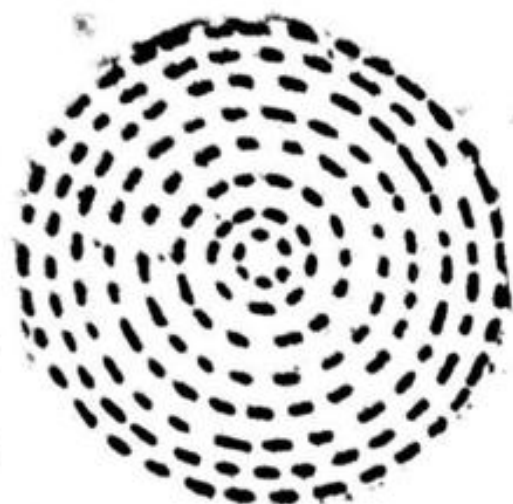
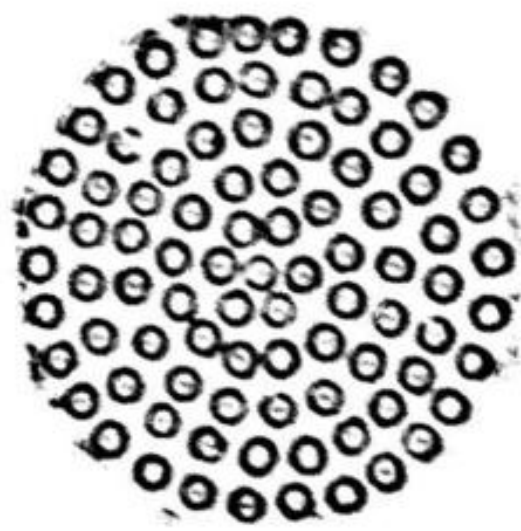
---

(*) Poder-se-ia lembrar ao leitor o phenomeno do telephone e, melhor ainda, o do phonographo. E' claro que os raios que transmittem o som neste ultimo não são os raios visuaes do sol. São, seguramente, *raios auditivos*. Os primeiros raios são as vibrações do ether luminoso; que são os segundos? As vibrações, sem duvida, do ether sonoro, as constituintes de Prâna hindú, chamado Akasa.

espaço no interior das proprias paredes não se acha desprovido delle. Para este, a luminosidade do exterior não está presente interiormente: por que? Porque a nossa visão ordinaria não percebe as vibrações do ether luminoso; ella não apanha senão as vibrações que o ether penetra. A capacidade de vibrar ethericamente varia com o meio.

No espaço exterior á camara escura, o ether leva os atomos da atmosphera ao estado conveniente de vibração visual e um grande desenvolvimento de luz se offerece á nossa vista; dá-se a mesma cousa com qualquer objecto que vemos. O ether que penetra no objecto leva os atomos desse objecto ao estado conveniente de vibração visual. A força etherica que a presença do sol dá ao ether que penetra em o nosso planeta não é sufficiente para provocar o mesmo estado na materia inerte das paredes sombrias. O proprio ether interno separado do ether externo por essa massa inerte acha-se privado de taes vibrações; a obscuridade da camara é assim a consequencia da ausencia do ether luminoso. A chispa que sáe pela campana possue, em certo grau, a possibilidade de ser posta em estado de vibração visual transmittida primeiramente ao ether externo e, por elle, ao olho.

Não se daria a mesma cousa se empregassemos uma campana de porcelana ou de barro. E' á possibilidade de ser posta em estado de vibração visual que, no vidro e nos objectos analogos, é chamada *transparencia*. Voltemos ao ether sonoro (Câkâssha). Cada forma de materia grosseira

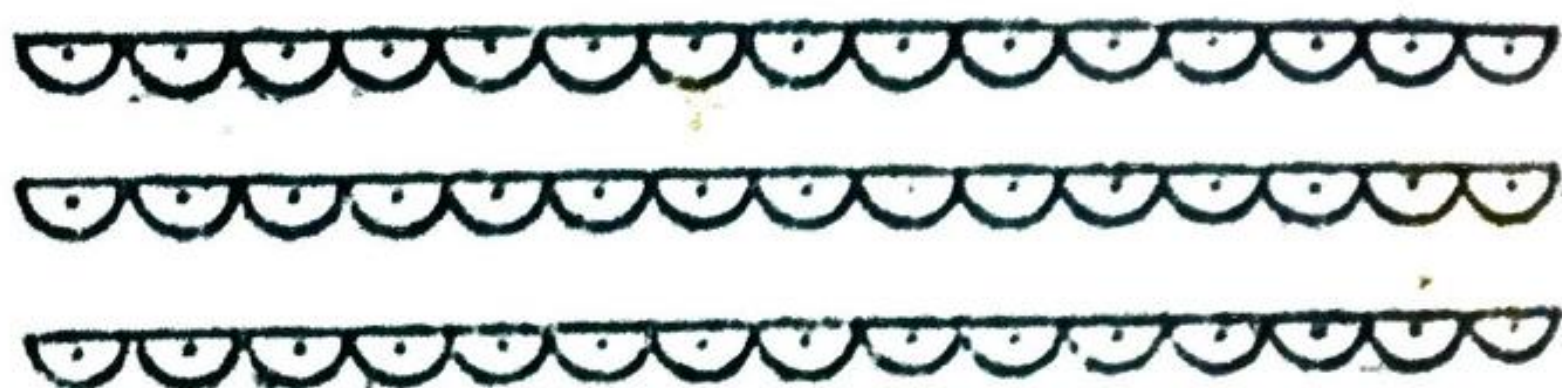
possue, até certo ponto visivel, segundo as formas, o que podemos chamar a *transparencia auditiva* (*).

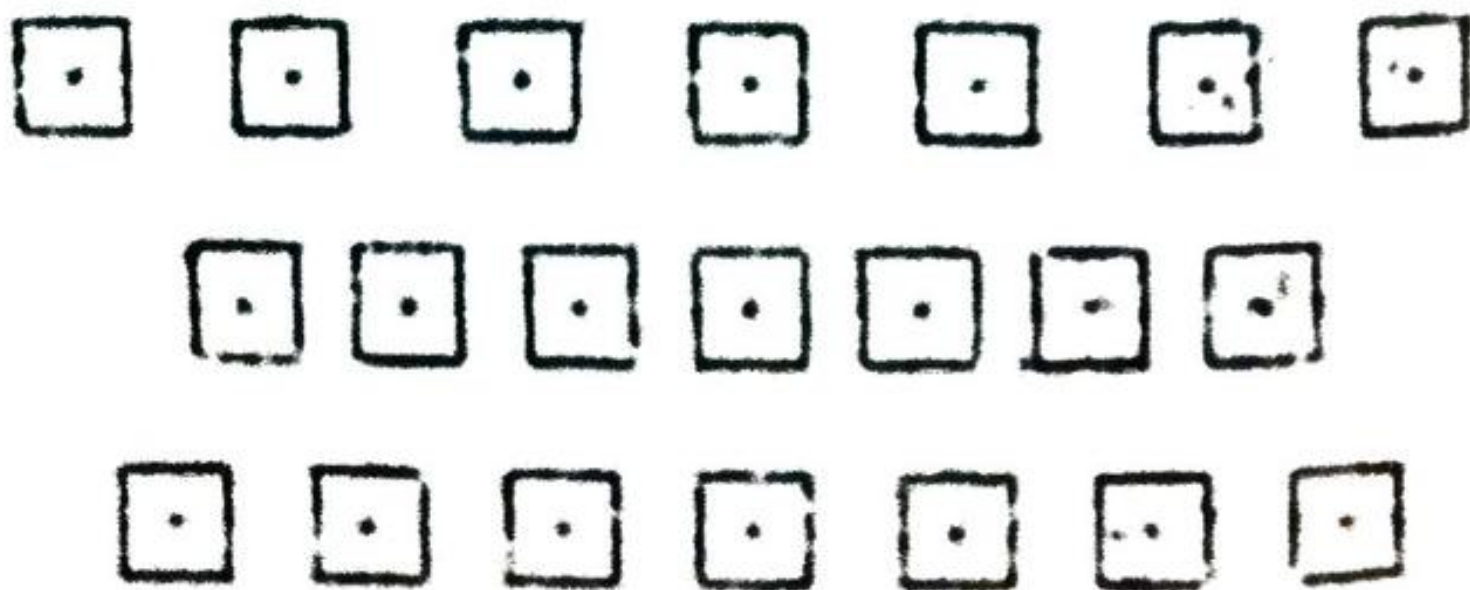
Cabe-nos agora dizer alguma cousa sobre a natureza das vibrações. A tal respeito, é necessario comprehender dois pontos geraes: em primeiro logar, a forma externa da vibração assemelha-se á cavidade da orelha. Ella transforma numa folha pontilhada a materia que lhe é submettida. Esses pontos são pequeninas saliencias que se elevam acima da superficie commum, de maneira que produzem na folha cavidades microscopicas. Affirma-se que a vibração se move por accessos e caprichos (San-Krama) e em todas as direcções (Sarvatogama). Quer isto dizer que o impulso recáe sobre si mesmo, ao longo do seu primeiro caminho que se acha de todos os lados, relativamente á direcção da onda.

O leitor comprehenderá que, em meios grosseiros, esses etheres produzem vibrações semelhantes ás suas. Por conseguinte, a forma sob a qual as vibrações auditivas põem o ar atmospherico é a de um verdadeiro novello de vibrações ethericas. As vibrações do ar atmospherico descobertas pela sciencia moderna são semelhantes.

Chegamos ao ether tactil (Vayú). As vibrações desse ether são descriptas como sendo de forma espherica e o seu movimento

(*) Seria mais logico chamar-lhe, por analogia, *transaudiencia*. — (N. do T.).

em angulos agudos com a onda (Tiryak). Tal é a representação dessas vibrações sobre o plano dessa folha.

As observações feitas ácerca da transmissão do som, no caso do Akasa, tem aqui applicação da mesma forma, *mutatis mutandis.*

Affirmam que o ether gustativo (Apas Tattwa) se parece em córte com u'a meia lua; pretendem tambem que elle se move para baixo; esta direcção é contraria á do ether luminoso. Essa força provoca, portanto, contracção; eis aqui como representam, no papel, as vibrações do Apas:

Havemos de examinar o processo da contracção quando chegarmos ás qualidades dos Tattwas.

Dizem que o ether olfactivo (Prithivi) é quadrado em córte. Assim:

Este se move no centro: não se move em angulos rectos, nem em angulos agudos, nem por cima, nem por baixo, senão ao longo da onda; a linha e o quadrado estão no mesmo plano.

Taes as formas e os modos de movimentos dos cinco etheres; cada um desses dá nascimento a uma das cinco sensações do homem:

1. Akasa, ether sonoro, ouvido.
2. Vayú, ether tactil, tacto.
3. Tejas, ether luminoso, visão.
4. Apas, ether gustativo, paladar.
5. Prithivi, ether olfactivo, olfacto.

No processo da evolução, esses etheres co-existentes, conservando ao mesmo tempo as suas formas relativas, geraes, primitivas, contrahem as qualidades dos outros Tattwas. Conhece-se isto sob a denominação de processo de Panchîkarana ou divisão em cinco.

Se tomarmos, como faz o nosso livro, H, P, R, V e L por symbolos algebricos de (1), (2), (3), (4) e (5) respectivamente, os etheres, segundo Panchîkarana, assumem as formas seguintes:

$$H = \frac{H}{2} + \frac{P}{8} + \frac{R}{8} + \frac{V}{8} + \frac{L}{8} \quad (1)$$

$$P = \frac{P}{2} + \frac{H}{8} + \frac{R}{8} + \frac{V}{8} + \frac{L}{8} \quad (2)$$

$$R = \frac{R}{2} + \frac{H}{8} + \frac{P}{8} + \frac{V}{8} + \frac{L}{8} \quad (3)$$

$$V = \frac{V}{2} + \frac{R}{8} + \frac{H}{8} + \frac{P}{8} + \frac{L}{8} \quad (4)$$

$$L = \frac{L}{2} + \frac{V}{8} + \frac{R}{8} + \frac{H}{8} + \frac{P}{8} \quad (5)$$

U'a molecula de cada ether, composta de oito atomos, possue quatro do ether principal e um de cada um dos restantes.

A taboa seguinte mostrará as cinco qualidades de cada um dos Tattwas, conforme Panchîkarana.

	SOM	CONTACTO	SABOR	COR	PERFUME
(1) H	Ordinario				
(2) P	Levissimo	Um tanto frio	Acido	Azul celeste	Acido
(3) R	Leve	Quentissimo	Calido	Vermelho	Quente
(4) V	Pesado	Frio	Adstringente	Branco	Adstringente
(5) L	Profundo	Ligeiramente quente	Doce	Amarello	Suave

Cumpre observar aqui que os Tattwas subtis existem agora no universo sobre quatro planos. O plano superior differe do plano inferior por um numero maior de vibrações por segundo. Esses quatro planos são:

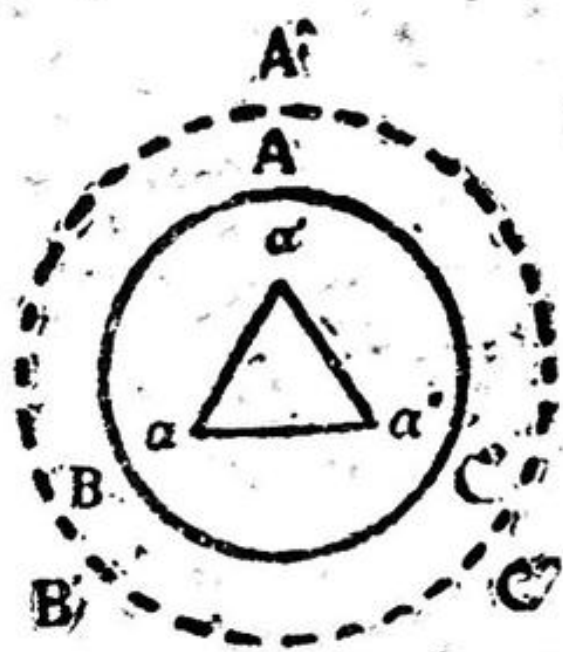
1. Physiologico . . . . *Prâna.*
2. Mental . . . . *Manas.*
3. Psychico . . . . *Vijnâna.*
4. Espiritual . . . . *Ananda.*

Vamos agora examinar algumas qualidades secundarias dos Tattwas.

1 — *Espaço* — E' uma qualidade do Akasa Tattwa. Tem-se verificado que a vibração desse ether possue a

forma de uma cavidade auricular e que, na sua substancia, se acham pontos microscopicos (Vindus). Segue-se dahi, evidentemente, que os intersticios dos pontos servem para dar espaço a minimas ethericas e a offerecer-lhes um logar para a locomoção (Avakasa).

2 — *Locomoção* — E' a qualidade do Vayú Tattwa. Vayú é uma forma do proprio movimento, porque este, em todas as direcções, é um movimento circular, pequeno ou grande. O mesmo Vayú Tattwa tem a forma de um movimento espherico. Quando, ao movimento que mantém a forma dos differentes etheres, se junta o movimento do Vayú, resulta dahi a locomoção.

3 — *Expansão* — E' a qualidade do Tejas Tattwa. Ella decorre, de modo evidente, da forma e do movimento dados a essa vibração etherica. Supponhamos que A B C seja um bloco de metal; sem o approximarmos de um fóco, pômos em movimento o ether luminoso que elle encerra, e isso dá aos atomos grosseiros desse bloco um movimento semelhante. Seja *a* um atomo; sendo este forçado a assumir o córte de Tejas, a vibração vae para *a'* e toma, então, a posição symetrica de *a"*. Cada ponto muda de logar egualmente, em redor do centro do pedaço de metal. Afinal, o conjuncto do pedaço toma a forma A' B' C'. Resulta dahi a expansão.

4 — *Contracção* — E' a qualidade do Apas Tattwa. Como anteriormente se observou, a direcção desse ether é opposta á do Agni; facil é de comprehender, por conseguinte, que a contracção resulta do jogo desse Tattwa.

5 — *Cohesão* — E' a qualidade do Prithivi Tattwa. Este, como ha de ver-se, é o inverso do Akasa. O Akasa dá passagem á locomoção, emquanto que o Prithivi lhe resiste. E' a consequencia natural da direcção e da forma dessa vibração. Ella preenche os intervallos do Akasa.

6 — *Doçura* — E' uma qualidade do Apas Tattwa. Como os atomos de todo o corpo em contracção se approximam e assumem a forma semi-lunar do Apas, elles devem facilmente deslisar um sobre o outro. A mesma forma assegura aos atomos um movimento facil.

Isto nos parece sufficiente para explicar a natureza geral dos Tattwas. As phases differentes da sua manifestação sobre todos os planos da Vida serão retomadas em tempo opportuno.

II

EVOLUÇÃO

Será interessantissimo traçar aqui, de accordo com a theoria dos Tattwas, o desenvolvimento e a formação do mundo.

Os Tattwas, como já vimos, são as modificações de Svara. Ácerca de Svara achamos em o nosso livro:

"No Svara estão os Védas e os Shastras, e no Svara está a musica. Toda a gente está no Svara: Svara é o proprio espirito".

A traducção propria da palavra Svara é a *corrente da onda da vida*. Esse movimento ondulatorio é que provoca a evolução da materia cosmica não differenciada no universo differenciado, e a involução deste no estado primitivo da não differenciação, e assim por deante, para todo o sempre. De onde vem esse movimento? Esse movimento é o proprio espirito.

A propria palavra Atmâ, empregada no livro, contém a raiz *at*, movimento eterno; pode-se observar, de maneira significativa, que a raiz *at* se relaciona com as raizes *ah*, sôpro, e *as*, ser; não é simplesmente senão

uma variante delle. Todas as raizes têm por origem o som produzido pela respiração dos animaes.

Na sciencia do Alento, o symbolo technico da inspiração é *sa*, e o da expiração, *ho*. E' facil de vêr como esses symbolos estão ligados ás raizes *as* e *ah*. A corrente da onda da vida precitada chama-se, technicamente, *Hansachasa*, isto é, o movimento de *ha* e de *sa*. A palavra Hansa, de que se faz tanto caso em muitas obras sancritas e que se emprega para significar Deus, não é senão uma representação symbolica dos dois processos eternos de vida, *ha* e *sa*.

A corrente primordial da onda de vida é, pois, a mesma corrente que, no homem, toma a forma dos movimentos de inspiração e de expiração dos pulmões, e é a fonte da evolução e da involução do Universo, fonte que penetra tudo.

Continúa o livro:

"E' o Svara que deu uma forma ás *primeiras accumulações das visões* do universo; o Svara causa a involução e a evolução; o Svara é Deus mesmo ou melhor o Grande Poderio (Maheshvara)".

O Svara manifesta sobre a materia a impressão desse poder conhecido sob o nome de poder que a si mesmo conhece. Comprehender-se-á que a sua acção não cessa nunca. Elle opera sempre e tanto a evolução como a involução constituem a verdadeira necessidade da sua existencia que se muda.

O Svara apresenta dois estados differentes: um é conhecido sobre o plano physico da vida sob a denominação de respiração solar, o outro sob o nome de respiração lunar. No estadio presente da involução, desi-

gnal-as-emos, no emtanto, com os nomes respectivos de respiração positiva e respiração negativa. O periodo durante o qual a corrente volta ao seu ponto de partida, é qualificado como o dia e a noite de Parabrahman. O periodo positivo ou evolutivo é o dia de Parabrahman; o periodo negativo ou involutivo é a noite de Parabrahman. Essas noites e esses dias se succedem sem descontinuidade. As subdivisões desse periodo comprehendem todas as phases da existencia, e é necessario dar-se aqui a divisão do tempo segundo os Shâstras hindús.

Começaremos com o Truti por ser a ultima divisão do tempo.

DIVISÃO DO TEMPO

26 $\frac{2}{3}$ = 1 Nimesha = $\frac{8}{45}$ de segundo.

18 Nimeshas = 1 Kâshtah = 3 segundos $\frac{1}{5}$ = 8 Vipalas.

30 Kâshtahs = 1 Kalâ = 1 minuto $\frac{3}{5}$ = 4 Palas.

30 Kalâs = 1 Muhûrta = 48 minutos = 2 Ghâris.

30 Mahûrtas = 1 dia e 1 noite = 24 horas = 60 Ghâris.

30 dias e noites, e as horas de resto = a 1 dia e 1 noite Pitryia = 1 mez e as horas complementares.

12 mezes = 1 dia e 1 noite Daiva = 1 anno = 365 dias, 5 horas, 30 minutos, 31 segundos.

365 dias e noites Daiva = 1 anno Daiva.

4.800 annos Daiva = 1 Satya Yuga.

3.600 annos Daiva = 1 Treta Yuga.

2.400 annos Daiva = 1 Dvâpara Yuga.

1.200 annos Daiva = 1 Kali Yuga.

12.000 annos Daiva = Chatur Yuga (quatro Yugas).

12.000 Chatur Yugas = 1 Daiva Yuga.

2.000 Daiva Yugas = 1 dia e 1 noite de Brahmâ.

365 dias e noites Brahmicas = 1 anno de Brahmâ.
71 Daiva Yugas = 1 Manvantara.
12.000 annos Brahmicos = 1 Chatur Yuga de Brahmâ, e assim por deante.
200 Yugas de Brahmâ = 1 dia e 1 noite de Parabrahman.

Esses dias e essas noites se succedem ininterruptamente. Dahi resulta uma evolução e uma involução eternas.

Temos cinco sortes de dias e de noites.

1) Parabrahmico; 2) Brahmico; 3) Daiva; 4) Pitrya; 5) Manusha. Uma sexta especie é constituida pelo dia Manvantarico e pela noite Manvantarica (Pralaya).

Os dias e as noites de Parabrahm se seguem, sem começo nem fim. A noite (periodo negativo) e o dia (periodo positivo) desapparecem ambos no Sushumna (periodo de conjuncção) e surgem no outro periodo. Dá-se a mesma cousa com os outros dias e noites. De uma extremidade a outra da divisão, os dias são consagrados á corrente positiva, quente, e as noites á corrente negativa, fria. A impressão dos nomes e das formas, e o poder de produzir uma impressão têm logar na phase positiva da existencia; a receptividade nasce na corrente negativa.

Submettida á phase negativa de Parabrahman, Prakriti, que, como uma sombra, acompanha Parabrahman, ficou saturada de receptividade evolutiva; quando a corrente quente se põe a caminho, nella manifestam-se mudanças e ella apparece sob novas formas. A primeira impressão que a corrente evolutiva positiva deixa sobre Prakriti é conhecida pelo nome de Akasa. Em seguida,

pouco a pouco, os outros etheres vão nascendo. Essas modificações de Prakriti são os etheres do primeiro estagio.

Nestes cinco etheres considerados como constituindo agora o plano objectivo, a corrente do Grande Alento continúa o trabalhar.

Outro desenvolvimento se effectua; constituem-se centros differentes, o Akasa os põe sob uma forma que dá logar á locomoção. Quando se manifesta o Vayú Tattwa, esses etheres elementares recebem uma forma espherica; é o começo da *formação*, a que se chama tambem solidificação.

Essas espheras são os nossos Brahmândas. Os etheres tomam, nellas, um desenvolvimento secundario; a dita divisão em cinco se realiza. Muito bem, mas nessa esphera brahmica em que os novos etheres têm um espaço conveniente para a *locomoção*, o Tejas Tattwa entra agora em jogo e depois o Apas Tattwa. Todas as qualidades tattwicas são geradas e conservadas, nessas espheras, por essas correntes. Com o Apas, a formação é completa; no transcorrer do tempo, temos um centro e uma atmosphera; essa esphera é o universo consciente de si mesmo.

Nessa esphera, conforme o mesmo processo, manifesta-se um terceiro estado etherico. Na atmosphera mais fria, afastada do centro, outra classe de centros se forma. Em seguida, apparece outro estado de materia, cujos centros trazem o nome de Devas ou de sóes.

Temos, assim, quatro estados de materia subtil, no universo:

1) Prâna, materia vital, com o Sol por centro.

2) Manas, materia mental, com o Manú por centro.

3) Vijnâna, materia psychica, com Brahmâ por centro.

4) Ananda, materia espiritual, com Parabrahman por *substratum* infinito.

Cada estado superior é positivo com relação ao estado inferior, e cada estado inferior nasce da composição das phases positiva e negativa do superior.

1) Prâna está em relação com tres sortes de dias e de noites da precedente divisão do tempo.

a) Os nossos dias e as nossas noites ordinarias.

b) A metade brilhante e a metade sombria do mez, as quaes são denominadas o dia e a noite Pitrya.

c) As metades norte e sul do anno, o dia e a noite dos Devas.

Essas tres noites, agindo sobre a materia terrestre, dão-lhe a receptividade da phase fria, negativa e sombria da materia vital. Os dias respectivos que vêm depois dessas noites se imprimem nesta materia. A propria terra torna-se assim um ser vivo, tendo um polo norte para o qual uma força central attráe a agulha imantada e um polo sul, onde está concentrada uma força que é, por assim dizer, a sombra do centro polar norte. Ella tem tambem a energia solar centralizada na metade leste e a força lunar, a sombra da precedente, centralizada na metade occidental.

De facto, esses centros nascem muito antes que a terra se tenha manifestado sobre o plano da materia densa. Dá-se a mesma cousa com os centros dos outros planetas. Emquanto o sol se apresenta ao Manú, formam-se dois estados de materia em que o sol vive e se

move — o positivo e o negativo. Como o Prâna solar, depois de, por algum tempo, estar submettido ao estado negativo e sombrio, fica submettido, na sua revolução á fonte de sua phase positiva, Manú, a face de Manú está impressa sobre elle. Esse Manú é, em verdade, o espirito universal e todos os planetas com os seus habitantes são as phases da sua existencia. Vemos agora que a vida da terra ou o Prâna Terrestre tem quatro centros de força.

Agindo sobre elle quando ella se resfria pela corrente negativa, a phase positiva se lhe imprime e, sob formas variadas, a vida da terra vem á luz. As experiencias sobre o Prâna elucidarão isto mais claramente.

2) Manas está em relação com Manú. Os sóes giram em redor desses centros com a sua atmosphera de Prâna. Esse systema dá origem aos Lokas ou espheras de vida das quaes os planetas constituem uma classe.

Esses Lokas foram enumerados por Vayâsa no seu commentario sobre o *Yogashâstra* (Pâda III, Sûtra 26).

O aphorismo é assim concebido:

"Pela meditação ácerca do sol, obtem-se o conhecimento da creação physica".

O venerando commentador assim se exprime: "Ha sete Lokas (espheras de existencias)".

1) Bhûrloka se extende até o Meru.

2) Antarikshaloka se extende da superficie ao Dhruva, a estrella polar, e contém os planetas, os Nakshatras e as estrellas.

3) Svarloka se acha atraz: é quintuplo e consagrado a Mahendra.

4) Maharloka, consagrado a Prajâpati.
5) Yanaloka, consagrado a Brahmâ.
6) Taparloka, consagrado a Brahmâ.
7) Satyaloka, consagrado a Brahmâ.

Não é nossa intenção, por agora, explicar a significação desses Lokas. Basta-nos dizer que os planetas, as estrellas, as casas lunares são todas impressões de Manú como os organismos da terra são as impressões do sol. O Prâna solar é preparado, por essa impressão, durante a noite manvantarica.

Vijnâna tem relações semelhantes com as noites e dias de Brahmâ, e Ananda com os de Parabrahman.

Ver-se-á, deste modo, que o processo inteiro da creação, em qualquer que seja o plano de vida, é provocado, muito naturalmente, pelos cinco Tattwas nas suas duplas modificações, positivas e negativas. Não ha nada, no universo, que a Lei Tattwica Universal da Respiração não abranja.

A esta muito succinta exposição da theoria da evolução tattwica, segue uma serie de tentamens, que tomam, um a um, todos os estados subtis da materia e descrevem, com mais minudencias, as operações da lei tattwica nesses planos e as manifestações tambem desses planos de vida na humanidade.

III

RELAÇÃO MUTUA ENTRE OS TATTWAS E OS PRINCIPIOS

O Akasa é o mais importante de todos os Tattwas; elle deve naturalmente preceder e seguir cada plano de vida. Sem elle, não pode realizar-se manifestação nem cessação de formas. *Do Akasa é que procedem todas as formas, e no Akasa é que todas as formas subsistem.* O Akasa está cheio de formas em estado potencial; elle se interpõe entre cada grupo de dois em meio dos cinco principios.

A evolução dos Tattwas faz sempre parte da evolução de uma certa forma definida.

Assim, os Tattwas primarios se manifestam com o fim definido de dar o que nós chamamos um corpo, uma forma prakritica a Ishvara. Ha, no seio do infinito Parabrahman, taes centros occultos innumeraveis. Um centro toma, sob a sua influencia, uma certa porção do infinito e nós achamos ahi, á frente de tudo quanto vem á luz, o Akasa Tattwa. A expansão desse Akasa limita a expansão do universo, e o Ishvara deve sahir della. A

esse fim, surge desse Akasa o Tattwa Vayú; elle penetra o universo total e possue um certo centro que lhe permitte reunir a expansão total num todo separado dos outros universos (Brahmândas).

Tem-se já mencionado e, mais tarde, se ha de explicar mais claramente, que cada Tattwa possue uma phase positiva e outra phase negativa; é evidente, tambem, de accordo com a analogia do sol, que os sitios mais distantes do centro são sempre negativos relativamente aos mais proximos. Podemos dizer que são mais frios e verificar-se-á que cada calor não é particular unicamente ao sol, senão que todos os centros superiores têm u'a maior somma de calor do que o proprio sol.

Nessa esphera brahmica de Vayú, salvo em certo espaço perto do Akasa Parabrahmico, cada átomo de Vayú soffre a reacção de uma força opposta; o mais distante e, por conseguinte, o mais frio reage sobre o mais proximo, e, portanto, o mais quente. As vibrações eguaes e oppostas da mesma força se contrabalançam e ambas conjunctamente passam para o estado akasico. Dest'arte, emquanto uma parte do espaço fica cheia de Vayú brahmico em virtude do fluxo constante desse Tattwa fóra do Akasa Parabrahmico, o resto volta rapidamente para o Akasa. O Akasa é a mãe do Agni Tattwa Brahmanico. O Agni Tattwa, agindo da mesma forma, faz nascer, através de outro Akasa, ao Apas e este, semelhantemente, ao Prithivi. Esse Prithivi Brahmanico contém, assim, as qualidades de todos os Tattwas precedentes, mais um quinto que lhe é peculiar.

O primeiro estadio do universo, o oceano de materia psychica, existe agora por completo. Essa materia

é naturalmente muito quintessenciada; não ha nella densidade alguma, em comparação com a materia do quinto plano. Brilha nesse oceano a intelligencia de Ishvara e esse oceano, com todas as cousas que se podem manifestar nelle, é o universo consciente de si mesmo.

Neses oceano psychico, os atomos mais afastados são, como já dissemos, negativos com relação aos mais proximos. Logo, excepto certo espaço que permanece repleto de Prithivi, em consequencia do supprimento constante que esse elemento recebe de cima, o resto entra a mudar-se em Akasa. Esse segundo Akasa está cheio do que se chama Manus no estado potencial; os Manus são outros tantos grupos de certas formas mentaes, as idéas dos generos e das especies de vida variadas que são destinadas a apparecer mais tarde. Nós nos occuparemos com um dentre elles. Impulsionado pela corrente evolutiva do Grande Alento, Manu sáe desse Akasa da mesma forma que Brahmâ sahiu do Akasa Parabrahmico. Em primeiro logar e acima de tudo, na esphera mental está o Vayú, e, em seguida, conforme a ordem, o Tejas, o Apas e o Prithivi. Essa materia mental obedece ás mesmas leis, e, semelhantemente, começa a passar para o terceiro estado akasico, cheio de sóes innumeraveis. Elles sáem da mesma forma e começam a operar sobre um plano semelhante.

Cada um de nós pode aqui explicar a si mesmo como as porções mais afastadas do systema solar são mais frias que as mais proximas. Cada atomosinho de Prâna é, comparativamente, mais frio que o subsequente na direcção do sol. Assim, as vibrações eguaes e oppostas se equilibram reciprocamente. Deixando, pois, de parte

um certo espaço perto do sol, espaço que sempre está cheio de Tattwas de Prâna constantemente emanados do sol, o resto do Prâna passa para o estado akasico.

Importa observar, aqui, que a totalidade desse Prâna é composta de pequenos *pontos* innumeraveis; de futuro, falaremos não só desses *pontos* como de Trutis; são esses Trutis que apparecem sobre o plano terrestre no caracter de atomos (Anu ou Paramânu). Poderiamos consideral-os como atomos solares. Esses atomos solares são de classes variadas consoante o predominio de um ou de varios Tattwas constitutivos.

Cada ponto de Prâna é uma pintura perfeita do oceano total; cada ponto é representado por qualquer outro ponto. Cada atomo tem, pois, por constituintes, todos os quatro Tattwas, em proporções variadas, segundo a sua posição em face de outros. As differentes classes desses atomos solares se nos mostram, sobre o plano terrestre, como elementos variados da chimica.

O espectro de cada elemento terrestre revela a côr ou as côres do Tattwa ou dos Tattwas predominantes de um atomo solar da substancia. Quanto maior é o calor a que se submette uma substancia, tanto mais o elemento se approxima do seu estado solar. O calor destróe a roupagem terrestre dos atomos solares no periodo em que elle opera.

O espectro do sodio revela assim a presença do amarello Prithivi, o do lithium, a presença do vermelho Agni e do amarello Prithivi; o cosio, a presença do vermelho Agni e da mistura verde do amarello Prithivi e do azul vayú. O rubidio mostra o vermelho, o alaran-

jado, o amarello, o verde e o azul, isto é: o Agni, Prithivi e Agni, Prithivi, Vayú e Prithivi, e Vayú. Essas classes de atomos que, no seu conjuncto, constituem a ampla expansão do Prâna solar, passam para o estado akasico. Ao mesmo tempo que o sol entretem uma provisão constante desses atomos, os que passam para o estado akasico vão por outra, para o Vayú planetario. Certas porções eguaes do Akasa solar separam naturalmente as outras, de accordo com a creação differente que deve apparecer nessas porções; estas se chamam Lokas. A propria terra é um Loka chamado Bhûrloka: tomarei a terra como exemplo ulterior da lei.

Essa porção do Akasa solar que é a mãe immediata da terra, dá, em primeiro logar, origem ao Vayú terrestre. Cada elemento fica, então, em estado de Vayú Tattwa, que, de ora em deante, podemos denominar gazoso. O Vayú Tattwa é de córte espherico e o planeta gazoso affecta contornos semelhantes; o centro dessa esphera gazosa reune, em redor de si, a expansão total dos gazes. Logo que essa esphera vem á luz, fica submettida, entre outras influencias, ás seguintes:

1.º — A' influencia superposta do calor solar.

2.º — A' influencia interna dos atomos mais afastados sobre os atomos mais proximos e *vice-versa*.

A primeira influencia tem um duplo effeito sobre a esphera gazosa; ella fornece mais calor ao hemispherio mais proximo que ao mais afastado. Tendo contrahido uma certa somma de energia solar, o ar superficial do mais proximo hemispherio se eleva para o sol; o ar mais frio que ficava em baixo vem occupar-lhe o logar.

Para onde vae, porém, o ar da superficie? Elle não pode ultrapassar os limites da esphera terrestre que está rodeada de Akasa solar, através do qual vem um supprimento de Prâna solar. Elle entra, pois, a mover-se em circulo, e assim se estabelece na esphera um movimento rotatorio; é a origem da rotação da terra em redor do seu eixo.

Por outro lado, como uma certa somma de energia solar é distribuida á esphera gazosa terrestre, o impulso do movimento para cima attinge o proprio centro. Elle não pode, entretanto, caminhar nessa direcção, porque uma approximação destruiria esse equilibrio de forças que dá á terra as suas particularidades. Um Loka mais achegado ao sol que o nosso planeta, não pode possuir as mesmas condições de vida. Por essa razão, emquanto o sol attráe a si a terra, essas leis de existencia, que lhe deram uma constituição pela qual, durante cyclos e cyclos, ella deve continuar a girar, a retêm na esphera que ellas lhe assignaram.

Duas forças assim se manifestam: solicitada pela primeira, a terra se precipitaria no sol; contida pela segunda, ella deve permanecer no posto onde está; são as forças centrifuga e centripeta, e da sua acção resulta a revolução annual da terra.

Em segundo logar, a acção interna dos atomos gazosos uns sobre outros acaba por transformar a esphera gazosa total, salvo a porção superior, para fazel-a passar para o estado akasico. Esse estado akasico dá origem ao estado igneo (pertencente a Agni Tattwa) da materia terrestre. Este, da mesma forma, se transmuda em Apas, e Apas em Prithivi.

Estabelece-se o mesmo processo nas mudanças da materia que agora nos são familiares. Um exemplo far-nos-á comprehender melhor toda a lei:

Tomemos o gelo: é solido, ou se acha no estado em que a sciencia da respiração chamar-lhe-ia Prithivi; uma qualidade do Prithivi Tattwa é a cohesão. Façamos passar algum calor por esse gelo; á medida da sua passagem, o calor é indicado pelo thermometro. Quando a temperatura do gelo attinge a 0º, a mudança de estado começa: forneçamos, então, ao gelo fundente 78 calorias; a temperatura permanece a mesma (0º), as 78 calorias são absorvidas e se tornam latentes na agua liquida.

Appliquemos, agora, 536 calorias a um kilogramma de agua fervendo. Como todos sabem geralmente, essa grande quantidade de calor torna-se latente quando a agua passa para o estado gazoso.

Sigamos, agora, a marcha inversa. A' agua gazosa appliquemos certa quantidade de frio; quando o frio se torna sufficiente para contrabalançar inteiramente o calor que, neste caso, conserva o estado gazoso, o vapor passa para o estado akasico, e dahi para o estado de Tejas. Não é necessario que todo o vapor passe, *num só jacto*, para esse estado; a mudança é continua. Penetrando o frio gradualmente no vapor, a modificação Tejas se patenteia no Akasa e pela intervenção do Akasa para o qual elle passara durante o estado nascente. Isto indica-o o thermometro. Quando o conjuncto passou para o estado igneo e quando foram absorvidas 536 calorias, o segundo Akasa vem a lume. O estado liquido sáe desse segundo Akasa na mesma temperatura (100º), tendo todo o calor passado de novo para o estado aka-

sico e não sendo mais, por consequencia, indicado pelo thermometro.

Quando o frio é applicado ao liquido, o calor, de novo, começa a abandonal-o, e quando 78 calorias foram absorvidas, tendo este calor sahido do Akasa e pelo Akasa ao qual elle se alliara, *todo* o liquido passa para o estado igneo. Aqui começa elle a passar, de novo, para o estado akasico; o thermometro põe-se a abaixar e desse Akasa entra a surgir o estado Prithivi da agua — o gelo.

Vemos assim que o calor, impulsionado *para fóra* pela influencia do frio, passa para o estado akasico, que se torna o *substratum* de uma phase superior, e o calor *absorvido* para outro estado akasico, *substratum* de uma phase inferior.

E' deste modo que a esphera gazosa terrestre se transforma no seu estado presente. A experiencia precitada mostra diversas verdades importantes ácerca da relação desses Tattwas entre si.

Em primeiro logar, elle explica esta asserção da Sciencia da Respiração que diz que cada estado tattwico possue as qualidades dos estados precedentes. Vemos assim que, sendo o estado gazoso da agua affectado pelo frio, o calor latente de vaporisação fica contrabalançado e passa para o estado akasico. Assim deve ser, pois que as vibrações eguaes e oppostas se equilibram, e dahi resulta o Akasa; o estado Tejas da materia sáe deste: é neste estado que o calor latente de vaporisação se torna manifesto. Hão de observar que este estado não é permanente. A forma Tejas da agua, como a de qualquer outra substancia, não pode, aliás, existir por muito

tempo, porque a maior parte da materia terrestre se encontra nos estados inferiores e, por conseguinte, mais negativos de Apas e de Prithivi; toda a vez que, por uma causa qualquer, uma substancia passa para o estado Tejas, os objectos circumvizinhos entram lògo a reagir sobre ella com força tal que elles o obrigam a passar para o estado akasico seguinte. Essas cousas que agora existem no estado normal de Apas ou de Prithivi, acham inteiramente contrario ás suas leis de existencia o permanecerem no estado de Tejas, salvo se soffrem uma influencia externa. Assim, um atomo de agua gazosa, antes de passar para o estado liquido, já permaneceu sob tres estados: akasico, gazoso, de Tejas; elle deve possuir, pois, sem duvida alguma, as qualidades desses tres Tattwas. Carece apenas de cohesão, o que é a qualidade do Prithivi Tattwa.

Quando esse atomo de agua liquida passa para o estado de gelo, que é que vemos? Todos os estados precedentes devem mostrar-se de novo; o frio fará contrapeso ao calor latente do estado liquido, e o estado akasico sahirá dahi. O estado gazoso derivará seguramente do estado akasico; este estado *gazoso* (vâyava) é posto em evidencia pelos giros e outros movimentos occasionados do liquido pela simples applicação do frio. O movimento, no emtanto, não é de muito longa duração, e quando cessa (passando para o estado akasico), sobrevem o estado de Tejas. Este Estado não é tão pouco de longa duração; passa para o estado akasico: forma-se o gelo.

Ver-se-á facilmente que todos os quatro estados de materia terrestre existem na nossa esphera. O estado ga-

zoso (vâyava) se encontra naquillo a que chamamos de atmosphera; o estado igneo (Tejas) é a temperatura normal da vida terrestre; o estado liquido (Apas) é o oceano; o estado solido (Prithivi) é a *terra firme.* Nenhum desses estados, aliás, existe completamente isolado dos outros; cada um usurpa constantemente os dominios do outro; é assim difficil achar uma porção de espaço que esteja repleta de materia de um só estado. Os dois Tattwas adjacentes se acham entremeados em mais alto grau do que os Tattwas separados por um estado intermediario. Assim, Prithivi ligar-se-á em mais alto grau com a agua do que com Agni e Vayú, e Vayú com Agni mais do que com qualquer outro. Pelo que acabamos de dizer, pareceria, de accordo com a sciencia dos Tattwas, que a chamma e as outras substancias luminosas da terra não estão no estado Tejas (igneo) *terrestre;* estão no estado de materia solar ou vizinhos desse estado.

IV

P R Â N A

OS CENTROS DE PRÂNA — OS NÂDIS — OS CENTROS TATTWICOS DE VIDA — A MUDANÇA ORDINARIA DA RESPIRAÇÃO

Prâna, como já se deixou dito, é esse estado de materia tattwica que rodeia o sol e na qual se movem a terra e os outros planetas; é o estado immediatamente superior á materia terrestre. A esphera terrestre está separada do Prâna solar por um Akasa: esse Akasa é a mãe immediata do Vayú terrestre cuja côr original é azul; eis ahi a razão por que o céo nos parece azul.

Posto que, nesse ponto do céo, o Prâna se transforme em Akasa que dá nascimento ao Vayú terrestre, os raios do sol que caem sobre a terra, vindos do exterior, não são detidos na sua viagem para o interior. São refractados, mas, apesar de tudo, se movem progressivamente na esphera terrestre. Através desses raios, o oceano de Prâna, que rodeia a nossa esphera, exerce sobre ella uma influencia organizadora.

O Prâna terrestre, a vida da terra, que apparece sob a forma de todos os organismos vivos do nosso planeta, não é, no seu conjuncto, mais do que u'a modificação do Prâna solar.

Como a terra se move sobre o seu proprio eixo e ao redor do sol, centros duplos se desenvolvem no Prâna terrestre. Durante a rotação diurna, cada logar, emquanto está submettido á influencia directa do sol, projecta a corrente de vida positiva *do oriente para o occidente*: durante a noite, o mesmo logar projectá a corrente negativa.

No curso annual, a corrente positiva viaja *do norte para o sul*, durante os seis mezes de verão — o dia dos Dévas, — e a corrente negativa durante os seis mezes restantes, — a noite dos Dévas.

O norte e o oriente são sempre consagrados á corrente positiva: os pontos oppostos, á corrente negativa. O sol é o senhor da corrente positiva, a lua a senhora da corrente negativa, porque o Prâna solar caminha da terra para a lua durante a noite.

O Prâna *terrestre* é assim um ser etherico, com centros duplos de trabalho. O primeiro centro é o centro septentrional; o segundo, o centro meridional; ambas as metades desses centros são os centros léste e oéste. Durante os seis mezes do verão, a corrente de vida circula de norte a sul e, no correr dos mezes de inverno, a corrente negativa segue o rumo inverso.

Cada mez, cada dia, cada *nimesha*, essa corrente effectúa uma carreira menor e, emquanto ella continúa a sua marcha, a rotação diurna lhe imprime uma direcção oriental ou occidental. Durante o dia humano, a corren-

te caminha de léste para oéste; durante a noite, de oéste para léste. As direcções da outra corrente são respectivamente oppostas ás precedentes; na pratica, só ha, pois, duas direcções, a de léste e a de oéste. A differença entre as duas correntes norte e sul não é praticamente sensivel na vida terrestre. Essas duas correntes produzem, no Prâna terrestre, duas modificações distinctas dos etheres componentes. Os raios de cada uma dessas modificações ethericas, procedendo dos seus centros differentes, correm uns para os outros, um delles dando a vida, a força e a forma e diversas qualidades ao outro.

Ao longo dos raios que emergem do centro norte, passam as correntes do Prâna positivo; ao longo dos que emergem do centro sul, passam as correntes do Prâna negativo. Os canaes léste e oéste dessas correntes têm respectivamente o nome de Pingala e de Ida, dois dos Nâdis celebres dos Tantristas. Será preferivel discutirem-se os demais sustentaculos de Prâna, quando o tivermos localisado no corpo humano.

A influencia desse Prâna terrestre desenvolve dois centros de acção na materia densa que deve formar um corpo humano. Uma parte da materia se junta em redor do centro norte, e outra parte em torno do centro sul. O centro norte se desenvolve no cerebro, o centro sul no coração. A forma geral desse Prâna terrestre é uma como ellipse; nelle o fóco do norte é o cerebro, o fóco do sul, o coração. A columna, ao longo da qual a materia positiva se junta, corre entre esses dois fócos.

A linha do meio é o sitio em que as divisões léste e oéste, direita e esquerda da columna se reunem. A columna é a *medulla alongada.* A linha central é tam-

bem Sushumna, sendo as divisões, direita e esquerda, Pingala e Ida. Os raios de Prâna que divergem por um e outro lado desses Nâdis não são senão ramificações e constituem juntamente com elles o systema nervoso.

O Prâna negativo agglomera-se em derredor do centro sul. Este toma egualmente uma forma semelhante á forma do primeiro. As divisões direitas e esquerdas dessa columna são as divisões direitas e esquerdas do coração.

Cada divisão tem dois ramos principaes, subdividindo-se cada um delles em ramificações menores. Das duas aberturas de cada caminho uma é uma veia e a outra uma arteria, dando as quatro em quatro camaras, — as quatro petalas do loto do coração. A parte direita do coração, com todas as suas ramificações, chama-se Pingala, a esquerda Ida, a parte mediana Sushumna.

Entretanto, dá que pensar o ser somente do coração que se trata como loto, emquanto que os tres nomes precedentes são postos de parte no systema nervoso. A corrente de Prâna opera para deante e para traz, para dentro e para fóra: jaz a causa disso nas mudanças momentaneas do ser de Prâna. Como o anno caminha para a frente, a cada momento u'a mudança de estado se opera no Prâna *terrestre*, em consequencia da força variavel das correntes solares e lunares. Assim, a falar verdade, cada momento é um ser novo de Prâna; como disse Buddha, toda a vida é momentanea. O momento que é o primeiro a lançar na materia que desenvolverá os dois centros, é a primeira causa da vida organizada. Se os momentos successivos são, nos seus effeitos tattwicos, sympathicos á primeira causa, o organismo ad-

quire força e se desenvolve; do contrario, o impulso torna-se esteril.

O effeito geral desses momentos successivos é conservar a vida geral; mas o impulso de cada momento tende a passar além, quando sobrevêm os outros. Um systema de movimento, para deante e para traz, fica assim estabelecido. Um momento de Prâna procedente do centro de acção caminha para as mais longinquas extremidades dos grossos vasos (vasculares e nervosos) do organismo; o momento seguinte dá-lhe, comtudo, o impulso contrario. A realização do impulso para a frente e a determinação do arremesso contrario levam alguns instantes. Esse periodo varía conforme os diversos organismos. Quando o Prâna marcha para a frente, os pulmões inspiram; quando elle volta, effectua-se o processo de expiração.

O Prâna move-se em Pingala quando elle caminha do centro norte para léste e do centro sul para oéste; elle move-se em Ida quando se dirige para léste. Quer isto dizer que, no primeiro caso, o Prâna se move para o lado direito, através do coração e vae em seguida para o esquerdo e para traz do cerebro e do coração, para o lado esquerdo através do cerebro e depois do lado direito atraz do coração. No ultimo caso, dá-se o contrario. Por outros termos, no primeiro caso, o Prâna se move do systema nervoso para o lado direito, através do systema de vasos sanguineos, depois para o lado esquerdo e, de novo, volta ao systema nervoso, ou do systema sanguineo para o lado esquerdo, através do systema nervoso, depois para o lado direito e por detraz e volta ao systema sanguineo. Essas duas correntes coincidem. No

primeiro caso, succede o contrario. A parte esquerda do corpo, contendo ao mesmo tempo os nervos e os vasos sanguineos pode ser denominada Ida, a parte direita Pingala. Os bronchios direitos e os esquerdos formam tão bem as partes respectivas de Pingala e de Ida como as outras partes das divisões direitas e esquerdas do corpo. Porém, que é Sushumna? Um dos nomes de Sushumna é Sandhi, o ponto em que se juntam Ida e Pingala. E' realmente esse ponto de onde o Prâna pode mover-se de um ou de outro lado, direito ou esquerdo ou, sob diversas condições, de ambos os lados. E' por esse sitio que o Prâna deve passar quando se dirige do lado direito para o esquerdo e do lado esquerdo para o lado direito. E', portanto, ao mesmo tempo, o canal espinal e o canal cardiaco. O canal espinal se extende de Brahmarandhra, o centro norte de Prâna, através da columna vertebral inteira (Bramadanda). O canal cardiaco se extende do centro sul, a meio caminho entre os dois lobulos do coração. Quando o Prâna se move do canal espinal ao lado direito para o coração, o pulmão direito trabalha, entrando e sahindo o alento pela narina direita. Quando elle attinge o canal sul, não se pode sentir o alento por nenhuma narina. Quando, entretanto, elle sáe do canal cardiaco á esquerda, o alento começa a vir da narina esquerda e se escôa através della, até que o Prâna attinja de novo o canal espinal; ahi, de novo a pessoa cessa de sentir o alento de qualquer das narinas. O effeito dessas duas posições de Prâna é identico a respeito do escoamento do halito, e, por conseguinte, os canaes norte e sul são, ao mesmo tempo, designados por Sushumna. Se nos é licito assim dizer, ima-

ginemos que um plano passa a meio caminho entre o canal espinal e o canal cardiaco: esse plano deve passar através do canal de Sushumna; mas entenda-se que, em realidade, não ha um plano. Seria, talvez, mais correcto dizer-se que, como os *raios* positivos de Pingala e de Ida se propagam, ao mesmo tempo, por caminhos taes como os nervos ,e os raios do negativo por caminhos taes como os vasos sanguineos, os raios do Sushumna se disseminam por todo o corpo, a meio caminho entre os nervos e os vasos sanguineos — os Nâdis positivos e negativos. A descripção de Sushumna é a seguinte na Sciencia da Respiração:

"Quando o Folego entra e sáe, um momento pela narina esquerda, e outro pela narina direita, isso é tambem Sushumna. Quando o Prâna está nesse Nâdi, ardem os fogos da morte, chama-se a isso Vishuna. Quando elle se move um momento pela narina direita e outro pela narina esquerda, chama-se a isso o *estado desigual* (Vishunabhâva); quando elle se move através dos dois ao mesmo tempo, a isso os sabios chamam Vishuna".

E mais:

"(E' Sushumna) no tempo da passagem do Prâna do Ida para o Pingala, ou *vice-versa*; e tambem no da mudança de um Tattwa para outro".

Então, o Sushumna tem duas outras funcções. Chama-se-lhe *Veda-Veda* numa das suas manifestações e Sandhycasandhi na outra. Como, entretanto, as direcções direita e esquerda do Prâna cardiaco coincidem com a esquerda e a direita da corrente espinal, ha escriptores que se dispensam do duplo Sushumna; na opinião delles, só o canal espinal é o Sushumna: o *Uttaragîta* e o

Shatachakra Nirûpana são as obras que defendem esse parecer. Esse methodo de explicação remove boa parte da difficuldade; a mais alta recommendação deste modo de ver jaz na sua simplicidade relativa. A corrente do lado direito do coração e a corrente do lado esquerdo da espinha dorsal podem ambas, sem difficuldade alguma, ser tomadas pelas correntes espinaes do lado esquerdo, como as duas correntes restantes podem ser tomadas pelas correntes espinaes do lado direito.

Outra consideração favorece este modo de ver: o systema nervoso representa o sol; o systema sanguineo, a lua. Segue-se dahi que a força real da vida se acha nos nervos. As phases positiva e negativa — solar e lunar — da materia vital não são phases differentes de Prâna, a materia solar. A materia mais remota e, por conseguinte, a mais fria, é negativa em face da mais proxima e mais quente. E' a vida solar que se manifesta nas phases variadas da lua. Deixando de parte os termos technicos, é a propria força nervosa que se manifesta, no systema dos vasos sanguineos, sob formas variadas. Os vasos sanguineos não são senão os receptaculos da força nervosa. Logo, no systema nervoso, a vida real do corpo grosseiro é realmente Ida, Pingala e Sushumna. Estes são, no caso presente, a columna espinal e os sympathicos direito e esquerdo com todas as suas ramificações atravez do corpo.

O desenvolvimento dos dois centros é, assim, o primeiro estadio no desenvolvimento do feto. A materia que se junta sob a influencia do centro norte é a columna espinal; a materia que agglomera em redor do centro sul é o coração. A rotação diurna reparte essas

columnas ou canaes em divisões direitas e esquerdas. Então, a influencia reciproca dos dois centros um contra o outro, desenvolve em cada um desses centros uma divisão superior e uma divisão inferior. Produz isto quasi que da mesma forma e sobre o mesmo principio que os de uma garrafa de Leyde carregada de electricidade positiva em contacto de um botão negativo. Cada um desses centros é, assim, dividido em quatro partes: 1.º) o lado direito positivo; 2.º) o lado esquerdo positivo; 3.º) o lado direito negativo; 4.º) o lado esquerdo negativo. No coração, essas quatro divisões denominam-se auriculas e ventriculos direitos e esquerdos. Os Tantras chamam a essas quatro divisões as quatro petalas do loto cardiaco e as indicam por letras variadas.

As petalas positivas do coração formam o centro de onde procedem os vasos positivos, as arterias: as petalas negativas são os pontos de partida dos vasos negativos, as veias. Esse Prâna negativo é fecundo mediante o auxiilo de dez forças: 1.º) Prâna; 2.º) Apâna; 3.º) Samâna; 4.º) Vyâna; 5.º) Udâna; 6.º) Krikala; 7.º) Nâga; 8.º) Devadatta; 9.º) Dhananjava; 10.º) Kûrma; essas dez forças chamam-se Vayús. O vocabulo Vayú deriva-se da raiz *va*, mover-se, e não significa nada mais do que *um poder motor*. Os Tantristas não devem ser incriminados de definil-o como um gaz. Mais tarde falarei desses Vayús como de forças ou de poderes motores de Prâna. Essas dez manifestações de Prâna são reduzidas por alguns ás cinco primeiras somente, considerando que as outras não são senão modificações das primeiras, as unicas importantes entre as funcções de Prâna; isto, entretanto, não é senão uma questão de di-

visão. Da petala positiva esquerda, o Prâna se junta a um Nâdi que se ramifica no interior do peito, nos pulmões e de novo se reune num Nâdi que se abre na petala negativa direita. Essa corrente inteira forma um como circulo (Chakra). A esse Nâdi chama-se, na sciencia moderna, a arteria e a veia pulmonares. Ambos os pulmões vêm á existencia pelos trabalhos alternativos dos Prânas positivo e negativo dos poderes de léste e de oéste.

Semelhantemente, da petala positiva, lado direito, partem diversos Nâdis que se encaminham, ao mesmo tempo, para cima e para baixo, em duas direcções; a primeira, sob a influencia do poder norte; a segunda, sob a influencia do poder sul. Esses dois Nâdis se abrem na petala negativa esquerda, depois de um caminhar circular através das porções superiores e inferiores do corpo.

Entre a petala positiva esquerda e a petala negativa direita, ha um circulo (chakra): esse Chakra comprehende a arteria pulmonar, os pulmões e a veia pulmonar. O peito cede logar a esse Chakra, que é positivo em relação ás porções inferiores do corpo, por onde correm as ramificações do Chakra inferior, que liga as petalas positiva direita e negativa esquerda.

No Chakra, supra mencionado (na cavidade do peito), se nos depara a séde de Prâna, a primeira e a mais importante das dez manifestações. Sendo a inspiração e a expiração um indicio verdadeiro das mudanças de Prâna, as manifestações pulmonares receberam o mesmo nome. Com as mudanças de Prâna, temos u'a mudança correlativa nas outras funcções da vida. O

Chakra negativo inferior contém as sédes principaes de algumas outras manifestações da vida; este Apâna está localizado no intestino delgado; Samâna no umbigo e assim por deante. Udâna está localizado na garganta; Vyâna por todo o corpo. Udâna causa eructação; Kûrma provoca o abrir e o fechar dos olhos; Krikala, no estomago, causa fome. Em summa, procedente das quatro petalas do coração, temos um tecido inteiro desses vasos sanguineos. Ha duas series desses vasos sanguineos deitados um ao lado do outro em cada parte do corpo, em connexão com innumeros canaezinhos, os vasos capillares.

Lemos no *Prashnopanishad:*

"Do coração partem os Nâdis. Delles ha uns 101 principaes (Pradhâna Nâdis). Cada um destes se ramifica em 100; cada um destes ultimos em 72.000".

Assim, ha 10.100 ramificações de Nâdis, 727.200.000 ainda mais pequenos, que se chamam Nâdisraminhos; a terminologia é imitada da arvore. A raiz está no coração; delle procedem ramos variados. Estes se distribuem em vasos ramificados e estes ainda em vasos menores; todos esses Nâdis reunidos são 727.210.201.

Ora, o Sushumna é um destes; os outros são distribuidos por metade dos dois lados do corpo. Assim, lemos na *Kathopanishad* (6.º Valli, 16.º Mantra):

"Cento e um Nâdis estão em connexão com o coração. Um destes vae para a cabeça. Extinguindo-se por alli, a gente torna-se immortal. Os outros convertem-se na casa da rejeição do principio vital fóra de outros estados variados".

Este que se dirige para a cabeça, observa o commentador, é o Sushumna; o Sushumna, então, é o Nâdi cujo substratum ou reservatorio de força é a espinha dorsal. Dos principaes Nâdis restantes, o Ida é o reservatorio da força vital que opera na parte esquerda do corpo, que tem cincoenta Nâdis principaes. De egual maneira, a parte direita do corpo possue cincoenta Nâdis principaes. Estes continuam a dividir-se como precedentemente. Os Nâdis da terceira ordem tornam-se tenues e, por isso, só podem ser vistos com o microscopio. As ramificações do Sushumna por todo o corpo servem, durante a vida, para transportar o Prâna da porção positiva para a porção negativa e *vice-versa.* No caso do sangue, são os vasos capillares modernos.

Os vedantinos, naturalmente, tomam o coração como ponto de partida dessas ramificações. Os yogis, no emtanto, procedem do umbigo. Assim, no Livro da Sciencia da Respiração, lemos:

"Da raiz situada no umbigo, procedem 72.000 Nâdis que circulam em todo o corpo. E' ahi que dorme a deusa Kundalini, como uma serpente. Desse centro (o umbigo), se erguem dez Nâdis e dez Nâdis descem, dois a dois, tortuosamente".

O numero 72.000 resulta do seu calculo particular. Pouco importa a divisão que adoptamos se comprehendemos a verdade da cousa.

Ao longo desses Nâdis correm as forças variadas que formam e sustentam o homem physiologico. Esses canaes se reunem em diversas partes do corpo como centros de manifestações variadas de Prâna: é como a agua que

cáe de uma collina e se junta em lagos diversos, de cada um dos quaes emanam rios. Esses centros são:

1) Centros do poder da mão; 2) Centros do poder do pé; 3) Centros do poder da palavra; 4) Centros do poder excretivo; 5) Centros do poder reproductor; 6) Centros do poder digestivo e absortivo; 7) Centros do poder respiratorio; 8) Centros do poder dos cinco sentidos.

Aquelles Nâdis que operam nas sahidas do corpo desempenham as mais importantes funcções; chamam-se-lhes, por conseguinte, os dez principaes Nâdis de todo o systema. São elles:

1 — Ghandârî, indo para o olho esquerdo.

2 — Hastijihva, indo para o olho direito.

3 — Pûsha, indo para o ouvido direito.

4 — Yashasvinî, indo para o ouvido esquerdo.

5 — Alambusha ou Alammukha (como variante de um M. S), indo para a bocca. E', evidentemente, o canal alimentar.

6 — Kahû, indo para os orgãos reproductores.

7 — Shankhinî, indo para os orgãos excretores.

8 — Ida, conduzindo para a narina esquerda.

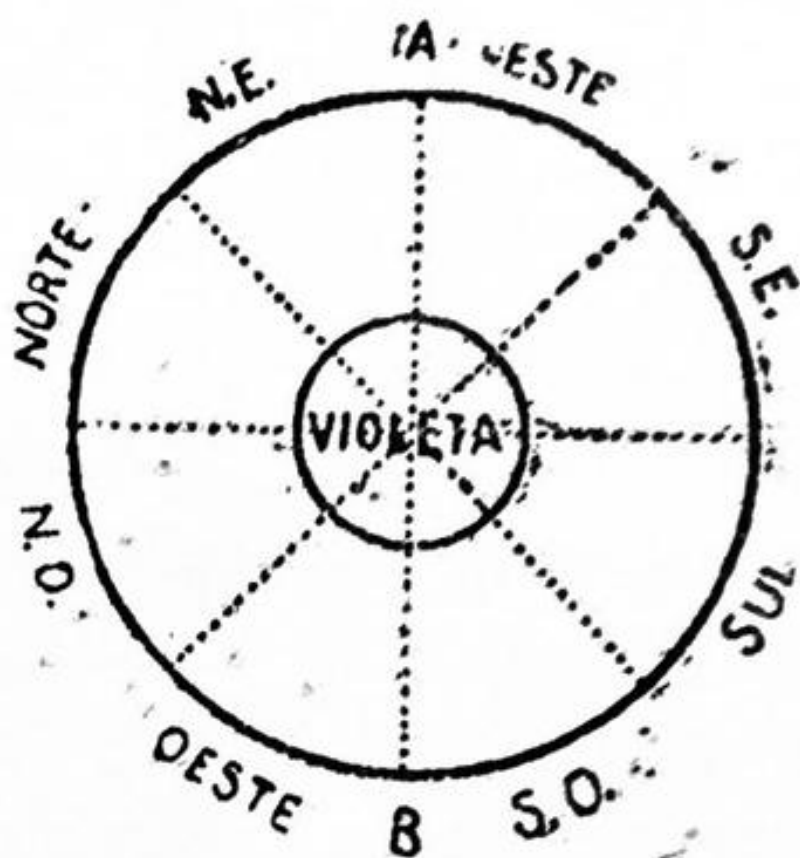
9 — Pingala, conduzindo para a narina direita. Parece que esses nomes são dados a esses Nâdis locaes, pela mesma razão que a manifestação pulmonar de Prâna é conhecida sob o mesmo nome.

10 — Sushumna, cujas phases e manifestações variaveis já deixámos explicadas.

Ha, além disso, dois escoadouros do corpo que recebem o seu desenvolvimento natural na mulher: são

os seios. Pode bem ser que o Nâdi Damîni, de que não se fez nenhuma menção especial, se encaminhe para um delles. Seja como fôr, o principio da divisão e da classificação é claro e como que acceito actualmente.

No systema existem tambem centros de poderes moraes e intellectuaes.

Lemos, assim, no *Vishramopanishad* (a figura junta explicará a traducção):

1. "Quando a intelligencia fica na porção (ou petala) oriental, que é de côr branca, ella se inclina então para a paciencia, a generosidade e o respeito.

2. "Quando a intelligencia permanece na porção sudeste, que é de côr vermelha, ella propende para o somno, o torpor e o mal.

3. "Quando a intelligencia pára na porção sul, ella dá pendor para a colera, a melancolia e as más tendencias.

4. "Quando a intelligencia permanece na porção sudoeste, que é de côr azul, dá pendor para o ciume e a astucia.

5. "Quando a intelligencia fica na porção léste, que é de côr morena, faz propender para o riso, o amor e a alegria.

6. "Quando a intelligencia pára na porção noroeste, que é de côr indigo, faz inclinar para a anciedade, o desgosto continuo e a apathia.

7. "Quando a intelligencia estaciona na porção norte, que é de côr amarella, dá propensão para o amor, a alegria e a adoração.

8. "Quando a intelligencia fica na porção nordeste, que é de côr branca, ella inclina para a piedade, a caridade, a reflexão e a religião.

9. "Quando a intelligencia permanece nos Sandhis (conjuncções) dessas porções, então sobrevêm o mal-estar e a confusão no corpo e na casa, e ella faz propender para os tres caprichos.

10. "Quando a intelligencia se detém na porção media, que é de côr violeta, a consciencia ultrapassa as qualidades (as tres qualidades de Mâya) e inclina para a intelligencia".

Quando um desses centros está em acção, a intelligencia fica consciente da mesma especie de sensação e inclina para elle. Os passes mesmericos só servem para excitar esses centros.

Esses estão localisados tanto na cabeça como no peito, na região abdominal, nos rins, etc.

São esses centros, assim como o coração mesmo, que se denominam Padmas ou Kamalas (loto), alguns destes são grandes, outros pequenos, pequenissimos. Um loto tantrico é typo de um organismo vegetal, uma raiz com ramos variados e, por conseguinte, com raizes das

Padmas, os Nâdis que se ramificam nesses centros são os seus diversos ramos.

Os plexos nervosos dos anatomistas modernos coincidem com esses centros. Do que acima temos dito, parece que elles são constituidos por vasos sanguineos. Mas a unica differença entre os nervos e os vasos sanguineos é a mesma que a que existe entre os Prânas positivo e negativo; os nervos formam o systema positivo, o vaso sanguineo o systema negativo do corpo. Por onde quer que haja nervos, ha vasos correspondentes. Ambos denominam-se indifferentemente Nâdis. Uma serie tem por centro o loto do coração; a outra, o loto de mil petalas do cerebro. O systema dos vasos sanguineos é uma pintura exacta do systema nervoso; a sua sombra, em verdade. Como o coração, tem o cerebro as suas divisões superiores e inferiores, o cerebro e o cerebello, e, da mesma forma, as suas divisões direitas e esquerdas. Os nervos que vão para os dois lados do corpo e que delles voltam, juntamente com os que vão para as divisões superiores e inferiores, correspondem ás quatro petalas do coração. Esse systema possue, pois, tantos centros de energia como o outro. Esses centros coincidem em posição. São, com effeito, os mesmos: os plexos nervosos e os ganglios da anatomia moderna. Assim, segundo me parece, os Padmas tantricos não só somente os centros do poder nervoso do Prâna positivo norte, mas tambem, e necessariamente, os do Prâna negativo.

A traducção da Sciencia da Respiração que é apresentada ao leitor tem duas secções que enumeram as acções variadas que devem ser realizadas durante o

fluxo da respiração positiva e durante o da respiração negativa.

Ellas não mostram nada mais do que aquillo que pode ser facilmente verificado; que certas acções são mais bem feitas pela energia positiva e as outras pela energia negativa. A absorpção das substancias chimicas e das suas transformações são actos como os outros; certas substancias chimicas são melhor assimiladas pelo Prâna negativo (*), e outros pelo Prâna positivo (**).

Certas sensações, das nossas, produzem effeitos mais duraveis sobre o Prâna negativo, e outras sobre o Prâna positivo.

O Prâna tem agora disposto a materia grosseira do utero nos systemas nervosos e sanguineos. O Prâna, como já vimos, é constituido de cinco Tattwas e os Nâdis não servem senão das linhas por onde as correntes tattwicas possam correr. Os centros tattwicos supra citados são centros de força tattwica; os centros tattwicos da parte direita do corpo são solares, os da parte esquerda, lunares. Essas duas series de centros, ao mesmo tempo centros solares e centros lunares, são de cinco sortes; a sua especie é determinada pelos chamados ganglios nervosos; os ganglios semi-lunares são o reservatorio do Apas Tattwa. Temos egualmente reservatorios das outras forças.

Desses reservatorios centraes, as correntes tattwicas correm seguindo as mesmas e realizando as acções variadas que lhes estão reservadas na economia physio-

---

(*) O leite e as outras substancias gordas, por exemplo.
(**) Tal como a alimentação quando é digerida pelo estomago.

logica. Tudo quanto, no corpo humano, possue mais ou menos cohesão é feito de Prithivi Tattwa. Mas, no corpo, os Tattwas diversos trabalham imprimindo differentes qualidades nas diversas partes do corpo.

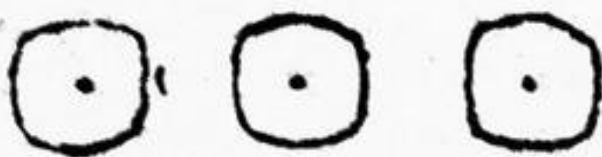
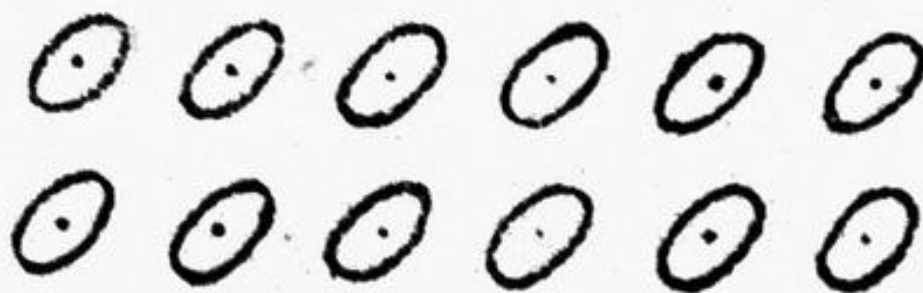
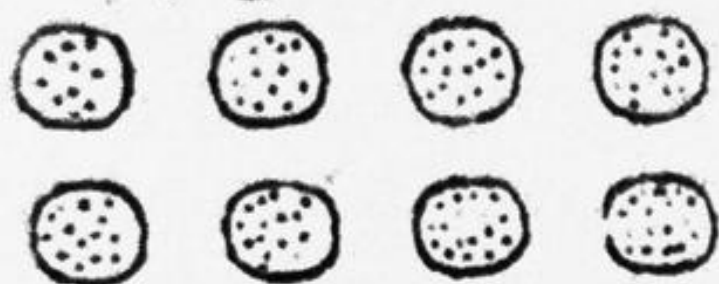
O Vayú Tattwa, entre outros, preenche as funcções de engendrar a pelle e alimental-a; o positivo nos dá a pelle positiva e o negativo nos dá a pelle negativa. Cada uma dellas conta seis camadas:

1) Vayú-Puro; 2) Vayú-Agni; 3) Vayú-Prithivi; 4) Vayú-Apas; 5) Vayú-Akasa.

Essas cinco classes de cellulas têm as formas seguintes:

1. Vayú-Puro. — E' a esphera completa do Vayú.

2. Vayú-Agni. — O triangulo é superposto na esphera, e as cellulas quasi que apresentam o córte seguinte:

3. Vayú-Prithivi. — E' o resultado da superposição do Prithivi quadrangular no Vayú espherico.

4. Vayú-Apas. — Uma como ellipse: a meia lua collocada na esphera.

5. Vayú-Akasa. — A esphera achatada pela superposição do circulo e pontilhada.

Um exame microscopico da pelle mostrará que as suas cellulas apresentam esse aspecto.

Da mesma forma, os ossos, os musculos e a gordura têm nascimento no Prithivi, no Agni e no Apas. O Akasa apparece em posições variadas. Onde quer que haja logar para uma substancia, ahi se encontra o Akasa. O sangue é u'a mistura de substancias nutritivas conservadas no estado fluidico pelo Apas Tattwa do Prâna.

Viu-se que, ao mesmo tempo que o Prâna terrestre é u'a manifestação exacta do Prâna solar, a manifestação humana é uma expressão exacta de um e do outro. O microcosmo é uma pintura exacta do macrocosmo. As quatro petalas do loto do coração dividem-se realmente em doze Nâdis (k, kh, g, gh, n, ch, chh, j, jh, n, t, th). O cerebro tem egualmente doze pares de nervos: são os doze signos do Zodiaco, ao mesmo tempo nas suas phases positivas e negativas. O sol se levanta trinta e uma vezes em cada signo. Temos, portanto, trinta e um pares de nervos. Em vez de pares, falaremos de Chakras (discos ou circulos), na linguagem do Tantras. Por onde quer que os trinta e um Chakras espinaes ligados com os doze pares de nervos do cerebro passem através do corpo, temos correndo, lado a lado, os vasos sanguineos que procedem dos doze Nâdis do coração. A unica differença entre os Chakras espinaes e os Chakras

cardiacos é que os primeiros estão collocados através do corpo, emquanto que os outros estão postos no sentido do seu comprimento. As cordas sympathicas consistem em linhas de centros tattwicos, os Padmas ou Kamalas. Esses centros se collocam nos trinta e um Chakras supra referidos. Assim, de cada um dos dois centros de acção, o cerebro e o coração, os signos do Zodiaco em seus aspectos positivos e negativos, parte um systema de Nâdis. Os Nâdis de cada centro correm em outro de tal forma que uma serie se acha sempre lado a lado com outra. Os trinta e um Chakras da espinha dorsal recebem a luz dos trinta e um nascimentos de sol e lhes correspondem; e os do coração com os trinta e um occasos de sol dos signos zodiacaes. Nesses Chakras estão centros tattwicos variados; uma serie positiva, a outra negativa. Os primeiros rendem fidelidade ao cerebro com o qual estão ligados pelas cordas sympathicas, os ultimos obedecem ao coração com o qual se acham em connexões variadas; ao duplo systema chama-se Pingala do lado direito, Ida do lado esquerdo. Os ganglios dos centros Apas são semi-lunares, os dos centros Tejas, Vayú, Prithivi e Akasa são respectivamente triangulares, esphericos, quadrangulares e circulares. Os dos Tattwas compostos têm formas compostas. Cada centro tattwico possue ganglios de todos os Tattwas que o rodeiam.

Nesse systema de Nâdis, move-se o Prâna. Quando o sol passa pelo signo de Aries, no macrocosmo, o Prâna passa pelos Nâdis (nervos) correspondentes do cerebro. Dahi elle desce cada dia para a espinha dorsal. Ao nascer do Sol, elle desce ao primeiro Chakra espinal para o lado direito; e assim para o Pingala. Ao correr dos ner-

vos do lado direito, elle se move, passando, ao mesmo tempo, pouco a pouco, para os vasos sanguineos. Em cada dia, até ao meio dia, a força desse Prâna se torna maior nos Chakras nervosos do que nos Chakras venosos. Ao meio dia, elles se tornam de força egual. A' tardinha (ao pôr do sol), o Prâna tem passado com toda a sua força para os vasos sanguineos. Dahi elle se junta ao coração, centro negativo sul. Derrama-se então pelos vasos sanguineos do lado esquerdo, passando gradualmente para os nervos. A' meia-noite, está a força egualada; de manhã (Prâtahsandhyâ) o Prâna está justamente na espinha dorsal, dahi entra elle a viajar ao longo do segundo Chakra (disco, circulo): é a carreira da corrente solar de Prâna. A lua dá origem ás outras correntes menores; a lua se move umas doze vezes mais rapida que o sol. Logo, emquanto o sol passa por um Chakra (isto é, durante sessenta ghâris dia e noite), a lua passa por doze Chakras impares. Por conseguinte, temos nós doze mudanças impares de Prâna durante 24 horas. Supponhamos que a lua principie tambem em Aries; ella começa, como o sol, no primeiro Chakra e leva 58 minutos e 4 segundos para chegar da espinha dorsal ao coração e outros tantos minutos para voltar do coração á espinha dorsal.

Ambos esses Prânas se movem, nos seus respectivos giros, ao longo dos centros tattwicos acima mencionados. Cada um delles está presente ao mesmo tempo sobre toda a mesma classe de centros tattwicos, em todos os logares do corpo.

Elle se manifesta em primeiro logar nos centros Vayú, depois nos centros Tejas, logo nos centros Prithi-

vi e, por derradeiro, nos centros Apas. O Akasa vem depois de cada um e precede immediatamente o Sushumna. Quando a corrente lunar passa da espinha para o lado direito, a respiração sáe da narina direita e, tanto tempo quanto a corrente de Prâna permanecer na parte posterior do corpo, os Tattwas se transformam do Vayú para Apas. Quando a corrente passa para a parte anterior da metade direita, os Tattwas voltam do Apas para o Vayú. Quando o Prâna passa para o coração, já não se sente mais o alento sahindo do nariz. Quando elle passa do coração para o lado esquerdo, entra o alento a correr para fóra da narina esquerda e, por tanto tempo quanto elle estiver na parte anterior do corpo, os Tattwas se mudam de Vayú para Apas. Elles se transformam de novo, como precedentemente, até que o Prâna attinja a espinha dorsal quando temos o Akasa de Sushumna. Tal é a mudança uniforme de Prâna que soffremos no estado de saude perfeita. O impulso que foi dado ao Prâna em seu local pelas forças do sol e da lua, que dão o poder activo e a existencia ao Prâna, seu prototypo, o faz trabalhar da mesma forma para todo o sempre.

O trabalho do livre arbitrio humano e de certas outras forças mudam a natureza do Prâna local e o individualizam de tal sorte que ellas o tornam distincto do Prâna universal, terrestre ou ecliptico. Com a natureza variavel de Prâna, a ordem das correntes tattwicas, positivas e negativas, pode ser affectada em graus diversos. A molestia é o resultado dessa variação. Com effeito, o escoar do alento é o mais seguro indicio das mudanças tattwicas do corpo. O equilibrio das correntes

tattwicas positivas e negativas tem o seu effeito na saude, emquanto que a desorganização da sua harmonia produz a molestia. A sciencia do escoar do alento é, portanto, da mais alta importancia para todo aquelle que zela da sua propria saude e da dos que o rodeiam; é, ao mesmo tempo, o mais elevado, o mais util, o mais comprehensivel, o mais facil e mais interessante ramo da yoga. Ella nos ensina a maneira de guiar o nosso querer para effectuarmos as mudanças desejadas na ordem e natureza das nossas correntes tattwicas positivas e negativas. Isto se faz do modo seguinte: toda acção physica é Prâna em certo estado; se não fosse o Prâna, não haveria acção e toda acção é o resultado das differentes harmonias das correntes tattwicas. Assim, o movimento de uma parte qualquer do corpo resulta da actividade dos centros Vayú nessa parte. Da mesma forma, onde quer que haja actividade nos centros Prithivi, temos um sentimento de alegria e satisfação. As causas das sensações são semelhantes.

Reconhecemos que, emquanto estamos deitados, mudamos de lado quando a respiração sáe pela narina correspondente. Dahi concluimos que, se estamos deitados de um lado ou de outro, a respiração se escoará pela narina opposta. Portanto, quando julgarmos necessario mudar pelas positivas as condições negativas do nosso corpo, temos que recorrer a esse expediente. Mais tarde emprehendemos uma investigação nos effeitos physiologicos de Prâna sobre a espira grosseira e sobre os effeitos contrarios da acção grosseira sobre o Prâna.

O Prânamaya Kosha (espira de vida) se muda em tres estados differentes durante o dia e a noite: a vi-

gilia, o sonho, o somno (Jâgrat, Svapna, Susupti). Essas tres mudanças produzem mudanças correspondentes no Manomaya Kosha (o corpo mental) e, dahi provém a consciencia das mudanças de vida. Com effeito, a intelligencia reside atraz do Prâna. As cordas (linhas tattwicas) daquelle instrumento são mais finas que as deste; é que, no primeiro, durante o mesmo espaço de tempo, temos um numero maior de vibrações do que no ultimo. No emtanto, as suas tensões se supportam reciprocamente, numa relação tal que, sob as vibrações de uma, a outra entra a vibrar por si mesma. As mudanças dão, pois, á intelligencia uma apparencia semelhante e produz-se a consciencia do phenomeno. Entretanto, não tratareis disto por ora. O meu objectivo actual é descrever todas essas mudanças de Prâna, naturaes ou induzidas, que constituem a somma da nossa experiencia do mundo e que, durante os seculos da evolução, accordaram o proprio espirito do seu estado latente. Essas mudanças, como eu já disse, dividem-se por si mesmas em tres estados geraes: a vigilia, o sonho e o somno.

A vigilia é o estado positivo; o somno, o estado negativo de Prâna; o sonho é a conjuncção dos dois (Sushumna Sandhi). Como já ficou estabelecido, a corrente solar viaja numa direcção positiva durante o dia, emquanto estamos accordados. Quando se approxima a noite, a corrente positiva se assenhoreia do corpo. Ella ganha tanta força que os orgãos sensoriaes e os orgãos activos perdem todas as relações com o mundo exterior. A percepção e a acção cessam e o estado de vigilia desapparece.

O excesso da corrente positiva distende as cordas dos differentes centros de trabalho e, por essa razão, elles cessam de responder ás mudanças ethericas ordinarias da natureza externa. Se, nesse momento, a força da corrente positiva ultrapassasse os limites ordinarios, seguir-se-ia a morte, e o Prâna cessaria de ter qualquer connexão com o corpo grosseiro, vehiculo ordinario das mudanças tattwicas externas. Mas, justamente no momento em que o Prâna sáe do coração, a corrente negativa opera e entra a contrariar os effeitos de outro.

Quando o Prâna attinge a espinha dorsal, os effeitos da corrente positiva desapparecem e nós despertamos; se, nesse momento, a força da corrente negativa excedesse os limites ordinarios, por uma causa ou por outra, seguir-se-ia a morte, mas justamente nesse momento, a corrente positiva opera á meia-noite e começa a contrariar os effeitos da outra. Um equilibrio das correntes positivas e negativas retem, assim reunidos, o corpo e a alma; um excesso de força de uma ou da outra corrente faz desapparecer a morte. Vemos, pois, que ha duas especies de morte: a morte positiva ou espinal, e a morte negativa ou cardiaca. Naquella, os quatro principios superiores saem do corpo através da cabeça, o Brahmarandhra, ao longo da espinha dorsal; nesta, elles saem da bocca através dos pulmões e da tracheaarteria. Além dessas mortes, fala-se geralmente de seis mortes tattwicas. Todas essas mortes assignalam os seis caminhos para os principios superiores. Destas, no emtanto, falaremos detidamente mais tarde. Neste estadio, estudemos a fundo as mudanças de Prâna.

Ha certas manifestações de Prâna que achamos egualmente em vigor nos tres estados. Como precedentemente já dissemos, essas manifestações têm sido classificadas por alguns escriptores sob cinco epigraphes. Elles têm varios centros de trabalho em differentes partes do corpo, de onde elles asseguram o seu dominio sobre cada parte do corpo physico. Assim:

POSITIVO	NEGATIVO
1. Prâna, pulmão direito.	1. Prâna, pulmão esquerdo.
2. Apâna, o apparelho que evacua os residuos, o intestino delgado.	2. Apâna, o apparelho urinario.
3. Samâna, o estomago.	3. Samâna, o duodeno.
4. Vyâna, por todo o corpo, apparecendo em estados variados, em differentes orgãos (lado direito).	4. Vyâna, por todo o corpo (lado esquerdo).
5. Udâna, para os centros espinaes e cardiacos (lado direito) e para a região da garganta.	5. Udâna, centros espinaes e cardiacos (lado esquerdo), etc.

1. Prâna é aquella manifestação da espira de vida que conduz o ar atmospherico do exterior para o systema.

2. Apâna é aquella manifestação que lança de dentro para fóra do systema as cousas de que elle já não necessita.

3. Samâna é aquella manifestação que introduz a nutrição em cada parte do corpo.

4. Vipâna é aquella manifestação pela qual cada parte do corpo conserva a sua forma e resiste, por con-

seguinte, ás forças de putrefacção que se affirmam num cadaver.

5. Udâna é aquella manifestação que volta as correntes de vida para os centros: o coração e o cerebro. E', pois, aquella manifestação que causa a morte local ou geral.

Se Prâna se desprende de uma parte qualquer do corpo (por uma ou outra razão), essa parte perde o seu poder de acção. E' a morte local. Desse modo é que nos tornamos surdos, mudos, cegos, etc. Dessa maneira é que padece a nossa digestão e assim por deante. A morte geral é semelhante nas suas operações. Por um excesso de força de uma ou de outra das duas correntes, o Prâna fica no Sushumna e dalli não se vae. A força adquirida pelo trabalho começa então a desapparecer. Quanto mais longe as partes estão dos centros — o coração e o cerebro — tanto mais cedo ellas morrem. Assim é que o pulso deixa de ser sentido primeiramente nas extremidades e, em seguida, cada vez mais perto do coração, até que o não achamos mais em parte alguma.

Por outro lado, esse impulso para cima é que, sob condições favoraveis, causa o crescimento, a leveza e a agilidade.

Além dos orgãos do corpo já mencionados ou indicados, a manifestação de Vyâna serve para que os cinco orgãos dos sentidos e os orgãos da acção conservem a sua forma. Os orgãos do corpo grosseiro e os poderes do Prâna que se manifestam no trabalho têm ambos os mesmos nomes. Assim, temos:

Orgãos e Poderes activos

1. Vak, os orgãos vocaes e o poder da palavra.
2. Pâni, as mãos e o poder manual.
3. Pâda, os pés e o poder de andar.
4. Pâyu, o anus.
5. Upasthâ, os orgãos da geração e os poderes que os congregam.

Orgãos e Poderes sensoriaes

1. Chaksuh, o olho e o poder ocular.
2. Tvak, a pelle e o poder tactil.
3. Shrotra, o ouvido e o poder sonoro.
4. Rasanâ, a lingua e o poder gustativo.
5. Gaudha, o nariz e o poder olfactivo.

O facto é que os differentes poderes são os orgãos correspondentes do principio de vida. Será muito instructivo o traçar as mudanças tattwicas e as influencias dessas manifestações varias da vida.

Prâna, durante o periodo da saude, opera em todo o systema numa classe de centros tattwicos ao mesmo tempo. Vemos assim que, durante o curso da corrente positiva e durante o curso da corrente negativa, temos ao mesmo tempo cinco mudanças tattwicas. A côr do Prâna durante o predominio da corrente negativa é branca pura; durante o da corrente positiva é branca avermelhada. A primeira é mais calma e suave que a derradeira.

As mutações tattwicas fornecem a cada uma dessas cinco manifestações novas phases de côr. Eil-as aqui:

Positivo-Branco Avermelhado

1. O Vayú Tattwa, verde.
2. Agni Tattwa, vermelho.
3. Prithivi Tattwa, amarello.
4. Apas Tattwa, branco.
5. Akasa Tattwa, negro.

Negativo-Branco Puro

1. O Vayú Tattwa, verde.
2. Agni Tattwa, vermelho.
3. Prithivi Tattwa, amarello.
4. Apas Tattwa, branco.
5. Akasa Tattwa, negro.

Ha, evidentemente, uma certa differença entre as phases Tattwicas das côres positivas e negativas. Ha, assim, dez phases geraes de côr.

A corrente positiva — o branco avermelhado — é mais quente que a negativa — o branco puro. Pode-se, pois, dizer, de modo geral, que a corrente positiva é quente, a corrente negativa é fria. Cada uma dellas soffre, pois, cinco mudanças de temperatura. O Agni é o mais quente, seguindo-se-lhe o amarello. O Akasa é o estado que não aquece nem esfria. Esse estado é, pois, o mais perigoso de todos e, se fôr prolongado, causa a morte, o mal-estar e a fraqueza.

E' evidente que, se os Tattwas refrigerantes não se põem em acção em tempo opportuno após os Tattwas aquecedores, para contrariarem o effeito accumulado por estes ultimos, as funcções da vida serão alteradas. A côr e a temperatura convenientes, pelas quaes essas funcções operam no seu vigor, serão perturbadas, e o mal-estar, a morte e a fraqueza não são nada mais do que essa perturbação em diversos graus. Semelhante é o caso se os Tattwas aquecedores não actuam em tempo opportuno depois dos Tattwas refrigerantes.

Comprehender-se-á facilmente que essas mudanças de côr e de temperatura tattwica não são inopinadas. Passa, facil e suavemente, uma para a outra e as misturas tattwicas produzem côres innumeraveis, tantas quantas, com effeito, o Prâna solar possue. Cada uma dessas côres tende a conservar o corpo em boa saude, se ella permanece em acção tanto tempo quanto deve permanecer, mas apenas a direcção muda, resulta dahi a

molestia. Ha, portanto, possibilidade de tantos incommodos, quantas côres ha no sol.

Se a duração de uma côr qualquer fôr prolongada, deve haver uma ou mais de uma que lhe tenha cedido uma parcella da sua parte de duração; semelhantemente, se uma côr toma menos tempo do que deve, ha uma ou mais que lhe tomam o logar. Isto suggere-nos dois methodos no tratamento das molestias.

Porém, antes de falarmos delles, ser-nos-á necessario penetrar por completo nos periodos ideaes dos Tattwas. Voltemos agora ao Prâna; essa manifestação pulmonar do principio de vida é a mais importante de todas, porque o seu trabalho nos fornece a medida mais digna de fé do estado tattwico do corpo. Por isso é que o de Prâna foi dado de preferencia a essa manifestação.

Ora, como o Prâna opera nos centros Tejas pulmonares (isto é, nos centros do ether luminoso), os pulmões recebem uma forma triangular de expansão, o ar atmospherico afflue e o processo da inspiração é completo. A cada Truti, imprime-se um impulso de regresso nas correntes de Prâna. Os pulmões retomam, com essa corrente de retorno, o seu estado estacionario e expelle o excesso de ar: tal é o processo de expiração. O ar que é assim repellido dos pulmões reveste uma *forma triangular*; o vapor de agua que contém esse ar nos fornece um methodo para testemunhar pela experiencia essa verdade, em certa medida. Se tomarmos um vidro polido, brilhante e o collocarmos deante do nariz, soprando com firmeza sobre a sua superficie fria, o vapor de agua do ar ficará condensado nella e veremos que essa superficie apresenta uma figura particular. No caso do

Agni puro, a figura desenhada sobre o vidro será um triangulo. E' bom que outra pessoa olhe attentamente para o espelho, porque a impressão se desvanece rapidamente e pode escapar á pessoa que sopra.

Com a corrente dos outros Tattwas, os pulmões são lançados nas suas formas respectivas e o espelho nos dá as mesmas figuras. Assim, no Apas, temos a meia lua; no Vayú, a esphera; em Prithivi, o quadrilatero.

Com a composição desses Tattwas, podemos obter outras figuras, oblongas, quadradas, esphericas e assim por deante.

Pode-se assim verificar que o ether luminoso vehicula os materiaes tirados do ar atmospherico para os centros do ether luminoso e dahi para cada parte do corpo. Assim os outros etheres transportam esses materiaes para os seus centros respectivos. Não é necessario traçar os trabalhos das outras manifestações uma por uma. Pode-se dizer, entretanto, que, ainda que os cinco Tattwas operem em todas as manifestações, cada uma dessas manifestações é consagrada a um desses Tattwas. Dest'arte, em Prâna, o Vayú Tattwa prevalece, em Samâna o Agni, em Apâna o Prithivi, em Vyâna o Apas, em Udâna o Akasa. Lembrarei ao leitor que a côr geral do Prâna é branca, e isto mostrará como o Apas Tattwa prevalece em Vyâna. As trevas do Akasa são as trevas da morte, etc., causadas pela manifestação de Udâna.

Durante a vida, essas dez mudanças se realizam em Prâna a intervallos de cerca de 26 minutos cada uma. Na vigilia, o somno ou sonho, essas mudanças nunca cessam. Somente nos dois Sushumnas ou no Akasa é

que essas mudanças se tornam potenciaes por momentos, porque por elles é que essas manifestações tattwicas se mostram sobre o plano do corpo. Si esse momento se prolonga, as forças de Prâna permanecem potenciaes e, na morte, o Prâna fica assim no estado potencial.

Quando são afastadas essas causas que tendem a alongar o periodo de Sushumna e, por conseguinte, a provocar a morte, esse Prâna individual passa do estado potencial para o estado actual, positivo ou negativo, conforme o caso. Elle dá energia á materia e desenvolve na forma para a qual tendem as suas potencialidades accumuladas.

Pode-se dizer agora alguma cousa ácerca do trabalho dos

Orgãos sensoriaes e activos

Todo trabalho, encarado de modo geral, é um movimento tattwico. Esse trabalho é capaz de ser levado a effeito, durante o estado de vigilia; não, porém, no somno ou em sonho. Esses dez orgãos têm côres geraes. Assim:

Orgãos sensoriaes	*Orgãos activos*
1. Olho, Agni, vermelho.	1. Mão, Vayú, azul.
2. Ouvido, Akasa, negro.	2. Pé, Prithivi, amarello.
3. Nariz, Prithivi, amarello.	3. Lingua (palavra), Apas, branco.
4. Lingua (gosto), Apas, branco.	4. Anus, Akasa, negro.
5. Pelle, Vayú, azul.	5. Pubis, Agni, Vermelho.

Ainda que estes sejam os Tattwas que prevalecem geralmente nesses centros variados, todos os outros Tattwas existem nelles, em posição subordinada. Assim, no olho, temos um amarello avermelhado, um branco avermelhado, um negro avermelhado, um azul avermelhado, e, semelhantemente, em outros orgãos. Essa divisão em cinco, de cada uma dessas côres, só é geral; em realidade, ha uma variedade innumeravel de côres em cada uma dellas.

A cada acto de cada um desses dez orgãos, o orgão em especial e todo o corpo em geral tomam uma côr differente, a côr do movimento tattwico particular que constitue esse acto.

Todas essas mudanças de Prâna constituem a somma total da nossa experiencia do mundo. Provido desse apparelho, o Prâna começa a sua peregrinação humana em companhia de uma intelligencia que não é evoluida senão na medida em que elle redime o "Eu sou" do Ahankâra ou Vjinâna, o quarto principio a partir de baixo, nessas manifestações de Prâna. O tempo imprime nelle todas as côres innumeraveis do universo. As apparencias visuaes, tangiveis, gustativas, auditivas e olfactivas em toda a sua variedade, se reunem em Prâna da mesma forma que a nossa experiencia diaria nos ensina que uma corrente electrica transporta diversas mensagens num só e mesmo instante. De egual maneira, as apparencias dos orgãos activos e as cinco funcções geraes restantes do corpo se juntam nesse Prâna para se manifestarem em tempo opportuno.

Alguns exemplos tornarão isso mais claro. Em primeiro logar, falaremos das

Relações sexuaes

O Agni Tattwa gerador do macho é positivo; o da mulher, negativo. Aquelle é mais quente, mais duro e mais agitado que este; este é mais frio, mais unido e mais calmo que aquelle. Não falarei aqui senão da coloração de Prâna pela acção ou a não-acção desse poder. O Agni positivo tende a correr no negativo e *vice-versa*. Se não lhe é permittido fazel-o, os impulsos repetidos desse Tattwa voltam sobre si mesmos, o centro adquire força maior e o Prâna inteiro vae-se, cada vez mais, colorindo diariamente de vermelho profundo. Os centros do Agni Tattwa tornam-se mais fortes na sua acção por todo o corpo, emquanto que os outros contraem um matiz vermelho geral. Os olhos e o estomago ficam mais fortalecidos. Se, no emtanto, o homem se entrega aos seus instinctos sexuaes, o Prâna macho se acha colorido pelo Agni femea e *vice-versa*. Isso tende a debilitar todos os cêntros desse Tattwa e ministrar ao Prâna inteiro uma côr feminina. O estomago tambem torna-se frio, os olhos enfraquecem e o poder viril do homem desapparece. Se mais de um Agni femea individual toma posse do Prâna macho e *vice-versa*, o Tattwa antagonista geral torna-se mais profundo e mais forte, o Prâna inteiro fica viciado em maior escala; e dahi resulta uma debilidade maior; a espermatorrhéa, a impotencia e outras tantas côres antagonicas tomam posse do Prâna. Além disso, as individualidades separadas dos agnis machos ou femeas que se assenhorearam de um Prâna tenderão a repellir-se reciprocamente.

Supponhamos que um homem seja

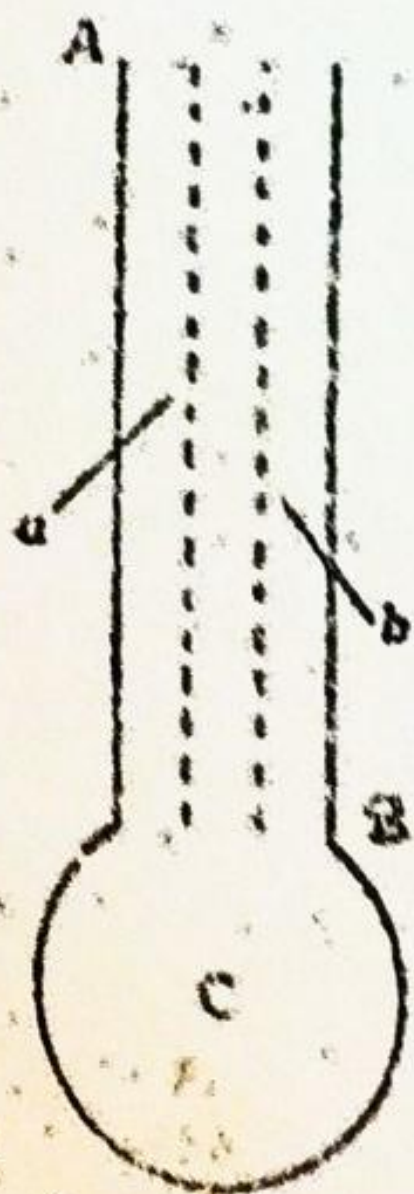
Um andarilho

O Prithivi Tattwa dos pés adquire força; a côr amarella penetra o Prâna inteiro. Os centros Prithivi entram a trabalhar com vigor por todo o corpo; Agni recebe um reforço suave e salutar para o seu poder; o systema inteiro propende para o equilibrio da saude — nem muito quente, nem muito frio — e um sentimento geral de satisfação acompanhado de vigor, de enthusiasmo, um afan de goso resulta dahi.

Exemplifiquemos mais uma vez as operações de

Vâk (o Discurso, a Palavra)

e então terei terminado com os orgãos da acção. O poder (Shakti) da palavra (Vâk, Sarasvatî) é uma das mais importantes divindades do Pantheão hindú. O principal elemento de Prâna que concorre para a formação desse orgão é o Apas Tattwa. A côr da deusa deve, pois, ser branca, como já se disse. As cordas vocaes com a larynge adeante formam a Vinâ (instrumento de musica) da deusa.

A a b B C

Nesta secção do apparelho vocal, A B é a thyroidéa, uma larga cartilagem que forma a projecção da garganta e muito mais proeminente no homem do que na mulher. Mais abaixo, jaz a cartilagem anular cricoidea, C. Por detraz desta — ou, para melhor dizer, por cima desta — estão esboçadas as cordas *a* e *b*.

Passando por essas cordas no acto da respiração, o ar atmospherico põe-n'as em vibração e dahi resulta o som. De ordinario, essas cordas se acham demasiado frouxas e, por isso, não podem dar som algum. O Apas Tattwa, a deusa da palavra, branca como o leite, preenche a importante funcção de estical-as. Quando a corrente semi-lunar do Apas Tattwa passa ao longo dos musculos dessas cordas, ellas se enrugam e formam-se curvas que assim se tornam mais tesas.

A profundidade dessas curvas depende da força da corrente Apas. Quanto mais profundas são essas curvas, tanto mais tesas se mostram. A thyroidea serva para variar a intensidade da voz assim produzida. Bastará isso para mostrar-nos que o poder motor real na producção da voz é o Apas Tattwa, ou Prâna. Ha certas condições ethericas do mundo exterior, como facilmente se comprehenderá, que excitam os centros do Apas Tattwa; a corrente passa ao longo das cordas vocaes, ellas se distendem e o som se produz. Mas a excitação desses centros vem tambem da alma através da intelligencia. No transcorrer da evolução, o emprego desse som como vehiculo do pensamento é o consorcio de Brahmâ (o Vijñânamaya Kosha, a alma) com Sarasvati, o poder da palavra, tal qual é localisado no homem.

O Apas Tattwa do apparelho vocal, não obstante ser a força motora principal na producção do som, é modificado, consoante as circumstancias, pela composição dos outros Tattwas, em graus variados. Até onde tem alcançado a investigação humana, obra de quarenta e nove dessas variações têm sido registradas com nome de Swara. Em primeiro logar, ha sete notas geraes; es-

tas podem ser positivas e negativas (Tivra e Komala), e, além disso, cada uma dellas pode ter tres sub-divisões. Essas notas tornam-se então componentes de oito Rágas e cada Rága tem diversas Ráginis. As simples Ráginis podem ser compostas de outras e cada Rágini pode ter um grande numero de arranjos de notas. As variações do som tornam-se assim quasi innumeraveis. Todas essas variações são causadas pelas tensões variaveis das cordas vocaes; a Vînâ de Sarasvatî e as tensões variam pela força mutavel da corrente Apas, causada pela superposição dos outros Tattwas.

Cada variação de som tem, então, uma côr propria que affecta o Prâna inteiro com a sua propria marcha. O effeito Tattwico de todos esses sons é notado nos livros de musica; e molestias variadas podem ser tratadas e tendencias boas ou más podem ser impressas no Prâna pela força do som. Sarasvatî é uma deusa omnipotente e, para o bem ou para o mal, ella examina os nossos prânas, conforme os casos. Se um canto ou um som é colorido pelo Agni Tattwa, o som communica uma côr vermelha ao Prâna; semelhantemente, o Vayú, o Apas, o Akasa e o Prithivi dão-lhe colorido azul, branco, preto e amarello. O canto colorido de vermelho provoca a vehemencia; pode causar a colera, o somno, a digestão e os rubores. O som colorido de Akasa produz o medo, o esquecimento, etc. Os cantos podem dar egualmente ao nosso Prâna a côr do amor, da inimizade, da adoração, da moralidade, segundo os casos.

Demos volta a outra chave. Se as palavras que proferimos levam a côr do Agni Tattwa — colera, amor, cobiça — o nosso Prâna é colorido de vermelho e esse

rubor volta sobre nós mesmos. Ella pode queimar a nossa substancia, podemos parecer magros e abatidos, podemos ter outras mil molestias. Terrivel retribuição das palavras colericas! Se as nossas palavras estiverem repassadas de amor divino e de adoração, de graça e de moralidade, palavras que dão prazer e satisfação a quem quer que as ouça — as côres de Prithivi e de Apas — tornam amaveis e amados, agradaveis e felizes — satisfactorios e sempre satisfeitos. A disciplina da propria palavra — o Satya de Patanjali — é assim uma das mais altas praticas da yoga.

As impressões sensoriaes dão côr ao Prâna de modo semelhante. Se somos dados a muitas visões, á audição de sons agradaveis, á olfacção de perfumes delicados, etc., as côres desses Tattwas serão reforçadas excessivamente e alcançarão o dominio sobre o nosso Prâna. Se nos apraz vêr mulheres formosas, ouvir-lhes a voz, o céo nos preserve disso, porque o menor e mais geral effeito será que os nossos Prânas hão de receber a coloração feminina.

Estes exemplos são sufficientes para explicar como as côres tattwicas da natureza externa se juntam no Prâna. Todas as côres do universo já se acham ahi presentes, da mesma forma que ellas se encontram no sol, prototypo de Prâna. A coloração de que falei não é senão o reforço da côr particular na medida que as outras se submergem na sombra. Essa perturbação de equilibrio é que causa, em primeiro logar, a variedade do Prâna humano e, em segundo logar, essas innumeraveis molestias de que a carne é herdeira.

Daqui resulta evidentemente que toda a acção do homem dá ao seu Prâna uma côr separada e a côr affecta, a seu turno, o corpo grosseiro. Mas quando, em que momento a côr tattwica particular affecta o corpo? De ordinario, debaixo das condições tattwicas similares do universo externo. Isto significa que, se Agni Tattwa tem adquirido força num Prâna durante uma divisão do tempo particular, a força se mostrará quando essa divisão do tempo particular voltar de novo. Mas antes de emprehendermos uma solução desse problema, é necessario comprehendermos as seguintes verdades:

O sol é o archi-vivificador de cada organismo do systema. No momento em que um organismo vem á existencia, o sol muda a sua qualidade com relação a esse organismo; elle torna-se, então, o sustentaculo da vida positiva nesse organismo. Durante essa vida, a lua começa lá, a seu modo, a influenciar o organismo; ella torna-se o sustentaculo da vida negativa. Cada um dos planetas estabelece no organismo as suas correntes proprias. Por amor á simplicidade, não temos falado ainda senão do sol e da lua, senhores respectivos das correntes positivas e das correntes negativas das metades direita e esquerda do corpo, do cerebro e coração, dos nervos e dos vasos sanguineos. São as duas fontes mestras da vida, mas os planetas, importa relembrar, exercem uma influencia modificadora sobre essas correntes. Assim, a condição tattwica real, num momento qualquer, é determinada pelos sete planetas tanto quanto pelo sol e pela lua. Cada planeta, depois de ter determinado a condição tattwica geral do momento, continúa introduzindo no organismo mudanças que constituem a nati-

vidade. Essas mudanças correspondem á manifestação da côr do Prâna que se eleva nesse momento. Dest'arte, supponhamos que a côr vermelha tenha entrado no Prâna quando a lua se achava no vigesimo grau do signo da Balança. Se não ha influencia perturbadora de qualquer outro luminar, a côr vermelha se manifestará por si mesma cada vez que a lua estiver na mesma posição; se houver influencia perturbadora, a côr vermelha manifestar-se-á quando essa influencia houver desapparecido. Ella pode mostrar-se no decorrer do mez ou pode ser adiada essa manifestação por algum tempo. E' difficilimo determinar o tempo em que o effeito se ha de realizar, dependendo isso, em boa parte, da força da impressão. A força da impressão pode ser dividida em dez graus, ainda que certos autores tenham ido mais longe.

1 — Momentanea. Este grau de força tem ahi o seu effeito desde logo.

2 — 30º de força. Neste caso, o effeito se mostrará quando cada um dos planetas estiver no mesmo signo que no momento da impressão.

3 — 15º de força (Hora).

4 — 10º de força (Dreshkâna).

5 — 200' de força (Navânsha).

6 — 150' de força (Dvâdashânsha).

7 — 60' ou 1º de força (Trinshânsha).

8 — 1" (Kalâ).

9 — 1''' (Vipala).

10 — 1'''' (Truti).

Supponhamos que, num Prâna qualquer, em razão de uma acção, o Agni Tattwa obtem a mais forte preeminencia possivel, que consiste na preservação do corpo; o Tattwa começará então a produzir seu effeito ahi, até que se tenha exhaurido em certa medida; elle tornar-se-á latente e se mostrará quando, num instante qualquer os mesmos planetas estiverem situados nas mesmas casas. Alguns exemplos melhor explicarão esta asserção. Supponhamos que a posição seguinte dos planetas, em certo momento, indique a condição tattwica quando uma côr dada haja entrado no Prâna; seja terça- feira, a 3 de Abril, num instante em que as posições dos astros sejam:

	Signo	Grau	M.	S.
Sol	11	22	52	55
Marte	5	28	1	40
Mercurio	10	25	42	27
Saturno	3	9	33	30
Venus	11	26	35	17
Lua	8	16	5	9
Jupiter	7	15	41	53

E' nesse instante, supponhamos nós, que o acto supra referido se effectuou. O effeito presente ir-se-á com a corrente lunar de duas horas que pode passar nesse instante. Elle se tornará latente então, e permanecerá assim até á epoca em que esses planetas estiverem de novo na mesma posição. Essas mesmas posições podem ser, como já vimos, em numero de nove ou mais.

Logo que o tempo exacto passou ou que uma corrente obteve o predominio em Prâna, o seu effeito sobre o corpo grosseiro torna-se latente. Elle se mostra de novo, de modo geral, quando as estrellas estão situadas nas mesmas casas. Uma parte da força é consumida nesse estado latente e a força torna-se latente para se mostrar com maior minuciosidade quando, num instante qualquer, as meias-casas coincidirem (e dahi por deante) com as partes restantes supra mencionadas. Pode-se dar um numero qualquer de vezes em que não haja senão uma approximação de coincidencia e, então, o effeito tenderá a mostrar-se, ainda que, nesse instante, não seja elle senão uma tendencia.

Essas observações, posto que necessariamente pauperrimas, propendem para mostrar que a impressão produzida sobre o Prâna, por um acto ainda que insignificante, leva tempo em realidade para apagar-se, quando as estrellas coincidem, em posição, em grau egual áquelle em que o foi effectuado. Um conhecimento de astronomia é, assim, altamente essencial na religião vedica occulta. As observações seguintes podem, no emtanto, tornar um pouco mais intelligivel o que acabamos de dizer.

O Pranayama Kosha, como já se tem notado tantas vezes, é uma pintura exacta do Prana terrestre. As correntes periodicas das forças subtis da natureza que estão na terra operam, no Principio de vida, conforme as mesmas leis; da mesma forma que o Zodiaco, o Pranamaya Kosha é dividido em casas, etc. As inclinações norte e sul do eixo nos dão um coração e um cerebro. Cada um delles deitou doze ramificações que são os doze signos

do Zodiaco. A rotação diurna nos dá os trinta e um Chakras de que anteriormente se falou. Esses Chakras têm todas as divisões dos signos do Zodiaco.

Da divisão em semi-casas, já tratamos; ha semi-casa positiva e semi-casa negativa. Temos, por conseguinte, o terço, o nono, o duodecimo, e assim por deante, do grau, ou as suas divisões e subdivisões.

Cada Chakra, ao mesmo tempo diurno e annual, é, com effeito, um circulo de 360^{o} como os grandes circulos das espheras celestes.

Através desse Chakra está estabelecida uma successão de sete sortes de correntes de vida:

(1) Solar; (2) Lunar; (3) Marte, Agni; (4) Mercurio, Prithivi; (5) Jupiter, Vayú; (6) Venus, Apas; (7) Saturno, Akasa.

E' realmente possivel que, ao comprido do mesmo Chakra, possam passar todas essas correntes, ou uma qualquer, ou diversas dentre ellas num só e mesmo instante. O leitor que se lembre das correntes electricas. E' evidente que o estado real de Prâna é determinado pela posição dessas diversas correntes localisadas.

Se uma ou mais dessas correntes tattwicas é reforçada por um dos nossos actos sob uma posição qualquer das correntes, é somente quando tivermos num mesmo grau a mesma posição das correntes que o effeito tattwico fará em plena força a sua apparição.

Pode haver tambem apparencias de leve poder a instantes variados; mas a força inteira não será jamais exgottada, desde que não tenhamos a mesma posição dessas correntes na menor divisão de um grau. Isto leva periodo sobre periodos de tempo e é absolutamente im-

possivel que o effeito desappareça na vida presente. Dahi vem a necessidade da Reencarnação sobre a terra.

Os effeitos tattwicos accumulados do trabalho de uma vida dão a cada vida um matiz geral que lhe é peculiar. Esse matiz apaga-se gradualmente e as côres que o compõem passam ou diminuem de intensidade, una a uma.

Quando cada uma dessas côres componentes está, pouco a pouco, sufficientemente apagada, a côr geral de uma vida desapparece. O corpo grosseiro que fôra engendrado por essa côr particular cessa de corresponder ao Prâna, agora colorido geralmente de modo differente. O Prâna não sáe de Sushumna; dahi resulta

A Morte

Como já dissemos, as duas formas ordinarias da morte são: a morte positiva pelo cerebro e a morte negativa pelo coração; é a morte pelo Sushumna.

Nesta, os Tattwas são todos potenciaes. A morte pode tambem effectuar-se através dos outros Nâdis; neste caso, deve haver sempre predominio de um ou de outro das Tattwas. O Prâna, depois da morte, vae para differentes regiões, consoante os caminhos pelos quaes sáe do corpo. Assim:

1. O Sushumna negativo o conduz á alma.
2. O Sushumna positivo o leva ao sol.
3. O Agni dos outros Nâdis o transporta á montanha conhecida pelo nome de Raurava (o fogo).
4. O Apas dos outros Nâdis o conduzem para a montanha conhecida pelo nome de Ambarisha, e assim

por deante; o Akasa, o Vayú e o Prithivi levam-n'o para Audhatâmisra, Kalasutra e Mahâkâla respectivamente (veja-se *Yoga Sûtra,* Pada II, Aphorismo 26, Commentarios).

O caminho negativo é o que é geralmente tomado por Prâna. Esse caminho vae ter á lua (o Chandraloka) porque a lua é a senhora do systema negativo, das correntes negativas e do Sushumna negativo — o coração que é, por conseguinte, uma continuação do Prâna lunar. O Prâna que tem a côr geral negativa não pode mover-se senão ao longo desse caminho e é transferido naturalmente para os reservatorios, centros do Prâna negativo. Os homens, nos quaes a corrente lunar de duas horas passa mais ou menos regularmente, tomam por esse caminho.

O Prâna que perdeu a intensidade da sua côr terrestre presta energia á materia lunar de accordo com sua propria força e assim estabelece ahi, para si mesmo, uma especie de vida passiva; a intelligencia está aqui em estado de somno. As impressões tattwicas das forças reunidas passam por deante della da mesma forma que nos nossos sonhos terrestres. A unica differença é que, nesse estado, não ha força superposta da indigestão para tornar as impressões tattwicas tão fortes e inopinadas que se tornam terriveis.

Esse estado de sonho caracteriza-se por uma calma extrema. Posto que a nossa intelligencia possua em si experiencias interessantes deste mundo, posto que tenhamos pensado, ou ouvido ou visto ou gosado, o sentido da satisfação e da alegria, a jovialidade dos Tattwas Apas e Prithivi, o sentido languido do amor do

Agni, o olvido agradavel do Akasa, todos apparecem, um após outro, numa calma perfeita.

As impressões dolorosas não se mostram, porque a dôr nasce quando uma impressão mesma constrange a intelligencia que não se acha em harmonia com aquelles que a rodeiam. Nesse estado é que a intelligencia vive no Chandraloka, como se comprehenderá melhor, quando falarmos das causas tattwicas dos sonhos.

Escôam-se seculos nesse Loka, durante os quaes a intelligencia, consoante as mesmas leis geraes que existem para Prâna, gasta as impressões de uma vida precedente. As côres tattwicas intensas que a actividade incessante de Prâna ahi chamava á existencia enfraquecem-se gradualmente até que, por fim, a intelligencia vem ajustar-se de modo permanente com o Prâna. Ambos perderam agora o matiz de uma vida precedente.

De Prâna pode dizer-se que tem uma apparencia nova; da intelligencia, que ella tem uma nova consciencia. Quando ambos estão nesse estado, ambos são fraquissimos, os effeitos tattwicos accumulados de Prâna começam a mostrar-se com a volta das mesmas posições dos astros. Estes nos attraem do Prâna lunar para o Prâna terrestre. A intelligencia, nesse estadio, não tem individualidade digna de ser tomada em consideração de tal sorte que é puxada por Prâna para onde a sua affinidade a chama. Assim ella se junta a esses raios solares que trazem uma côr semelhante, a todas essas potencialidades que se mostram possiveis no homem futuro, ainda inteiramente latente. Com os raios do sol, ella, conforme as leis ordinarias da vegetação, passa-se para uma semente que traz côres semelhantes. Cada se-

mente tem uma individualidade separada com que conta para a sua existencia particular e pode haver, em mais de uma semente, humanas potencialidades, que lhe dão uma individualidade propria.

De maneira semelhante, as individualidades humanas voltam dos cinco estados que são conhecidos pelo nome de infernos; são os estados da existencia posthuma fixada por aquelles que, em grau excessivo e violento, gosaram das impressões variadas de cada um dos Tattwas. Como a intensidade tattwica que perturba o equilibrio e, por consequencia, causa a dôr, se gasta com o tempo, o Prâna individual passa-se para a esphera lunar e soffre, portanto, os mesmos estados supra descriptos.

Ao longo da senda positiva, através do Brahmarandhra, caminham esses Prânas que ultrapassam os effeitos geraes do tempo e, por conseguinte, não voltam sobre a terra debaixo das leis ordinarias. E' o tempo que reconduz os Prânas da lua, e a condição tattwica entra em jogo na volta das posições identicas dos astros; mas, sendo o sol o guarda do proprio tempo e o mais poderoso factor na determinação da sua condição tattwica, seria impossivel para o tempo solar o affectar o Prâna. Logo, somente viajam para o sol esses Prânas, nos quaes não ha quasi nenhuma preponderancia de uma côr tattwica qualquer: é o estado do Prâna dos unicos Yogis.

Pela pratica constante dos oito ramos do Yoga, esse Prâna purifica-se de quaesquer côres que mui fortemente o personificam, e é evidente que, sobre tal Prâna, o tempo não pode ter effeito em circumstancias ordinarias; ellas passam para o sol. Esses Prânas não têm

côres distinctas personificantes; todas as côres que vão para o sol têm quasi o mesmo matiz geral; mas as suas intelligencias são differentes.

Ellas podem distinguir-se umas das outras conforme o ramo de sciencia que cultivarem, ou conforme os methodos particulares e variados de aperfeiçoamento mental que seguiram na terra. Nesse estado, a intelligencia não depende das impressões de Prâna, como na lua. A pratica constante do Yoga fez della um trabalhador livre, que não depende senão da alma e que modela o Prâna pelos seus proprios contornos e lhe communica as suas proprias côres. E' uma especie de Moksha.

Ainda que o sol seja o mais poderoso senhor da vida, e que a condição tattwica do Prâna não tenha mais effeito agora sobre o Prâna que passou pelo sol, elle é, não obstante, affectado pelas correntes planetarias e ha momentos em que esse effeito é fortissimo, de tal maneira que as condições terrestres nas quaes as intelligencias existiram anteriormente estão ainda presentes nellas. Um desejo de praticar o mesmo genero de bem que ellas praticaram, no mundo, na sua existencia anterior se assenhoreia dellas e, impulsionadas por esse desejo, voltam algumas sobre a terra.

Shankarâchârya notou, nos seus commentarios sobre o Brahmasûtra, que Apantârtamâh, um dos Rishis vedicos, appareceu assim sobre a terra como Krishna Dvipûyana, pelos fins do Dvâ, para o começo do Kali Yoga.

Como é de desejar que o estudioso saiba tanto quanto possivel ácerca de Prâna, vamos apresentar mais abaixo algumas citações sobre o mesmo assumpto, tira-

das do *Prashnopanishad*. Ellas imprimirão um interesse addicional ao assumpto e o apresentarão sob um aspecto mais comprehensivel e muito mais attrahente.

"Aquelle que conhece o nascimento, a chegada, os logares de manifestação, a regra e a apparencia microcosmica de Prâna, se torna immortal por esse saber".

O conhecimento *pratico* das leis da vida e uma subordinação da natureza inferior ás ordens de taes leis, deve naturalmente acabar pela passagem da alma para fóra do lado sombrio da vida, para a luz original do sol. Isso significa a immortalidade, que é a passagem para fóra do poder da morte terrestre.

Mas vejamos o que os Upanishads têm que dizer ácerca do que se deve saber sobre o Prâna.

O Nascimento do Prâna

O Prâna nasce de Atmâ; nasce no Atmâ, como a sombra no corpo.

O corpo humano ou qualquer outro organismo vindo, como succede, entre o sol e a porção de espaço situada do outro lado, lança uma sombra *no* oceano de Prâna. Semelhantemente, vê-se o Prâna como uma sombra *na* alma macrocosmica (Ishvara), porque a intelligencia macrocosmica (Manu) intervem. Em summa, o Prâna é a sombra de Manu, causada pela luz do Logos, o centro macrocosmico. Os sóes devem o seu nascimento nessa sombra á impressão que ella recebe das idéas mentaes macrocosmicas. Esses sóes — os centros de Prâna tornam-se, por sua vez, os pontos de partida de desenvolvimento ulterior. Projectando a sua

sombra pela intervenção dos sóes, os Manus dão, nessas sombras, origem aos planetas, etc. Com lançarem as suas sombras, os sóes, pela intervenção dos planetas, dão nascimento ás luas. Esses differentes centros começam, então, a agir sobre os planetas e o sol desce nelles sob a forma de organismos variados, entre os quaes está o homem.

A Apparencia Macrocosmica

No macrocosmo, esse Prâna se acha como um oceano de vida com o sol por centro. Elle assume duas phases de existencia: o Prâna, materia de vida solar positiva; o Rayi, materia de vida humana negativa. Aquella é a phase norte e léste; esta é a phase sul e oéste. A todo o momento da vida terrestre, temos assim os centros norte e sul de Prâna; os centros de onde partem as phases sul e norte da materia de vida. As metades léste e oéste ahi tambem se acham.

A cada instante — isto é, em cada Truti — ha milhões de Trutis — organismos perfeitos — no espaço. Isto exige uma explicação: as unidades de tempo e de espaço são as mesmas — um Truti. Tomemos um Truti de tempo. E' bem conhecido que, a cada instante, os rayis tattwicos de Prâna seguem para todas as direcções, de um ponto qualquer para outro.

Claro é, portanto, que cada Truti de espaço é uma pintura exacta do apparelho inteiro de Prâna, com todos os centros, lados e relações positivas e negativas. Para bem dizer em poucas palavras, cada Truti de es-

paço é um organismo perfeito. No oceano de Prâna, que rodeia o sol, ha innumeraveis desses Trutis.

Por serem elles essencialmente semelhantes, é facil de comprehender que as condições seguintes terão uma differença na côr, apparencia e forma desses Trutis.

1. Distancia ao centro solar.
2. Inclinação sobre o eixo solar.

Tomemos a terra por exemplo. Esta zona de vida solar, considerando, ao mesmo tempo, a distancia e a inclinação segundo as quaes a terra se move, dá origem á vida da terra. Essa zona de vida terrestre chama-se ecliptica. Ora, cada Truti de espaço, nesta ecliptica, é um organismo individual separado. Quando a terra se move no seu giro annual, isto é, quando se muda o Truti de tempo, esses Trutis permanentes de espaço mudam as phases da sua vida; mas sua permanencia não é jamais alterada; elles retêm toda a sua individualidade.

Todas as influencias planetarias, pois, attingem sempre esses Trutis, onde quer que os planetas possam achar-se, na sua viagem. A distancia e a inclinação, mudando-se, causam sempre, bem entendido, mudança de phase de vida.

Esse Truti de espaço, emquanto mantém a sua connexão com todos os planetas, envia os seus raios tattwicos, no mesmo instante, da sua posição permanente na ecliptica, a qualquer outro quarteirão do espaço. Elles chegam assim á terra.

E' uma condição da vida terrestre que as correntes de vida positivas e negativas — o Prâna e o Rayi — se equilibram. Quando, por conseguinte, nesse Truti ecliptico, as duas phases da materia vital forem egualmente

fortes, os raios tattwicos que vêm desse Truti para a terra prestam ahi energia á materia grosseira. O momento em que, pelas influencias tattwicas dos planetas ou por outra causa qualquer, se destróe o equilibrio, é o momento da morte terrestre. Quer isto dizer, simplesmente, que os raios tattwicos do Truti que caem sobre a terra cessam de dar energia á materia grosseira, cahindo ao mesmo tempo, apesar de tudo, e posto que o Truti seja inalterado na sua morada ecliptica permanente. Nesse estado posthumo, o Truti humano animará a materia grosseira nesse quarteirão de espaço, cujas leis de predominio relativo, negativo ou positivo coincidem com esse estado. Assim, quando a materia de vida negativa, o Rayi, está inteiramente forte, a energia do Truti se transfere da terra para a lua. Semelhantemente, elle pode passar-se para outras espheras.

Quando o equilibrio terrestre fica de novo restabelecido, quando essa vida posthuma está vivida, a energia se transfere de novo para a terra.

Tal é a apparencia macrocosmica de Prâna, com as pinturas de todos os organismos da terra.

A chegada

Como é que Prânamaya Kosha — esse Truti do macrocosmo — vem para esse corpo? "Por acções em cujas raizes se encontra a intelligencia", diz brevemente o Upanishad. Tem-se explicado como cada acção muda a natureza do Pranayama Kosha e explicar-se-á, na resenha ácerca da "Galeria de Quadros Cosmicos", como essas mudanças se representam no reverso cosmico do

nosso principio de vida. E' evidente que, por essas acções, se traduz a mudança em a natureza relativa geral do Prâna, do Rayi de que se falou na presente parte deste esboço. E' inteiramente necessario dizer que a intelligencia — o livre arbitrio humano — se nos depara nas raizes dessas acções que perturbam o equilibrio tattwico do principio de vida. Logo, "o Prâna vem para esse corpo pelas acções em cuja raiz se topa a intelligencia".

As situações das manifestações

"Assim como o Soberano supremo diz aos seus subditos: "Dirige tal ou tal aldeia", assim tambem opera o Prâna. Elle colloca em logares diversos as suas manifestações differentes. No Pâyu (anus) e no Upasthâ se acha o Apâna (que dejecta os excrementos e a urina). No olho e na orelha se acham as manifestações conhecidas pelos nomes de vista e de ouvido (Chakshuh e Shrotra). Sahindo da bocca e do nariz, o proprio Prâna fica sendo o que é. Entre os logares de Prâna e de Apâna (pelos lados do umbigo) existe o Samâna. E' elle que conduz (por todo o corpo) o alimento (e a bebida) que é lançada no fogo. Dahi, essas sete luzes. (Por meio de Prâna, a luz do saber é lançada sobre a côr, a forma, o som, etc.).

"No coração está realmente Atmâ (o Prânamaya Kosha), e nelle, realmente, as outras espiras. Ha aqui 101 Nâdis; cada Nâdi contendo 100 espiras. Em cada um destes ramos se acham 72.000 outros Nâdis. Nestes se move Vyâna.

"Por um (o Sushumna) que sobe, o Udâna conduz-nos a mundos gloriosos por meio da bondade, e a mundos maus por meio do mal; por ambos, ao mundo dos homens.

"O sol é, realmente, o Prâna macrocosmico; elle se eleva e, por conseguinte, auxilia a vista. O poder que está na terra entretem o poder de Apâna: o Akasa (a materia etherica) que está entre o sol e a terra, auxilia a Samâna.

"A materia de vida etherica (independente da sua existencia entre o céo e a terra) que enche o espaço macrocosmico, é Vyâna.

"O Tejas — o ether luminoso — é Udâna; dahi aquelle cujo fogo natural jaz apagado (approximação da morte).

"Então, o homem caminha para o segundo nascimento; os orgãos e os sentidos entram na intelligencia; a intelligencia do homem vem para Prána (as suas manifestações cessam agora). O Prâna está combinado com Tejas; indo com a alma, elle a conduz ás espheras que estão em vista".

As manifestações differentes de Prâna no corpo e nos logares onde ellas se produzem têm sido examinadas. Mas neste extracto, apparecem certas outras exposições interessantes. Tem-se dito que esse Atmâ, esse Prânamaya Kosha, com as outras espiras, está realmente localisado no coração. O coração, já vimos, representa o lado negativo da vida — o Rayi. Quando o Prâna positivo, que é propriamente localisado no cerebro, se imprime no Rayi — o coração e os Nâdis que disso decorrem, — as formas de vida com as acções do homem vêm

á existencia. E', pois, rigorosamente falando, a reflexão no coração que opera no mundo, sendo essa reflexão a propria senhora dos orgãos sensoriaes e os orgãos activos, ao mesmo tempo, abandonam a vida e a connexão com o mundo cessa. A existencia do cerebro, que não tem connexão immediata com o mundo, excepto através do coração, mantem-se agora na sua pureza, sem reserva, em summa, a alma vae para Suryloka (o sol).

O Prâna Externo

O ponto interessante, em seguida, é a descripção das funcções do Prâna externo que reside na raiz do Prâna individualizado e o auxilia no seu trabalho. Tem-se dito que o sol é o Prâna. E' isto assás evidente e tem sido mencionado por mais de uma vez anteriormente. A funcção mais importante da vida, a inspiração e a expiração, a funcção que, segundo a Sciencia da Respiração, é a unica lei da existencia do universo em todos os planos de vida, é levada á existencia e conservada em actividade pelo proprio sol. E' o alento solar que constitue a sua existencia, e este, reflectindo-se no homem, dá origem ao alento humano.

O sol, então, apparece em outra phase. Elle se ergue e, agindo assim, auxilia os olhos na acção natural delles.

De egual modo, o poder que está na terra sustenta a manifestação de Apâna do Prâna. E' o poder que attrae cada cousa para a terra, lá diz o commentador. Em linguagem moderna, é a gravidez.

Pode-se dizer alguma cousa ainda ácerca da manifestação Udâna, de Prâna. Como cada um sabe, ha uma phase do Prâna microcosmico que conduz tudo de um ponto para outro, os nomes, as formas, os sons, as visões. Isso é conhecido de outro modo como sendo o Agni universal ou o Tejas do texto. A' manifestação localizada desta phase de Prâna chama-se Udâna, ou: aquillo que conduz o principio de vida de um ponto para o outro. O destino particular é determinado pelas acções passadas e esse Agni universal conduz o Prâna, com a alma para differentes mundos. Esse Prâna é, pois, um ser poderoso e se as suas manifestações localisadas operassem em unisono e com temperança, realizando o seu dever proprio, sem usurpar o tempo nem o logar dos outros, haveria pouco mal no mundo.

Mas cada uma dessas manifestações reivindica para si o seu unico poder sobre a alma humana desgarrada. Cada uma dellas reclama para si a vida inteira do homem, como se fosse o seu proprio dominio particular.

"O Akasa, o Vayú, o Agni, o Prithivi, o Apas, a palavra, a vista e o ouvido, — cada qual diz claramente que elle é o unico monarcha do corpo humano".

O Prâna principal, o mesmo de que aquelles são as manifestações, lhes diz: "Não vos esqueçaes; sou eu que sustento o corpo humano, dividindo-o em cinco".

Se as cinco manifestações de Prâna com todas as suas subdivisões menores se revoltam contra elle, se cada uma entra a reivindicar para si a sua propria soberania e cessa de trabalhar para o maior proveito do senhor supremo, que é a vida real, a miseria apparece para fatigar a alma humana.

"Mas as manifestações de Prâna, cegas pela ignorancia", não desejariam "avançar" segundo as admoestações do seu senhor.

"Elle deixa o corpo e quando o deixa, todos os outros Prânas menores o deixam tambem; elles ahi permanecem quando elle fica.

"Então os seus olhos estão abertos.

"Assim como as abelhas seguem a sua rainha em cada vereda, assim tambem — nomeadamente a palavra, a intelligencia, o olho, o ouvido — o seguem com devoção e assim o celebram.

"Elle é Agni, a causa do calor, é o sol (o dispensador da luz); é a nuvem, é o Indras, é o Vayú, o Prithivi, o Rayi e o Déva, o Sat e o Asat (*) e é o immortal.

"Como os raios no meio de uma roda, cada cousa é mantida no Prâna — os hymnos do *Rig*, do *Yajur* e do *Sama*, o sacrificio, os Kshtriyas e os Brâhmanes, etc.

"Tu és o progenitor: tu te moves no utero, tu nasces na forma do pae ou da mãe; a ti, o Prâna que habitas no corpo com as tuas manifestações, essas creaturas offertam prendas.

"Tu és o conductor das offerendas aos Dévas, tu és o conductor das oblações aos maiores, tu és a acção e o poder dos sentidos e das outras manifestações da vida.

"Tu és, ó Prâna, o grande senhor do poder, o Rudra destruidor e o defensor; tu te moves no céo como o sol, tu és o defensor das luzes do céo.

(*) Rayi e Asat são a phase negativa da materia vital; Déva e Sat, a phase positiva.

"Quando tu fazes chover, essas creaturas se enchem de alegria, porque esperam ter abundancia de alimento.

"Tu és Prâna, puro por natureza; tu és o consumador de todas as oblações, como o fogo Ekarshit (dos Atharvas); tu és o conservador de toda a existencia; nós te offerecemos o alimento; tu és nosso pae como nosso juiz (ou o dispensador de vida do juiz).

"Torna sã essa apparencia de ti que está alojada na palavra, no olho, no ouvido e que está extendida para a intelligencia; não fujas della.

"Tudo o que existe nos tres céos, tudo isso está sob o poder de Prâna. Protege-nos como u'a mãe protege o seu recem-nascido; dá-nos a riqueza e a intelligencia".

Com essas palavras, termino a minha descripção de Prâna, o segundo principio do universo e do corpo humano. Os epithetos consagrados a esse ser poderoso no seguinte extracto serão de uma comprehensão facil á luz do que precedentemente foi dito. E' tempo agora de esboçarmos o trabalho da lei tattwica universal do Alento, sobre o plano seguinte, mais elevado da vida — a intelligencia (Manomaya Kosha).

A INTELLIGENCIA

INTRODUCÇÃO

Nenhuma theoria da vida do universo é, ao mesmo tempo, tão simples e tão grandiosa como a theoria da respiração (Svara). E' o momento universal, que apparece em Maya, em virtude do substratum invisivel do cosmos, o Parabrahman dos Vedântinos. A melhor expressão para Svara, em portuguez, é a "corrente de vida". A Sciencia Hindú da Respiração investiga e formula as leis, ou antes, a lei universal, segundo a qual essa corrente de vida, esse poder motor da intelligencia universal, passando ao longo do fio do pensamento, como Emerson exprime de maneira tão bella, governa a evolução e a involução e todos os phenomenos da vida humana, physiologica, mental e espiritual no comprimento e na largura totaes desse universo, não ha phenomeno, grande ou pequeno, que não ache a sua explicação mais natural e conveniente na theoria dos cinco modos de manifestação desse movimento universal — os cinco Tat-

twas elementares. Nos ensaios precedentes, procuramos explicar, de modo geral, como todo o phenomeno physiologico é governado pelos cinco Tattwas. O objecto do presente ensaio é passar em revista, brevemente, os phenomenos variados que se reportam ao terceiro corpo superior do homem — o Manomaya Kosha, a intelligencia — e de notar de que modo symetrico e universal os tattwas effectuam a formação e a obra desse principio.

Conhecimento

Em linguagem geral, o conhecimento é que distingue a intelligencia da vida physiologica (Prâna); ver-se-á, porém, reflectindo-se um pouco, que diversos graus de conhecimento podem muito bem ser tomados um pelo outro como caracteristicos distinctivos dos cinco estados da materia a que, no homem, denominamos os cinco principios. Porque é que o conhecimento não é senão uma especie de movimento tattwico do alento, elevado á consciencia de si mesmo pela presença, em maior ou menor grau, do alimento de Ahankâra (egoismo)? E' este, sem duvida, o ponto de vista de onde o philosopho vedântino observa o conhecimento, quando elle fala da intelligencia como poder motor da causa primeira do universo. O vocabulo Svara não é senão um synonymo de intelligencia, a manifestação do Uno descendo em Prakrite.

"Vejo alguma cousa", significa, conforme a concepção que temos do conhecimento, que o meu Manomaya Kosha foi posto em estado de vibração visual.

"Ouço" quer dizer que o meu Manomaya Kosha foi posto em estado de vibração auditiva.

"Sinto", quero dar a entender que a minha intelligencia se acha em estado de vibração tactil.

E assim por deante, relativamente aos outros sentidos.

"Amo", desejo exprimir que a minha intelligencia se acha em estado de vibração amorosa (uma das formas da attracção).

O primeiro estado — o de Anandamaya — é o estado do mais elevado conhecimento. Não ha, portanto, senão um centro, o substratum da infinidade inteira de Parabrahm, e as vibrações ethericas do seu alento são uma, através de toda a extensão do infinito; o universo inteiro, com as suas potencialidades e actividades, é uma parte desse conhecimento. E' o mais culminante estado de felicidade. Elle não tem aqui consciencia de si, porque o *Eu* não possue senão uma existencia relativa e deve haver um *Ti* ou um *Si* antes que possa haver um *Mim*.

O Ego toma forma quando, no segundo plano da existencia, mais de um centro menor vem á existencia: por essa razão é que o nome de Ahankâra foi dado a esse estado de materia. Os impulsos ethericos desses centros estão confinados no seu dominio particular do espaço, e elles differem em cada centro. Elles podem, entretanto, affectar-se mutuamente, da mesma forma que os impulsos ethericos individualisados de um homem affectam os dos outros homens. O movimento tattwico de um centro de Brahamâ levam-n'o ao longo das

mesmas linhas universaes que o outro. Dois movimentos differentes se encontram assim num centro, o impulso da mais forte chama-se *Mim;* da mais fraca, Ti ou *Si*, conforme o caso.

Então vem Manas, Virât é o centro, e Manu a atmosphera desse estado. Os centros estão fóra do alcance da vista da humanidade ordinaria, mas trabalham sob leis semelhantes ás que dirigem o resto do Cosmos. Os sóes giram em redor dos Virâts da mesma forma que os planetas se movem em torno do sol.

As funcções da intelligencia

A composição do Manu é semelhante á do Prâna. Manu é composto de um grau mais subtil dos cinco Tattwas e essa subtileza crescente dota os Tattwas de funcções differentes.

Já foram expostas as cinco funcções de Prâna; vêm, em seguida, as cinco funcções de Manas taes quaes são dadas por Patanjali e acceitas por Vyasa:

1) Meios de conhecimento (Pramâna); 2) Falso conhecimento (Viparyaya); 3) Imaginação complexa (Vijalpa); 4) Somno (Nidra); 5) Memoria (Smriti).

Todas as manifestações da intelligencia caem sob uma ou outra destas cinco dominantes. Assim, Pramâna comprehende:

a) Percepção (Pratyaksha);
b) Inferencia (Anumâna);
c) Autoridade (Agama).

Viparyaya comprehende:

a) Ignorancia (Avidya, Tamas);
b) Egoismo (Asmitâ, Moha);
c) Retenção (Râga, Muhâmoha);
d) Repulsão (Tâmisra Dvesha);
e) Instincto de conservação (Abhinivesha, Andhatâmisra).

As tres divisões restantes não têm subdivisões definidas. Vamos agora mostrar que todas as manifestações do pensamento são formas do movimento tattwico sobre o plano mental.

1 — *Meios de conhecimento (Pramâna)*

O vocabulo Pramâna (meios de conhecimento) é derivado das duas raizes, o attributo *ma* e o derivativo *ana*, com o prefixo *pra*. A idéa original da raiz *ma* é "ir", "mover-se", por conseguinte, "medir".

O prefixo *pra* dá á raiz a idéa de plenitude, ligado, como se acha, á raiz *pri*, "encher". Aquillo que se move *exactamente* em cima ou em baixo, na mesma altura que outra cousa, é o Pramâna dessa cousa. Tornando-se o Pramâna de outra cousa, a primeira cousa recebe certas qualidades que antes não possuia. Isso é sempre effectuado por u'a mudança de estado que provoca certa especie de movimento, porque é sempre o movimento que causa a mudança de estado. E' isso, com effeito, a significação exacta do vocabulo Pramâna, applicado a u'a manifestação particular da intelligencia.

Pramâna é um movimento tattwico particular do corpo mental: elle tem por effeito pôr o corpo mental em estado semelhante ao de qualquer outra cousa. A intelligencia pode soffrer tantas mudanças quantas os Tattwas externos são capazes de lhe imprimir, e essas mudanças foram classificadas por Patanjali sob tres rubricas geraes.

a) PERCEPÇÃO *(Pratyaksha)*

E' esse movimento de estado que as operações dos cinco orgãos dos sentidos produzem na intelligencia. O vocabulo precedente compõe-se de *prati*, volta e *aksha*, poder sensoriál, orgão dos sentidos. Dahi vem essa vibração tattwica sympathica que produz, na intelligencia, um orgão dos sentidos em contacto com o seu objecto. Essas mudanças podem ser classificadas em cinco artigos geraes conforme o numero dos sentidos.

O olho gera as vibrações de Tejas; a lingua, a pelle, o ouvido e o nariz, respectivamente, engendram as vibrações Apas, Vayú, Akasa e Prithivi. O Agni puro causa a percepção do vermelho, Tejas-Prithivi a do amarello, o Tejas-Apas a do branco, o Tejas-Vayú a do azul e assim por deante. Outras côres se produzem na intelligencia pelas vibrações mescladas de mil modos differentes. O Apas dá a brandura, o Vayú a dureza, o Agni a rigidez. Vemos, através dos olhos, não só a côr, senão a forma. Os leitores hão de estar lembrados que uma forma particular é assignada a cada vibração tattwica, e que todas as formas da materia grosseira respondem ás vibrações tattwicas correspondentes; assim, a forma pode ser percebida através de cada sentido. Os

olhos podem ver a forma, a lingua pode saboreal-a, a pelle tocal-a e assim por deante. Isto parecerá, sem duvida, uma como nova asserção, mas hão de lembrar-se de que a propriedade não se acha limitada á sua expressão exterior ou acto. O ouvido ouviria a forma se o emprego mais geral do olho e da pelle, nesse designio, não o tivesse constrangido quasi á inacção. A forma unica é differenciada pelo menos nos cinco modos e cada modo chama a mesma cousa por um nome differente. Demonstra-se isto convenientemente pela physiologia dos cinco orgãos dos sentidos.

As vibrações do puro Apas causam um sabor adstringente; as do Apas-Prithivi, um sabor suave; as do Apas-Agni, um sabor quente; as do Apas-Vayú, um sabor acido, e assim por deante, as outras variações innumeraveis de gosto são provocadas por vibrações intermediarias em graus variados.

Semelhante é o caso das mudanças vocaes e dos outros modos de vibração. E' claro que o nosso conhecimento perceptivo não é outra cousa mais do que um verdadeiro movimento tattwico do corpo mental, provocado pelas communicações sympathicas das vibrações de Prâna, da mesma forma que um instrumento de cordas esticadas até certo grau entra a vibrar espontaneamente, quando se provoca uma vibração em outro instrumento semelhante.

b) *INFERENCIA (Anumâna)*

O vocabulo Anumâna tem as mesmas raizes que a palavra Pramâna; a unica differença está no prefixo.

Temos, aqui, *anu*, "depois", em logar de *pra*. A inferencia (Anumâna) é, pois, o movimento-segundo. Quando a intelligencia é capaz de supportar duas vibrações ao mesmo tempo, então, se uma dessas vibrações é engendrada e percebida, a segunda vibração deve tambem manifestar-se. Assim, supponhamos que um individuo me belisca; as vibrações complexas produzidas pela acção de um homem que me belisca são registradas na minha intelligencia, reconheço o phenomeno. Quasi simultaneamente, com essas vibrações, outra serie de vibrações se produz em mim; a isso chamo dôr. Ora, ha aqui duas especies de movimentos tattwicos, vindas uma após outra. Se, com certo movimento, experimento uma dôr semelhante, a imagem de um homem que me beliscou será chamada de novo á minha consciencia. Esse movimento-segundo é "inferencia". A inducção e a deducção constituem ambas modificações desse movimento successivo. Por exemplo, o sol, ao nascer, apparece sempre em certa direcção: a concepção dessa direcção, na minha intelligencia, torna-se para sempre associada ao erguer do sol. Cada vez que penso no facto do erguer do sol, a concepção dessa direcção se apresenta por si mesma. Digo, portanto, que o sol se levanta regularmente naquella direcção. A inferencia não é, pois, outra cousa mais do que um movimento tattwico que vem depois de outro a que se refere.

c) AUTORIDADE (Agama)

A terceira modificação daquillo a que chamamos "meios de conhecimento" é a autoridade (Agama). Que

vem a ser isso? Leio na minha geographia e ouço dos labios do meu professor que a Inglaterra é rodeada pelo oceano. Ora, quem foi que ligou essas palavras, na minha intelligencia, á pintura da Inglaterra, do oceano e das relações reciprocas delles? Certo que não é a percepção e, por conseguinte, não é a inferencia, que deve trabalhar, pela natureza, através do conhecimento sensorial. Que é, então? Deve ser uma terceira modificação.

O facto de possuirem as palavras o poder de evocar certa pintura em os nossos intellectos é de profundissimo interesse. Todos os philosophos hindús têm isso como a terceira modificação da intelligencia, mas essa circumstancia não está reconhecida pela philosophia européa moderna.

Não ha, entretanto, nenhuma duvida de que a côr correspondente a essa modificação mental diffira da que corresponde á percepção ou á inferencia. A côr pertence ás modificações perceptivas da intelligencia e é sempre simples por natureza. Certa phase da vibração Tejas deve sempre prevalecer na modificação visual e, semelhantemente, as vibrações dos outros Tattwas correspondem ás nossas diversas outras modificações sensoriaes. Cada uma dessas manifestações tem a sua propria côr distincta. O vermelho apparece tão bem na vibração visual como na vibração auditiva ou em qualquer outra vibração, mas o vermelho da vibração visual será brilhante e puro; o do orgão do gosto será matizado de amarello; o do orgão do tacto, de azul; o do ether sonoro, um como negro. Não ha, pois, a menor apparencia de que a vibração vocal coincida com a vibração perceptiva pura. As vibrações vocaes são duplas por sua

natureza e, em todo o caso, só podem coincidir com as vibrações inferenciaes; e, ahi, da mesma forma, ellas só podem coincidir com as vibrações auditivas. Uma ligeira consideração nos mostrará, aliás, que ha alguma differença entre as vibrações vocaes e as vibrações inferenciaes. Na inferencia, certa modificação do som ou o nosso espirito é seguida de certa pintura visual, e essas duas vibrações a um tempo conservam, em nosso intellecto, uma posição egualmente importante. Collocámos juntas ambas as percepções, comparámol-as e dissemos, então, que uma acompanha a outra. Na modificação verbal não ha comparação nem consciencia simultanea, nem conjuncto de ambas as concepções. Uma causa a outra, sem duvida alguma, porém não ficamos absolutamente conscientes do facto. Na inferencia, a presença simultanea da causa e do effeito, durante algum tempo, determina u'a modificação na côr do effeito. O conhecimento axiomatico não é inferencial no presente, ainda que elle o tivesse sido outr'ora no passado; no presente elle tornou-se natural á intelligencia.

2 — *Falso conhecimento (Viparyaya)*

E' a segunda modificação mental. Este termo deriva-se tambem de uma raiz que significa movimento — *i* ou *ay*, "ir", "mover". O prefixo *pari* está ligado á raiz *pra*, e dá a mesma idéa á raiz. Paryaya tem o mesmo sentido radical que Pramâna. O vocabulo Viparyaya significa, pois, um movimento afastado do movimento que coincide com o objecto. As vibrações de Pramâna coincidem, em a natureza, com as vibrações do objecto

da percepção; dá-se a mesma cousa com as vibrações de Viparyaya. Certas condições adquiridas pela intelligencia imprimem sobre as percepções uma nova côr que lhes é propria, e as distinguem assim das percepções de Pramâna. Ha cinco modificações dessa manifestação.

a) IGNORANCIA *(Avidyâ)*

E' o campo geral da manifestação de todas as modificações de Viparyaya (falso conhecimento). A palavra vem da raiz *vid*, "saber, do prefixo *a*, e do suffixo *ya*. A significação original da raiz é "ser", "existir". O sentido original de Vidya é, pois, "o estado de uma cousa tal qual é", ou, expresso em termos do plano mental, por uma só palavra, "saber". Por mais tempo que, no rosto de um ser humano, não contemplo nada mais do que uma cara, a minha vibração mental já não se diz Vidya, senão Avidya. Avidya (ignorancia) não é, pois, uma concepção negativa, é tão positiva como a propria Vidya. E' grande erro suppôr que as palavras que têm prefixos privativos impliquem sempre abstracções e nunca realidades. Isto, no emtanto, é uma digressão: o estado da Avidya é aquelle em que a vibração mental fica perturbada pela do Akasa e pela dos outros Tattwas, que produzem assim falsas apparencias. A apparencia geral de Avidya é o Akasa — trevas, e é por isso que Tamas é synonymo dessa palavra.

A preeminencia geral das trevas é causada por algum defeito nos espiritos individuaes, porque, como nos mostra a nossa experiencia diaria, um objecto dado não excita a mesma serie de vibrações em todas as intelli-

genias. Qual é, então, o defeito mental? A pessoa deve achal-o com a natureza da energia potencial accumulada pela intelligencia; essa accumulação da energia potencial é um problema da mais profunda importancia em philosophia, e um daquelles em que a doutrina da transmigração das almas acha a sua explicação mais intelligivel. Essa lei de Vâsana assim chamada pode enunciar-se pela forma seguinte:

Se collocarmos uma cousa em certa especie particular de movimento tattwico — interno ou externo — ella adquire a possibilidade, na segunda vez, de ser collocada facilmente na mesma especie de movimento e de resistir conseguintemente a outra especie. Se essa cousa fôr submettida ao mesmo movimento por algum tempo, o movimento torna-se um attributo necessario da cousa. Esse movimento torna-se, então, por assim dizer, "uma segunda natureza".

Dest'arte, se um homem acostuma o seu corpo a uma forma particular de exercicio, certos musculos do seu corpo são facillimos de pôr em movimento. Qualquer outra forma de exercicio que reclame o emprego de outros musculos ha de ser reconhecida como fatigante em razão da resistencia suscitada pelo habito muscular. Succede a mesma cousa com a intelligencia. Se tenho a convicção, profundamente arraigada, como alguns a têm presentemente, de que a terra é plana e de que o sol gira em roda della, podem ser necessarios seculos e seculos para alterar a minha crença. Milhares de exemplos de taes phenomenos poderiam ser citados. Importa, entretanto, estabelecer aqui que a possibilidade de voltar facilmente a um estado mental e de re-

sistir a outro é que entendemos por energia accumulada: chama-se ella Vâsana ou Sanskâra em sanscrito.

O vocabulo Vâsana vem da raiz *vas*, "morar". Significa a parada ou a fixação de alguma forma de movimento vibratorio na intelligencia. E' por Vâsana que certas verdades se tornam naturaes ao intellecto, e não somente certas verdades, mas todas as tendencias naturaes, moraes, physicas e espirituaes. A unica differença entre os diversos Vâsanas jaz na sua estabilidade respectiva. Esses Vâsanas, que estão impressos na intelligencia como resultado da marcha evolutiva ordinaria da natureza, nunca mudam.

As producções das acções humanas independentes são de duas sortes: se a acção se resume em tendencias que paralysam o curso progressivo evolutivo da natureza, o effeito da acção se exgotta no tempo pela força repulsiva da subcorrente da evolução; se, entretanto, coincidem ambas em direcção, a força augmenta. A' derradeira especie de acções chamamos virtuosa; á primeira, viciosa.

E' esse Vâsana, esse predominio da corrente opposta, que provoca o falso conhecimento. Supponhamos que, no homem, a corrente negativa tenha a força *a*; se elle tem presente em si uma corrente do mesmo grau de força, ambas procuram ligar-se uma á outra; será provocada, então, uma attracção. Se não é permittido ligarem-se essas correntes, ellas augmentam de força e reagem sobre o proprio corpo á custa delle; se lhes é permittido o ligarem-se, ellas se exgottam, essa exhaustação causa um allivio á intelligencia, a corrente evolu-

tiva progressiva affirma-se com maior força; dahi resulta, assim, um sentimento de satisfação, emquanto tiver força sufficiente. Essa perturbação tattwica da intelligencia dará a sua propria côr a todas as percepções e concepções. Ellas não apparecerão na sua verdadeira luz, mas como causa de *satisfação*. Damos nomes diversos a essas causas de satisfação. A's vezes chamamos-lhe flôr, outras vezes lua. Taes são as manifestações de Avidya. Como diz muito bem Patanjali, Avidya consiste na percepção do ether, do puro, do aprazivel e do espiritual, e do não-eterno, o impuro, o doloroso e o não-espiritual.

Tal é a genese de Avidya que, como já temos observado, é uma realidade substancial, e não uma simples concepção negativa. Esse phenomeno mental causa as quatro modificações seguintes:

b) EGOISMO (Asmitâ)

Asmitâ (egoismo) é a convicção de que a vida real (Purusha Swara) é una com as suas modificações variadas mentaes e physiologicas, que o mais alto "Si" é uno com o mais baixo, que a somma das nossas percepções e conceitos é o real Ego e que não ha mais nada além delle. No presente cyclo de evolução e nos precedentes, o intellecto tem sido occupado principalmente por essas percepções e conceitos. O poder real da vida jamais foi visto a fazer uma apparição separada, de onde o sentimento de que o Ego deve ser o mesmo que os phenomenos mentaes. E' obvio que Avidya, como já o definimos acima, reside na raiz dessa manifestação.

c) RETENÇAO (*Râga*)

O sentimento erroneo de satisfação acima referido sob o nome de Avidya é a causa dessa condição. Quando um objecto qualquer produz, em a nossa intelligencia, de maneira repetida, esse sentimento de satisfação, a nossa intelligencia adquire o habito de cahir a miudo no estado de vibração tattwica. O sentimento de satisfação e a pintura do objecto que parecia causar a satisfação tendem a apparecer juntos e é um ardente desejo do objecto, um desejo de não deixal-o escapar-nos — isto é, Râga, prazer.

Aqui podemos penetrar mais fundo em a natureza desse sentimento de satisfação e do seu opposto — o prazer e a dôr. As palavras sanscritas para esses dois estados são, respectivamente, Sukha e Duhkha. Ambas vêm da raiz Khan, "excavar"; os prefixos *us* e *duh* estabelecem a differença. O primeiro prefixo encerra a idéa de "facil" e elle tira essa idéa de fluxo facil da respiração, inteiramente livre. A idéa radical de Sukha é, pois, a excavação inteiramente livre, excavação em que o sólo só offerece pouca resistencia. Em a natureza dessas vibrações, o acto deve coincidir com as condições dominantes, então, das vibrações mentaes. Antes que nenhuma percepção ou conceito tivesse tomado nascimento na intelligencia, não havia desejo nem prazer. A genese do desejo e, ao mesmo tempo, daquillo a que se chama prazer — seja o sentimento de satisfação causado pelas impressões produzidas pelos objectos externos, começa com certas percepções e conceitos que tomam raiz na intelligencia. Esse arraigamento não é, em

realidade, senão um obscurecimento do progresso mental evolutivo. Quando o contacto com o objecto externo afasta, por um instante, a alma fica consciente de um sentimento de satisfação, que Avidya liga ao objecto externo, assim como já mostrei. Isso dá origem ao desejo.

d) REPULSAO (*Dvesha*)

Semelhante é a genese da dôr e do desejo de repulsão (Dvesha). A idêa radical de Duhkha (dôr) é a acção de cavar onde boa somma de resistencia é experimentada. Transferido á intelligencia, elle significa uma acção que encontra resistencia da parte da intelligencia. O intellecto já não dá facilmente logar a essas vibrações; com todas as suas forças, elle procura repellil-as.

Surge, então, um sentimento de privação. E' como se qualquer cousa de sua natureza fosse arrebatada e um phenomeno extranho introduzido. Essa consciencia de privação ou de necessidade é a dôr, e o poder repulsivo que essas vibrações extranhas excitam no intellecto é conhecido sob o nome de Dvesha (desejo de repellir). A palavra Dvesha vem da raiz *dvesh*, que é um composto de *du* e de *ish*; o proprio *ish* apparece como uma raiz composta de *i* e *s*. O *s* final está ligado á raiz *su*, "soprar", "ser, no seu estado natural"; a raiz *i* quer dizer "ir" e a raiz *ish* significa, por conseguinte, "ir para o seu estado natural". Transferido á intelligencia, o vocabulo torna-se um synonymo de Râga. A raiz *du*, em Dvesha, preenche a mesma funcção que *duh*, em Duhkha. Dvesha vem, pois, a signfiicar "um desejo ardente de repulsão". A colera, o ciume, o odio, etc., são todas

modificações de Dvesha, como o amor, a affeição e a amizade são as de Râga. E' facil, pelo que já foi dito, seguir a genese do principio "de instincto da conservação". Devemos agora procurar assignar a essas acções os seus Tattwas predominantes.

A côr geral de Avidya é, como foi dito, a do Akasa, negro. Quando, entretanto, Avidya se manifesta como a colera, o Agni Tattwa prevalece. Se isso é acompanhado de um movimento do corpo, Vayú é indicado. A obstinação apparece como Prithivi, e a docilidade como Apas; entretanto, a condição de temor e de tremor encontra a sua expressão no Akasa.

O Akasa Tattwa prevalece tambem no amor. Prithivi o faz fiel; Vayú, variavel; Agni, agitado; Apas, tepido; Akasa, cego e desarrazoado.

O Akasa tende a produzir um vacuo nas proprias veias, de onde a sua preeminencia no medo. Prithivi prega o homem timido no seu logar, Vayú empresta-lhe gestos descoroçoados, Apas abre-lhe os ouvidos á lisonja e Agni aquece-lhe o sangue para a vingança.

3 — Imaginação complexa (Vikalpa)

Volvamos a Vikalpa. Esse conhecimento, embora seja capaz de tomar corpo nas palavras, não tem realidade no plano physico. Os sons da natureza em connexão com o espectaculo della nos deram nomes para as percepções. Com as addições ou subtracções das percepções, temos tido tambem addição e subtracção dos sons que lhes estão ligados. Os sons constituem as nossas palavras.

Em Vikalpa, duas percepções ou mais se acham vinculadas de tal maneira que dão origem a uma concepção que não tem realidade correspondente sobre o plano physico. E' o resultado necessario da lei universal de Vâsana. Quando a intelligencia está acostumada á percepção de diversos phenomenos, ella fica com tendencias para reapparecer; e quando dois ou mais desses phenomenos coincidem, temos na intelligencia uma pintura da terceira cousa. Esse, o que quer que seja, pode existir ou não no plano physico. Se não existe, o phenomeno é Vikalpa; se, pelo contrario, existe, lhe chamamos Samâdhi.

4 — *Somno (Nidra)*

E' isso tambem um phenomeno de Manomaya Kosha (intellecto). Os philosophos hindús falam de tres estados relacionados com elle: a Vigilia, o Sonho e o Somno.

a) VIGILIA

E' aquelle estado ordinario em que o principio de vida opera, em relação com a intelligencia. A intelligencia, então, mercê da acção dos sentidos, recebe as impressões dos objectos externos. As outras faculdades da intelligencia são puramente mentaes e podem operar tanto durante a vigilia como durante o sonho. A unica differença é que, nos sonhos, a intelligencia não soffre as mudanças perceptivas. Como se dá isso? Essas mudanças de estado são sempre passivas e a alma não tem a livre opção quando lhes está sujeita. Elles vão e

voltam como resultado necessario do trabalho de Swara nas suas cinco modificações. Como já se deixou explicado no capitulo sobre Prâna, os diversos orgãos sensoriaes cessam de corresponder ás mudanças tattwicas externas quando a corrente positiva adquire, no corpo, uma força mais do que extraordinaria. A força positiva nos apparece sob a forma de calor; a negativa sob a forma de frio. Poderemos, pois, ulteriormente chamar a essas forças o quente e o frio.

b) SONHO

O Upanishad diz que, no somno sem sonho, a alma dorme nos vasos sanguineos (Nadis), o pericardio (Purîtat) e a cavidade do coração. Porventura o systema dos vasos sanguineos, — centro negativo de Prâna, — tem alguma cousa que ver com o sonho tambem? O estado de sonho, segundo o sabio hindú, é um estado intermediario entre a vigilia e o somno, mas é razoavel suppôr que deve haver alguma cousa no seu systema que explique, ao mesmo tempo, os dois phenomenos. Que vem a ser essa cousa? A tal respeito emittem-se opiniões diversas, como si se cogitasse de cousas differentes, em se tratando do Pitta, do Agni e do Sol. Não é necessario, porém, dizer que essas palavras encerram a intenção de designar uma só e mesma cousa: o effeito produzido no corpo pelo alento solar em geral e pelo Agni Tattwa em particular. A palavra Pitta pode induzir alguem em erro e, por conseguinte, importa deixar assentado que esse vocabulo nem sempre significa "adormecer". Ha um Pitta que a physiologia sanscrita

localisa especialmente no coração: a esse se lhe chama Sâdhaka Pitta. Não é nada mais nem menos do que a temperatura cardiaca, e deste é que temos de nos occupar em se tratando do somno ou do sonho.

Segundo o philosopho hindú, é a temperatura cardiaca que causa os tres estados em graus diversos. Isto, e nada mais, é a significação do texto vedico que diz que a alma dorme no pericardio. Todas as funcções da vida estão asseguradas convenientemente, sempre que temos um equilibrio perfeito das correntes positivas e negativas — o calor e o frio. A media das temperaturas solar e lunar é a temperatura na qual o Prâna mantém a sua connexão com o corpo grosseiro. A media é dada depois de uma hora de exposição de um dia e de uma noite inteira. Nesse periodo, a temperatura está sujeita a duas variações geraes: uma é o limite do positivo, a outra o do negativo. Quando o positivo attinge o seu limite diurno, as acções dos orgãos dos sentidos não ficam por mais tempo em synchronismo com a modificação dos Tattwas externos.

E' materia de experiencia diaria que os orgãos sensoriaes correspondem, em certos limites, com vibrações tattwicas externas. Se o limite é excedido de um lado ou do outro, os orgãos tornam-se insensiveis a essas vibrações. Ha, pois, certo grau de temperatura, no qual os orgãos sensoriaes podem ordinariamente trabalhar mas quando esse limite é ultrapassado de um lado ou do outro, os orgãos tornam-se incapazes de receber impressão alguma de fóra; durante o dia, a corrente de vida positiva reune a força do coração. A disposição physica ordinaria torna-se naturalmente alterada por

essa reunião de força e, como resultado, os sentidos dormem. Não recebem impressão de fóra. Isto é sufficiente para produzir o estado de sonho. Como as cordas do corpo (Sthula Sharira) ainda se acham pouco tensas, a alma já não vê mais a intelligencia affectada pelas impressões externas. A intelligencia está, entretanto, acostumada a percepções e concepções variadas e, pela simples força do habito, ella passa-se para estados variados. A respiração, tal qual se differencia nos cinco estados tattwicos diversos torna-se a causa das impressões variadas que se suscitam. A alma, como já se disse, não preenche funcção alguma na evocação dessas visões: é pelo trabalho de uma lei de vida necessaria que a intelligencia soffre as mudanças variadas dos estados de vigilia e de somno. A alma não tem nada com a evocação das fantasmagorias de um sonho; se assim não fosse, seria impossivel explicar os sonhos horriveis.

Em realidade, se a alma fica inteiramente livre no sonho, porque chama ella, ás vezes, á existencia as apparições horrendas que, com terrivel choque, parece fazerem affluir todo o sangue ao coração? Alma alguma agiria jamais assim se ella pudesse fazel-o.

O facto é que as impressões de um sonho mudam com os Tattwas. Assim como um Tattwa deslisa facilmente com outros, assim tambem um pensamento dá logar a outro. O Akasa causa o medo, a vergonha, o desejo, a colera; o Vayú nos conduz a differentes logares; o Tejas nos mostra o ouro e a prata; o Prithivi pode trazer-nos a alegria, os sorrisos, as caricias, e assim por deante. E então podemos ter vibrações tattwicas compostas.

Podemos ver os homens e as mulheres, a dansa e as batalhas, os conselhos e as assembléas populares; podemos passear em os nossos jardins, cheirar as flôres mais selectas, ver os mais amenos sitios; podemos apertar as mãos dos nossos amigos; podemos falar ou viajar em paizes longinquos. Todas essas impressões são causadas pelo estado do corpo mental determinado, seja por: (1) um desarranjo physico, (2) das mudanças tattwicas ordinarias ou (3) qualquer outra mudança natural de estado.

Assim como ha causas differentes, ha tambem tres especies de sonhos. A primeira causa é o desarranjo physico: quando as correntes naturaes de Prâna são perturbadas, de tal maneira que dahi resulta a molestia ou estão prestes a ser perturbadas, a intelligencia ordinariamente soffre essas mudanças tattwicas.

As cordas sympathicas da intelligencia são excitadas e nós sonhamos com o cortejo desagradavel de que a molestia pode andar acompanhada para nós em a nossa atmosphera physica. Taes sonhos estão proximos dos furores do delirio por sua natureza; a unica differença existe na força e na violencia. Quando estamos doentes, podemos sonhar semelhantemente com a saude e com aquillo que a rodeia.

A segunda sorte de sonho é causada pelas mudanças tattwicas ordinarias. Quando as condições passadas, presentes e futuras do nosso meio são uniformes por sua natureza, quando não ha mudança e quando não temos mudança em previsão, o curso dos sonhos é dos mais calmos e uniformes na sua marcha suavisada. Assim como os Tattwas physiologicos atmosphericos e sau-

daveis deslisam um sobre o outro suavemente, assim tambem as impressões do nosso intellecto se insinuam nessa classe de sonhos. De ordinario, não conseguimos mesmo lembrar-nos desses sonhos, porque não ha nelles nenhuma excitação especial para os conservar em nossa memoria.

A terceira casta de mudanças é semelhante á primeira, a unica differença cifra-se na natureza dos effeitos. A isso chamamos nós os effeitos da molestia ou da saude, conforme o caso; aqui podemos agrupar os resultados sob os nomes geraes de prosperidade ou de calamidade.

O processo desta especie de excitação mental é, entretanto, o mesmo em ambos os casos. As correntes de vida fecundadas por todas as especies de bem e de mal são sufficientes, ainda que potenciaes e tendentes unicamente para o effectivo, para pôr em vibração as cordas sympathicas do intellecto. Quanto mais pura é a intelligencia, quanto mais livre se acha do pó do mundo, tanto mais sensivel é a tendencia mais leve e longinqua de Prâna para o qual se muda. Tornamo-nos, por conseguinte, conscientes, em sonho, dos eventos que se preparam; isto explica a natureza dos sonhos propheticos. Pesar, no emtanto, a força desses sonhos, achar com exactidão o que cada sonho significa, é empresa das mais difficeis e, devo dizer, inteiramente impossivel nas circumstancias ordinarias.

Podemos commetter dez mil faltas a cada passo e carecemos apenas de um perfeito Yogi para a comprehensão correcta dos nossos proprios sonhos, sem falarmos dos sonhos dos outros. Expliquemos e esclareçamos

as difficuldades que nos assoberbam na comprehensão dos nossos sonhos. Um homem do meu bairro, mas desconhecido meu, está nas ultimas; fecundadas pela mente, as correntes tattwicas do seu corpo perturbam os Tattwas atmosphericos e são espalhados por todo o mundo através da sua instrumentalidade, em graus diversos de força. Ellas attingem-me tambem e, quando durmo, excitam as cordas sympathicas da intelligencia. Como não ha agora nenhum logar especial no meu intellecto para aquelle homem, a minha impressão será apenas geral. Um ser humano, bonito ou feio, magro ou gordo, macho ou femea, doente ou não, e tendo outras qualidades semelhantes, virá á minha intelligencia, deitado em seu leito de morte. Porém, que homem é esse? O poder da imaginação complexa, a menos que não esteja subjugado pelo exercicio mais rigoroso de Yoga, achará ahi a sua diversão e é cousa das mais certas que um homem que, na minha intelligencia, já esteve em relação com todas essas qualidades tattwicas, fará a sua apparição na minha consciencia. E' evidente que me acharei no errado caminho. Esse individuo está morto ou moribundo, podemos ficar certos disso, mas onde e quem é elle, é impossivel aos homens ordinarios descobril-o. E não só a manifestação do Vikalpa nos encaminha para a má vereda, senão que todas as manifestações da intelligencia fazem outro tanto. O estado de Samâdhi, que não é outra cousa mais senão a collocação de si mesmo em estado da mais perfeita amenidade para com o meio tattwico, é, pois, impossivel, a menos que as outras manifestações não hajam recebido um refreiamento perfeito. "O estado de Yoga", diz Pa-

tanjali, "consiste em ter subjugadas as manifestações da intelligencia". Resumamos.

c) SOMNO PROFUNDO (*Sushupti*)

O estado de sonho é mantido durante todo o tempo em que a temperatura cardiaca não seja bastante forte para affectar o corpo mental; mas, com o augmento da força positiva, este deve ser affectado tambem. O Manas e o Prâna são constituidos dos mesmos materiaes e sujeitos ás mesmas leis; quanto mais subtis são esses materiaes, tanto mais consideraveis devem ser as forças que produzem as modificações semelhantes.

Todos os corpos estão em accorde uns com os outros e as mudanças de um affectam o outro. As vibrações por segundo do corpo superior são, entretanto, mais numerosas que as do inferior e isso causa a sua subtileza. Os principios mais elevados são sempre affectados pelos principios immediatamente inferiores; assim, os Tattwas externos affectarão Prâna directamente, mas o intellecto só pode ser affectado através do Prâna e indirectamente. A temperatura cardiaca não é senão uma indicação do grau de calor de Prâna; quando um calor sufficiente está accumulado no coração, tendo adquirido força sufficiente, o Prâna affecta o corpo mental. Aquelle tambem põe-se, então, em desaccordo com a alma. Além disso, as vibrações mentaes estão em repouso, porque a intelligencia não pode trabalhar senão a certa temperatura além da qual deve repousar; nesse estado, já não temos sonhos. A unica manifestação da

intelligencia é a do repouso: é o estado do somno sem sonhos.

Passo, agora, á quinta e derradeira manifestação mental.

5 — *Retenção, Memoria (Smriti)*

Como observou o professor Max. Müller, a idéa original da raiz *smiri* (de onde Smriti), é "abrandar, fundir".

O processo do abrandamento ou da fusão consiste na fusão da cousa que toma uma consistencia cada vez mais proxima da consistencia tattwica da força de fusão. Toda a mudança de estado é equivalente á acquisição do estado do Tattwa que causa a mudança, por parte da cousa que muda. De onde a idéa secundaria da raiz "amar". O amor é aquelle estado do intellecto pelo qual elle se resolve no estado do objecto do amor. Essa mudança é analoga á mudança chimica que nos dá uma photographia sobre uma placa sensivel. Assim como nesse phenomeno, os materiaes da placa sensivel se fundem no estado de luz reflectida, assim tambem a placa sensivel da intelligencia no estado das suas percepções. Quanto mais profunda é a impressão sobre a intelligencia, tanto maior é a força dos raios impressionantes e maior a sympathia entre o intellecto e o objecto percebido. Essa sympathia é creada pela energia potencial accumulada, e os proprios raios perceptivos operam com força maior quando o intellecto se acha em estado sympathico.

Cada percepção toma raiz na intelligencia, como já tivemos occasião de explicar. Nada mais é do que u'a

mudança de estado tattwico da intelligencia e o que foi deixado atraz não é senão a faculdade de tornar a cahir no mesmo estado com mais facilidade. O intellecto volve a cahir no mesmo estado quando se encontra sob a influencia do mesmo ambiente tattwico: a presença das mesmas cousas torna a evocar o mesmo estado mental.

Os ambientes tattwicos podem ser de duas formas: astraes e locaes. A influencia astral é o effeito sobre o Prâna individual da condição actual do Prâna terrestre. Se esse effeito apparece sob a forma do Agni Tattwa, aquellas das nossas concepções que têm connexão predominante com esse Tattwa farão a sua apparição no intellecto. Certos destes são desejos de saude, de progenitura, etc. Se temos o Vayú Tattwa, um desejo de viagem pode apossar-se da nossa intelligencia e assim por deante. Uma analyse tattwica minuciosa de todas as nossas concepções é do maior interesse; basta, no emtanto, dizer aqui que a condição tattwica de Prâna chama, muitas vezes, á intelligencia objectos que estiveram em condições semelhantes precisamente com os objectos de percepção.

Esse poder é que, como já ficou demonstrado, constitue os sonhos de uma classe. No estado de vigilia, essa phase da memoria opera frequentemente como reminiscencia.

Os ambientes locaes são constituidos por aquelles objectos que a intelligencia acostumou a perceber em conjuncto com o objecto immediato da memoria; é o poder de associação. E esses dois phenomenos constituem, ao mesmo tempo, a memoria propriamente dita (Smriti).

Nesse ponto, o objecto vem primeiramente á intelligencia e, depois, ao acto e ás circumjacencias da percepção. Outra especie muito importante da memoria é a que se chama Buddhi, memoria literaria. E' o poder pelo qual chamamos ao intellecto o que temos apprendido dos factos scientificos. O processo de accumulação desses factos no intellecto é o mesmo, mas a volta á consciencia differe neste, em que o acto vem em primeiro logar ao intellecto e em seguida ao objecto. Todos os cinco Tattwas e os phenomenos mentaes precedentes podem provocar o phenomeno da memoria. A memoria literaria tem muito que fazer com o Yoga; isto é, com o exercicio da livre vontade no sentido de dirigir as energias da intelligencia nos canaes desejados. Emquanto essas impressões, que tomam raizes na intelligencia conforme o meio natural, a escravizam sem vontade do mundo exterior, Buddhi pode conduzil-a para a salvação e a liberdade. Mas por ventura esses ambientes tattwicos trarão sempre os phenomenos relatados á consciencia? Não, isto depende da sua força correlativa. E' bem sabido que, quando as vibrações por segundo de Akasa (o som) ultrapassam certos limites de um ou de outro lado, ellas não affectam o tympano; o caso dos outros Tattwas é semelhante. Exemplo: só certo numero de vibrações por segundo do Tejas Tattwa affecta o olho, e succede a mesma cousa, *mutatis mutandis*, com os outros sentidos; o mesmo se dá com a intelligencia. Somente quando são eguaes as tensões tattwicas mentaes e externas, entra a intelligencia a vibrar ao pôr-se em contacto com o mundo externo. Da mesma sorte que os estados variados dos or-

gãos externos tornam mais ou menos sensiveis á sensação ordinaria, da mesma sorte que diversos homens podem não ouvir os mesmos sons, não contemplar os mesmos espectaculos, assim tambem os Tattwas mentaes não podem ser affectados pelas impressões de força differente. A these que se propõe é esta: como se produz a variação dessa força tattwica mental? Pelo exercicio e pela falta de exercicio. Se, consoante o que fazemos com o corpo, acostumamos a intelligencia a qualquer percepção ou concepção particular, ella volta-se facilmente para essa percepção ou concepção. Se, no emtanto, abrimos mão do exercicio, a intelligencia torna-se embaraçada e cessa gradativamente de corresponder a essas percepções e concepções: é o phenomeno do esquecimento. Si um estudante, cujo exercicio literario está prestes a fazer desabrochar-lhe os germens da intelligencia que está apparelhada para adquirir bastante força afim de ver nas causas e nos effeitos das cousas, abandonar o seu exercicio, a sua intelligencia perderá essa bella percepção. Quanto mais embaraçada se torna ella, tanto menos a relação causal a affectará e tanto menos saberá, até que, por fim, perde todo o seu poder.

Sendo impossivel, na corrente ordinaria da natureza, a influencia incessante e a actividade de uma unica especie, cada impressão tende a ir-se logo que se produziu. O seu grau de estabilidade depende da duração do exercicio.

Mas, ainda que a actividade de uma só especie seja impraticavel, a actividade de uma especie qualquer está sempre presente no intellecto. A cada acção, a côr da

intelligencia muda, e uma côr pode deitar nella uma raiz tão profunda que ahi permaneça seculos e seculos, para não dizer nada dos minutos, horas, dias e annos. Assim como o tempo leva seculos para destruir as impressões do plano physico, assim como o estygma de uma incisão na pelle não pode desapparecer, mesmo em duas decadas, assim tambem são necessarios seculos e seculos para destruir as impressões da intelligencia. Centenas e milhares de annos podem assim ser dispendidos, em Devachan, para consumir essas impressões antagonistas que a intelligencia contrahiu na vida terrestre. Por impressões antagonistas quero dar a entender essas impressões que não são compativeis com o estado de Moksha e que têm em derredor de si um matiz de vida terrestre.

A cada instante, a intelligencia muda de côr, ainda que seja por augmento ou por diminuição de vibração. Essas mudanças são temporarias; ha, porém, ao mesmo tempo, u'a mudança permanente que persevera na côr da intelligencia. A cada acto insignificante da nossa experiencia do mundo, o fluxo evolutivo do progresso cobra força e passa para a variedade. A côr muda constantemente; mas a mesma côr geral fica mantida, nas circumstancias ordinarias, durante uma vida terrestre. Nas circumstancias extraordinarias, podem deparar-se-nos homens que possuem duas memorias; em emergencias taes como as da approximação da morte, as forças accumuladas de uma vida inteira se combinam numa côr differente daquillo que era antes. Nada pode repôr a intelligencia no mesmo estado. Essa côr geral do intellecto differindo da dos outros intellectos e retendo

ainda o seu caracter geral por uma vida inteira, nos dá a consciencia da identidade pessoal. Em todo acto que foi realizado, que é ou que será, a alma vê a mesma côr geral, e dahi vê o sentimento de identidade pessoal. Na morte, a côr geral muda e, ainda que possuamos o mesmo intellecto, temos uma differente. Por isso, nenhuma sequencia do sentimento da identidade pessoal é possivel na morte.

Eis ahi uma breve exposição do Manomaya Kosha, o corpo mental no estado ordinario. A influencia do mais alto principio (o Vijnâmaya Kosha), pelo exercicio do Yoga, provoca na intelligencia outras manifestações numerosas. As manifestações se mostram na intelligencia e no Prâna, da mesma forma que vemos as manifestações mentaes influenciar e regularizar as outras.

O universo, como já vimos, tem cinco planos de existencias (que tambem podem ser divididos em sete). As formas da terra, que são pequenas pinturas do universo, têm tambem os mesmos cinco planos. Em alguns desses organismos, os mais altos planos da existencia se acham absolutamente latentes. No homem, no seculo presente, o Vijnânamaya Kosha e os principios inferiores fazem a sua apparição.

Já apresentamos um apanhado da natureza do Prâna no macrocosmo e vimos tambem que cada ponto desse oceano de vida quasi que representa um organismo individual separado.

Succede a mesma cousa com a intelligencia macrocosmica. Cada Truti desse centro abraça, da mesma forma, o conjuncto da intelligencia macrocosmica. De cada ponto, os raios tattwicos do oceano mental vão para cada

ponto, e assim cada ponto é uma pintura pequena da intelligencia universal. Tal é a intelligencia individual.

O intellecto universal é o original de todos os centros de Prâna, assim como o Prâna solar é o original das especies da vida terrestre. O intellecto individual, tambem, é semelhantemente o original de todas as manifestações individuaes do Prânamaya Kosha. Similarmente a alma, sobre o mais alto plano, e o intellecto individual, são a pintura perfeita de tudo o que vem cá em baixo.

Sobre os quatro planos superiores da vida, ha quatro estados differentes de consciencia: a vigilia, o sonho, o somno e o Turiyu.

Depois dessas observações, o extracto seguinte do *Prashnopanishad* será intelligivel e instructivo:

"Ora, Sauryâyana Gârgya pergunta-lhe: Senhor, neste corpo, quem dorme e quem fica acordado? Qual desses dois seres luminosos vê os sonhos? Quem goza desse repouso? Em quem, no estado potencial não manifesto, todas essas (manifestações) repousam?

"Elle respondeu-lhe: "O' Gârgya, assim como os raios do sol poente se enfeixam no estojo e depois se vão de novo, assim como elle se levanta ainda e sempre, assim tambem tudo isso se junta no estojo luminoso do espirito além. Por essa razão, pois, o homem não ouve, não vê, não sente, não saboreia, não apalpa... não pega, não cohabita, não restitue, não anda. Dizem que elle dorme. Só os fogos de Prâna permanecem despertos. O Apâna é o fogo Gârhapatya: o Vyâna é o fogo do braço direito, o Prâna é o fogo Ahvanîya que é feito de Gârhapatya. Aquelle que conduz por toda a parte,

egualmente, as oblações de alimento e de ar, é o Pamâna. A intelligencia (Manas) é o sacrificador (Vajamâna). O Udâna é o fructo do sacrificio: elle conduz o sacrificio, cada dia, a Brahma. Aqui esse ser luminoso (a intelligencia) gosa de grandes cousas nos sonhos. Qualquer cousa que haja sido vista, elle a vê de novo como se ella fosse real; ainda que tenha ouvido, elle a ouve como se isso fosse verdadeiro; ainda que haja experimentado, em differentes regiões, em differentes direcções, elle experimenta de novo — o visivel e o invisivel, o ouvido e o não ouvido, o pensado e o não pensado. Elle vê tudo, apparecendo como o "Si" de todas as manifestações.

"Quando elle é dominado pelo Tejas, nesse estado, esse ser luminoso não vê sonhos; então apparece no corpo aquelle repouso (o somno sem sonhos).

"Naquelle estado, meu caro discipulo, tudo (o que é enumerado mais adeante) permanece no Atmâ ulterior, como aves que recorrem a uma arvore como habitação — o Prithivi composto (*) e o Prithivi não composto; o Apas composto e o não composto; o Tejas composto e o não composto; o Vayú composto e o não composto; o Akasa composto e o não composto; a vista e o visivel, o ouvido e o audivel, o odorato e o que pode ser cheirado, o gosto e o que é susceptivel de ser provado, o tacto e o tangivel, a palavra e o que é capaz de ser proferido, as mãos e o que pode ser pegado, o orgão ge-

---

(*) Por composto, entendo eu cada Tattwa que apparece depois da divisão em cinco do primeiro ensino; o não composto significa um Tattwa antes da divisão em cinco.

rador e o goso, e aquillo sobre o que se pode andar, a faculdade, os orgãos excretores e os excrementos, os pés e o objecto da duvida, a faculdade e o objecto da certeza, a faculdade e o objecto do egoismo, a faculdade e o objecto da memoria, a luz e o que pode ser alumiado, o Prâna e o que elle accumula.

"A alma é o Vijnâna Atmâ, o vidente, o tocador, o ouvidor, o cheirador, o saboreador, o duvidador, o affirmador, o agente. Essa alma (o Vijnâna Atmâ) permanece no Atmâ (o Ananda) ulterior, immutavel.

"Ha tambem quatro Atmâs — a vida, a intelligencia, a alma e o espirito. A força ultima que se acha na raiz do poder macrocosmico das manifestações da alma, da intelligencia e do principio de vida é o espirito".

O principal interesse dessa citação reside na representação, de maneira autorisada, das vistas que forem emittidas antes. O esboço seguinte toca em algumas verdades importantes e explica uma das mais importantes funcções do poder macrocosmico e da intelligencia, isto é, o registro das acções humanas.

VI

A GALERIA DE QUADROS COSMICOS

O nosso Guru na philosophia dos Tattwas incita-nos a lançarmos os olhos para o espaço livre do céo, quando o horizonte está perfeitamente claro, e a fixarmos a nossa attenção com a maior força possivel.

Dizem-nos que, depois de uma pratica sufficiente, veremos uma variedade de quadros — as paisagens mais encantadoras, os mais sumptuosos palacios do mundo, e homens, mulheres e creanças sob todos os aspectos variados da vida. Como é possivel semelhante cousa? Que apprendemos nós, por meio desta licção pratica, na sciencia da attenção?

Pensamos ter descripto, nos esboços, com a sufficiente clareza, o oceano de Prâna, com o sol como centro, e haver apresentado uma idéa sufficientemente suggestiva da natureza das atmospheras macrocosmicas mentaes e psychicas.

E' da natureza essencial dessas atmospheras que cada ponto forma nellas um centro de acção e de reacção para o oceano inteiro. A atmosphera terrestre se

extende a algumas milhas e a linha limitrophe dessa esphera deve, comprehende-se facilmente, dar-lhe a apparencia de uma laranja como succede com a terra.

Acontece o mesmo com o Prâna solar e as atmospheras superiores. Começando pelo Prâna terrestre que tem os limites medidos da nossa atmosphera, cada atomo minusculo da nossa terra, e do mais perfeito, como do mais imperfeito organismo, forma um centro de acção e de reacção para as correntes tattwicas do Prâna terrestre. O Prâna tem a facilidade de ser posto na forma de cada organismo, ou, para empregarmos outra expressão, os raios de Prâna, desde que elles caem sobre todo o organismo, são reenviados por esse organismo segundo as leis bem conhecidas da reflexão. Esses raios, como tambem é conhecidissimo, transportam em si a pintura dos objectos sobre os quaes elles cahiram. Levando-os em si, elles chegam aos do Prâna terrestre supra indicado. Será facil de conceber que, na esphera imaginaria que rodeia o nosso Prâna terrestre, temos agora uma pintura magnifica do nosso organismo central. Nenhum organismo lhe escapa, até os mais pequenos pontos, os mais perfeitos da vida organizada como os mais imperfeitos estão pintados nessa esphera imaginaria. E' uma galeria magnifica de quadros e o que se viu, ouviu, tocou, saboreou ou cheirou na superficie da terra possue lá uma gloriosa e magnifica pintura. Nos limites desse Prâna terrestre, os raios tattwicos que formam as pinturas exercem dupla funcção.

Em primeiro logar, elles põem em movimento semelhante as cordas tattwicas sympathicas do Prâna solar. Isto é, essas pinturas se acham agora consignadas

no Prâna solar, do qual, por uma carreira conveniente, ellas attingem, passo a passo, a propria intelligencia universal.

Em segundo logar, esses raios reagem sobre si mesmos e, voltando da esphera limitativa, são de novo reflectidos para o centro.

São essas pinturas que o espirito attento vê, na sua contemplação do meio-dia, no espaço livre, e são essas pinturas, vistas desse modo mysterioso, que nos ministram o alimento mais subtil para a imaginação e o intellecto, e que nos fornecem visões longinquas da natureza e do trabalho das leis que regem a vida do macrocosmo e do microcosmo.

Porque essas pinturas nos dizem que as menores das nossas acções, sobre qualquer que seja o plano da nossa existencia, acções que podem ser bastante insignificantes e, por isso, passam despercebidas, ainda mesmo para nós, são destinadas a receber um registro duravel como effeito do passado e causa do futuro. Essas pinturas, de novo, nos falam da existencia dos cinco Tattwas universaes. Essas pinturas é que nos conduzem ao descobrimento da constituição multipla do homem e do universo, e desses poderes da intelligencia que a sciencia official ainda não reconheceu hoje.

De que essas verdades acharam abrigo nos Upanishads, podemos convencer-nos pela citação seguinte do *Ishopanishad* (Mantra 4):

"O Atmâ não se move; é unico; é mais leve que a intelligencia; os sentidos não o attingem e é o mais avançado em movimento. Vae além dos outros em movimento

rapido, emquanto elle proprio está em descanço; o *Registrador* conserva nelle as acções".

Na citação precedente, é o vocabulo Mâtarishvâ que traduzimos pelo termo "Registrador". De ordinario, a palavra é traduzida por "ar", e, que eu saiba, nunca foi tomada no sentido de "Registrador". A minha opinião, entretanto, poderá ser explicada mais longe, com vantagem.

O vocabulo é um composto de duas palavras: *mâtari* e *svah*. O termo *mâtari* é o caso locativo de *mâtri*, que significa ordinariamente "mãe" e que se tornou como exprimindo o espaço, o substratum da distancia, da raiz *mâ, medir*. O segundo termo do composto significa "o assoprador", vindo da raiz *svah,* assoprar. O composto significa, portanto, "aquelle que assopra no espaço". Explicando esta palavra, o commentador Shankarâchârya prosegue:

"O vocabulo Mâtarishvâ, que foi derivado da maneira precedente, significa o Vayú (o motor) que traz comsigo todas as manifestações de Prâna, que é a propria acção. Esse Prâna é o substractum de todos os grupos de causas e de effeitos, e nelle todas as causas e os effeitos são mantidos como as contas de um rosario, e dahi o nome de Sûtra (o fio) que lhe é dado, como tendo em si mesmo o conjuncto do mundo".

Vae dito mais longe que as "acções" que esse Mâtarishvâ tem em si proprio, na citação precedente, assim como as acções de aquecer, accender, queimar, etc., forças macrocosmicas reputadas como sendo Agni, etc.

Ora, semelhante cousa não pode, de maneira alguma, ser o ar atmospherico. E' evidentemente essa phase

de Prâna que leva os pintores de todas as acções e de todos os movimentos de cada ponto do espaço para cada outro ponto, e para os limites do Sûrya-mandala. Esta phase de Prâna não é, nem mais nem menos, que o Registrador. Elle encerra em si mesmo, para sempre, todas as causas e todos os effeitos, os antecedentes e os consequentes desse mundo que é o nosso. E' a propria acção. Significa isto que toda acção é u'a mudança de sitio de Prâna.

Diz-se na citação precedente que esse Registrador vive no Atmâ. Pois que existe o Atmâ, esse poder aperfeiçôa sempre a sua funcção. O Prâna tira a sua propria vida do Atmâ, e achamos, por conseguinte, uma semelhança entre as qualidades de ambos. Ficou dito de Atmâ, no extracto supra, que elle não se move, e mais que elle se move mais rapido que a intelligencia. Isto, á primeira vista, parece serem qualidades contradictorias e são taes qualidades que fazem do Deus dos logares communs dos theologos o ser absurdo que elle sempre parece ser. Appliquemos, entretanto, essas qualidades ao Prâna e, comprehendidas sobre este plano, tambem serão perfeitamente comprehendidas no plano mais elevado, o Atmâ. Tem-se dito, mais de uma vez, que, de cada ponto do oceano de Prâna, os raios tattwicos correm em todas as direcções, para cada ponto do Sûrya-mandala; por isso, o oceano de Prâna está em movimento eterno. Nessas condições, pode um ponto desse oceano mudar jamais de logar? Seguramente não. Assim emquanto cada ponto conserva seu logar, cada ponto vae-se mostrar, ao mesmo tempo, em qualquer outro ponto.

E' da mesma forma simples que o Atmâ, que penetra tudo, está em movimento eterno, não obstante sempre em repouso.

Acontece a mesma cousa com todos os planos de vida; todas as nossas acções, todos os nossos pensamentos, todas as nossas operações soffrem um registro eterno no livros de Mâtarîshvâ.

Devemos observar agora essas pinturas com um pouco mais de minuciosidade. A sciencia da photographia nos ensina que, sob certas condições, as pinturas visuaes podem ser apanhadas sobre o plano da pellicula sensivel. Mas como podem contar, ler cartas a uma distancia de trinta milhas ou mais? Taes phenomenos são, para nós, factos de experiencias pessoaes. Muito recentemente, achando-me distrahido, ou numa especie de devaneio, pelas quatro horas da madrugada, li um cartão postal escripto por um amigo a outro amigo, a proposito da minha pessoa, naquella mesma noite, a uma distancia de cerca de trinta milhas. Alguma cousa mais, creio eu, cumpre ser notada aqui.

Cerca da metade do cartão occupa-se de mim; o resto refere-se a outras materias que podem ter simplesmente para mim um interesse passageiro. Ora, o resto do cartão não se me apresentou deante dos olhos da intelligencia mui claramente, e senti que, com todos os meus esforços, eu não podia fixar o meu olhar sobre aquellas linhas um tempo sufficiente para comprehendel-as, mas era irresistivelmente attrahido para o paragrapho que falava de mim, e que pude ler mui claramente. Quatro dias depois disso, o destinatario do cartão m'o mostrou; era exactamente o mesmo que eu

tinha visto anteriormente, sentença por sentença (se bem me lembro). Menciono este phenomeno particularmente, como apresentando claramente definidas as qualidades requeridas para à producção desses phenomenos. Tiramos de uma analyse as conclusões seguintes:

1 — O redactor do cartão sentia, ao escrevel-o, que eu o havia de ler, e especialmente o paragrapho que me dizia respeito.

2 — Eu estava anciosissimo por conhecer as noticias que o cartão continha a meu respeito.

3 — Do estado de espirito, supra mencionado, no qual o meu amigo escreveu o cartão, qual foi o resultado? A pintura dos pensamentos no cartão, ao mesmo tempo no plano physico e no plano mental, vôou em todas as direcções ao longo dos raios tattwicos do Prâna macrocosmico e da intelligencia. Fez-se immediatamente uma pintura sobre as espheras macrocosmicas e, dahi, curvou os seus raios para o logar do destino do cartão postal. Sem duvida, todas as intelligencias da terra receberam, no mesmo instante, um choque dessa corrente de pensamento, mas só a minha se tornou sensivel ao cartão e á noticia que elle continha: foi, pois, só na minha intelligencia que se fez uma impressão. Os raios eram refractados na minha intelligencia e o resultado acima descripto se produziu.

Segue-se desta demonstração que, para receber os raios pictoricos do Prâna, devemos ter uma intelligencia em estado de sympathia e não de antipathia, isto é, um pensamento livre de toda a acção ou de todo o sentimento intenso, na época da sua apparição, e que é o receptaculo conveniente para as representações picto-

ricas do cosmos e tambem para um conhecimento correcto do passado e do futuro. Se nos anima um desejo intenso de saber qualquer cousa, tanto melhor para nós. Deste modo é que o occultista lê os annaes do passado no livro da natureza e este caminho é que o principiante deve trilhar nesta sciencia, conforme a direcção do seu Guru.

Voltemos ás nossas explicações. Deve-se comprehender que todas as cousas, seja qual fôr o aspecto sob o qual ellas estiveram ou estão em o nosso planeta, têm um registro legivel no livro da natureza, e os raios tattwicos de Prâna e da intelligencia nos trazem constantemente os contornos dessas pinturas. E', em grande parte a este que devemos a conservação do passado, ainda que, relativamente á visão ordinaria, muitos dos seus monumentos mais grandiosos hajam desapparecido para sempre da superficie do nosso planeta. Esses raios retro-activos estão sempre inclinados *para o centro que lhes deu nascimento.* No caso dos ambientes mineraes dos phenomenos terrestres, esses centros são conservados intactos durante seculos após seculos, e é inteiramente possivel, para todo o ser sensitivo, em momento dado, voltar esses raios para si mesmos, pondo-se em contacto com os restos materiaes dos phenomenos historicos. Uma pedra desenterrada de Pompeia representa, em parte, o grande acontecimento que destruiu a cidade, e os raios dessa pintura estão naturalmente inclinados para esse bloco de pedra. Se a senhora Denton applica a pedra á sua fronte, uma condição sympathica e receptiva é a primeira qualidade requerida para a transferencia da pintura inteira á memoria. Esse estado sym-

pathico da memoria pode ser natural num individuo ou pode ser adquirido; mas, pelo que concerne ao termo "natural", deve-se pensar que aquillo que, por habito, chamamos poderes naturaes é realmente adquirido, porém em precedentes reencarnações. Shiva disse:

"Ha-os em quem os Tattwas se revelam quando o pensamento está purificado pelo habito, quer pela velocidade adquirida de outros nascimentos, quer pela benevolencia do Guru".

Parece que dois pedaços de granito, a todos os respeitos identicos exteriormente podem ter côres tattwicas inteiramente differentes, porque a côr de uma cousa depende, em grandissima medida, do seu meio tattwico. E' essa côr occulta que constitue a alma real das cousas, ainda que o leitor possa saber agora que o vocabulo sanscrito Prâna é mais bem apropriado.

Não é um mytho o dizer que o Yogui praticante possa, por simples esforço da sua vontade, attrahir a pintura de uma parte qualquer do mundo, passado ou presente, para deante dos olhos do seu espirito — e não somente as pinturas visuaes como a nossa explicação poderia dar a entender. A conservação e formação das pinturas visuaes não é senão o trabalho do ether luminoso — o Tejas Tattwa. Os outros Tattwas preenchem tambem as suas funcções.

O Akasa, ou ether sonoro, conserva todos os sons que nunca foram ou que não são ouvidos sobre a terra e, semelhantemente, os tres etheres conservam os registros das sensações restantes. Vemos, pois, que, combinando todas essas pinturas, um Yogi em contemplação pode ter, deante dos olhos do seu espirito, um ho-

mem qualquer, seja qual fôr a distancia em que se ache e pode ouvir-lhe a voz. Glyndon, na Italia, vendo e ouvindo a conversação de Viola e Zanoni, na sua morada longinqua, não é simplesmente um sonho de poeta, senão uma realidade scientifica. A unica cousa para isso necessaria é ter um deejo sympathico. Os phenomenos da telegraphia mental, da psychometria, da clarividencia, da clariaudiencia, são todas phases desta acção tattwica. Comprehendido isto, tudo é muito simples. Pode ser util apresentar neste logar, algumas reflexões que mostrem de que maneira essas representações pictoricas do presente de um homem vão formar-lhe o futuro.

Vamos, primeiramente, procurar mostrar quanto é completo o registro. Devemos, antes de mais nada, recordar ao leitor o que acima ficou dito da côr de cada cousa: é isto o que confere a individualidade, ainda a uma pedra.

Esse conjuncto pictorico não é senão a contra parte cosmica do Prânamaya Kosha individual ou espira de vida. E' possivel que o leitor que não comprehendeu a fundo o modo pelo qual se accumula a energia tattwica no Prânamaya individual possa entender com mais facilidade o phenomeno na sua contra parte cosmica. Com effeito, os phenomenos microcosmicos e macrocosmicos são ambos aneis da mesma cadeia e todos conduzirão á comprehensão completa no conjuncto. Supponhamos que um homem esteja sobre uma montanha, tendo descortinado ante os seus olhos o mais bello horizonte. Emquanto elle se mantém alli, a contemplar aquella opulencia de belleza, a sua pintura, em tal posição, se faz desde logo na ecliptica. Não somente se pinta a sua ap-

parencia externa, senão tambem a côr da sua vida recebe a representação mais completa. Se naquelle momento prevalece nelle o Agni Tattwa, se a luz da satisfação lhe refulge nas faces, se é calmo, concentrado e prazenteiro o olhor dos seus olhos, se elle se acha de tal maneira absorto na contemplação, que se esquece de todas as outras cousas, os Tattwas separados ou em composição farão o seu dever, e toda a satisfação, toda a calma, todo o prazer, attenção ou desattenção serão representados, até o matiz mais delicado possivel, na esphera da ecliptica. Se anda ou corre, se desce ou sobe, os raios tattwicos de Prâna, com a maior lealdade, pintam as côres geratrizes e engendradas da mesma esphera memorial.

Um homem estaca, com uma arma na mão, o olhar da crueldade nos olhos, o fogo da deshumanidade nas veias, emquanto a sua victima, homem ou animal, sem auxilio, se debate deante delle. Todo o phenomeno fica registrado instantaneamente. O assassino mantém-se alli e tambem a sua victima, nas suas côres mais verdadeiras: ha ahi a camara solitaria ou o cannavial, o telheiro desasseado ou o fetido matadouro, todos alli se encontram tão segura e certamente como se acham no olho do algoz ou da propria victima.

Mudemos de novo a scena. Temos deante de nós um mentiroso. Elle diz u'a mentira e, por conseguinte, prejudica o seu semelhante. Mas é pronunciada uma palavra e o Akasa lança-se ao trabalho com toda actividade possivel.

Temos a representação mais sincera, o mentiroso está alli pela reflexão que o pensamento da pessoa in-

sultada lança no Prâna individual; o homem insultado está alli tambem; as palavras estão lá, em toda a energia da falsidade contemplada. E se fôr completa essa falsidade, contemplada nella achamos tambem a mudança para o mal que a sua mentira produziu para a victima. Com effeito, nada ha dos seus adherentes, antecedentes e consequentes — causas e effeitos — que não esteja representado alli.

Muda-se a scena e chegamos a um ladrão. Seja a noite a mais escura possivel, o ladrão tão circumspecto quanto avisado, a nossa pintura lá está, com todas as suas côres bem definidas, ainda que não tão proeminentes talvez. O tempo, a casa, a parede com um rombo, os moradores; no dia seguinte, adormecidos e atacados, os haveres roubados; os proprietarios afflictos, com todos os antecedentes e consequentes, são pintados. E isto não acontece só com o assassino, o ladrão e o mentiroso, senão que com o adultero, o falsario, o scelerado, que julga o seu crime escondido aos olhos do mundo. As suas acções, como todas as acções que têm sido commettidas, são registradas na galeria de quadros da Natureza, com vida, clareza e exactidão. Podem multiplicar-se os exemplos, porque os phenomenos da nossa vida social são variados e complicados; mas isso é inutil. O que foi dito é sufficiente para explicar o principio, e a applicação é util e não muito difficil. Mas cumpre-nos agora retirar as nossas pinturas da galeria.

Vimos que o tempo e o espaço, e todos os factores possiveis de um phenomeno, ahi recebem uma representação precisa, e já o disse, esses raios tattwicos estão ligados no tempo que os viu deixar o seu registro sobre o

plano da nossa região pictorica. Quando, no decurso dos seculos, o mesmo tempo lança de novo a sua sombra sobre a terra, os raios pictoricos, accumulados desde longa data, dão energia á materia productora do homem, e a moldam de accordo com a sua energia propria que começa, agora, a tornar-se activa. Hão de conceder-nos de boamente que o sol dá vida á terra e aos homens, como aos vegetaes e aos mineraes. A vida solar toma a forma humana no seio da mãe e isso não é senão uma infusão de alguma serie de nossos raios pictoricos na vida sympathica que já se mostra sobre o nosso planeta. Esses raios produzem, assim, por si mesmos, um corpo humano no seio da mãe e, então, tendo o corpo maternal agora um pouco differente, elles emprehendem a sua jornada terrestre. Emquanto o tempo avança, a representação pictorica muda de posições tattwicas, o corpo grosseiro faz outro tanto.

Nos casos de renascimento do homem que vemos em contemplação sobre as montanhas, a attitude calma, attenta e satisfeita da intelligencia que elle cultivou então, tem a sua influencia sobre o organismo presente; o homem rejubila-se ainda mais das bellezas da natureza e, assim, está satisfeito e feliz.

Tomemos, agora, o caso de um assassino cruel. Elle é cruel por natureza, estando ainda emocionado pelo assassinio e pela destruição, e não poderia ser arredado das suas horriveis praticas, a menos que a pintura da vida declinante e da victima não seja agora parte e parcella de sua constituição; a dôr, o terror e o sentimento de desespero e o abandono estão ahi em toda a sua força. Occasionalmente, é como se o sangue da vida deixasse

as suas veias. Não ha causa apparente e, no emtanto, elle soffre a dôr; está sujeito a accessos inexplicaveis de terror, desespero e abandono. A sua vida é miseravel; lenta mas seguramente, elle decáe.

Desçamos a cortina sobre esta scena. O ladrão encarnado apparece agora no proscenio. Os amigos o deixam, um a um, ou então se acha afastado delles. A pintura da casa solitaria deve reivindicar o seu poder sobre elle: está destinado a uma casa solitaria. A pintura de alguem que vem á casa por aquelle lado ermo, que lhe rouba os haveres e que o estrangula talvez, faz a sua apparição com maior força: o homem é condemnado á cobardia eterna. Elle attrahirá a si mesmo, irresistivelmente, os homens que lhe hão de causar o mesmo damno e violentos padecimentos que elle causou a outros, muito tempo antes. Essa mesma posição de damno penoso tem a sua influencia sobre elle na vereda ordinaria e, sob a mesma influencia, elle cria os que o rodeiam.

Consideremos tambem o caso de adulterio. No peregrinar pela terra, é attrahido para tantos individuos do outro sexo quantos elle amou deslealmente outr'ora. Ama um delles e o seu amor pode achar uma correspondencia favoravel, mas logo uma segunda, uma terceira, uma quarta pintura fazem a sua apparição e são naturalmente antagonistas da primeira e a repellem. Os vinculos do amor são inteiramente rotos, de maneira inexplicavel, e a dôr cruciante que se lhe causa pode ser muito bem imaginada. Todo o ciume e todos os arrufos complicados dos amantes poderiam ser facilmente referidos a taes causas.

E aquelles que peccaram vendendo o seu amor pelo ouro, muito tempo antes, hão de amar agora e, em troca, serão desprezados pela sua pobreza. Que pode haver ahi de mais miseravel que o ver recusar-se-lhe o luxo do amor por causa da pobreza?

Esses exemplos bastam, creio eu, para explicar a lei segundo a qual as pinturas cosmicas governam as nossas vidas futuras. Os effeitos tattwicos de alguns outros peccados que são capazes de serem commettidos nas circumstancias innumeraveis e variadas da vida, podem ser facilmente traçados através das representações pictoricas do cosmos.

Não é difficil de comprehender que a pintura de cada organismo individual de Prâna, ainda que sempre mutavel com as posturas variaveis do objecto, permanece a mesma em substancia. Cada objecto existe na sua forma de Prâna até que, no correr da evolução, o proprio Prâna se perde na mais elevada atmosphera de Manas.

Cada genero e cada especie de organismo vivo, na superficie da terra, é pintado em Prâna, e são essas pinturas que, no mais elevado plano de existencia, correspondem, na minha opinião, ás *idéas* de Platão. Uma pergunta interessantissima se nos apresenta então. Todas essas pinturas são de existencia eterna, ou vêm unicamente á existencia depois que as formações se produziram sobre o plano terrestre? *Ex nihilo nihil fit* é doutrina bem conhecida em philosophia, e eu sustento, com Vyâsa, que as representações (a que eu chamo agora de pinturas) de todos os objectos, nas suas capacidades genericas, especificas e individuaes, têm sempre

existido na intelligencia universal. Swara, ou o que se pode chamar o Sopro de Deus, o Sopro de Vida, não é, nem mais nem menos, como já se explicou, do que a intelligencia abstracta ou, se tal expressão é mais comprehensivel, o *movimento intelligente.*

Diz o nosso livro:

"No Swara estão pintados e representados os Védas e os Shâstras; no Swara, os mais elevados Gaudharvas, e no Swara, todos os tres mundos; o Swara é o proprio Atmâ".

Não é necessario entrar mais profundamente numa discussão desse problema; a suggestão é sufficiente. Pode-se dizer, entretanto, que toda formação em progresso na superficie do nosso planeta é a apropriação, para cada cousa, da forma dessas idéas, sob a influencia das *idéas* solares. O processo é precisamente semelhante ao processo da terra humida tomando as impressões de tudo o que pesa sobre ella. A idéa de cada cousa é a sua alma.

As almas humanas (Prânamaya Koshas) existem nessa esphera, da mesma forma como as almas das outras cousas, e são affectadas, nessa morada que é a dellas, pela experiencia terrestre, da maneira acima mencionada.

No correr dos seculos, essas idéas fazem a sua apparição no plano physico, de continuo, conforme as leis precedentemente dadas.

Tenho dito tambem que essas pinturas têm a sua contra parte nas atmospheras mentaes e superiores. Poder-se-ia dizer agora que, da mesma forma que essas

pinturas solares voltam, ha épocas tambem nas quaes as pinturas mentaes voltam. As mortes ordinariamente conhecidas por nós são as mortes terrestres, isto é, as que consistem na retirada da influencia das pinturas solares para longe da terra, durante algum tempo.

Quando esse tempo está expirado, a duração dependendo das côres da pintura, estas enviam a sua influencia sobre a terra, e temos o renascimento terrestre. Podemos morrer um certo numero de mortes terrestres, sem que a nossa vida solar fique extincta.

Mas os homens do presente Manvantara podem morrer de morte solar em certas circumstancias; elles escapam, então, da influencia do sol e não renascem senão sob o reino do segundo Manu. Os homens que morrem agora de morte solar permanecerão em estado de beatitude em todo o Manvantara presente. O seu renascimento tambem pode ser referido a mais de um Manvantara. Todas essas pinturas ficam no seio de Manu durante o Pralaya Manvantarico. Da mesma forma, os homens podem soffrer mortes superiores, e passar o seu tempo em estado de felicidade mais elevada e duravel.

O corpo mental pode ser quebrado, da mesma forma que o corpo grosseiro, o corpo terrestre e o corpo solar; então, a alma abençoada permanece na felicidade até a aurora do segundo dia de Brahma. Superior ainda e mais longo é o estado que segue a morte Brahmica: o espirito está então em repouso para Kalpa e o Mahâpralaya restantes que se seguem.

Depois disso, comprehender-se-á facilmente a significação da doutrina hindú, segundo a qual, durante

a noite de Brahma, como, em verdade, durante todas as noites menores, a alma humana e, com effeito, o conjuncto do universo ficam occultos no seio de Brahma como a arvore na semente.

AS MANIFESTAÇÕES DA FORÇA PSYCHICA

A força psychica é a forma de materia conhecida sob o nome de Vijnâna em connexão activa com os objectos mentaes e vitaes. Na citação precedente do *Ishopanishad*, foi dito que os Devas — as manifestações macrocosmicas e microcosmicas de Prâna — não attingem o Atmâ, visto que elle se move mais rapido do que a propria intelligencia. Os Tattwas de Prâna se movem com certa facilidade. A intelligencia possue maior velocidade e a materia psychica outra maior ainda. Em presença do plano superior, o plano inferior parece sempre em repouso, e está sempre submettido á influencia delle. A creação é u'a manifestação da força psychica sobre os planos inferiores da existencia. O primeiro processo é naturalmente a apparição das espheras macrocosmicas variadas com os centros diversos. Em cada uma dessas espheras — no Prâna, no Manas e no Vijnâna — os raios tattwicos universaes, sobre os seus planos proprios, dão nascimento ás individualidades innumeraveis.

Cada Truti sobre o plano de Prâna é um corpo vital (Prânamaya Kosha); os raios que dão a existencia a cada um desses Trutis vêm de cada um delles e de todos os outros Trutis que estão situados no espaço assignado a cada qual dos cinco Tattwas e ás suas innumeraveis combinações e que representam, por conseguinte, todas as manifestações tattwicas possiveis da vida.

Sobre o plano de Manas, cada Truti mental representa intelligencia individual; cada intelligencia individual recebe o nascimento de raios tattwicos mentaes de outras partes. Esses raios vêm de todos os outros Trutis situados sob o dominio de cada um dos cinco Tattwas e das suas combinações innumeraveis, que apresentam, pois, todas as phases tattwicas possiveis da vida psychica.

A primeira classe de Trutis, sobre os planos vaviados da existencia, é a dos conhecidos Deuses e Deusas; a ultima classe, a dos corpos que se manifestam na vida da terra.

Cada Truti psychico é um reservatorio pequeno de cada phase tattwica de vida que se pode manifestar sobre os planos inferiores da existencia. E assim, enviando os seus raios para baixo, da mesma forma que o sol, esses Trutis se manifestam nos Trutis dos planos inferiores. Conforme a phase predominante da côr tattwica nessas tres series de Trutis, o Vijnâna (Truti psychico) escolhe o seu intellecto, que, por sua vez, elege o seu corpo, cuja espira de vida cria, emfim, a sua morada sobre a terra.

A primeira funcção do Truti individual, Vijnâna, é sustentar a vida do Truti mental, da mesma forma que

o Vijnâna macrocosmico sustenta a vida da intelligencia macrocosmica; assim o Truti mental sustenta a vida do Truti individual do Prâna.

Nesse estado, as almas não são conscientes senão da sua subjectividade em relação com a intelligencia e com o Prâna. Ellas sabem que sustentam os Trutis inferiores, conhecem a si proprias e conhecem todos os outros Trutis psychicos, têm sciencia do conjuncto do macrocosmo de Ishvara, porque os raios tattwicos reflectem cada ponto na sua consciencia individual. São omniscientes; são perfeitamente ditosas, porque se acham exactamente em equilibrio.

Quando o Prânamaya Kosha entra na habitação terrestre, a alma é, pela primeira vez, assaltada pelo finito; isto significa uma diminuição ou antes a creação de uma consciencia nova amesquinhada. No decurso de seculos e seculos, a alma não toma nota dessas sensações finitas, mas, quando as impressões vão adquirindo forças cada vez mais, ellas são enganadas por uma crença de identidade com as impressões finitas; da absoluta subjectividade, a consciencia é transferida para a passividade relativa. Cria-se um novo mundo de apparencias: tal é a sua queda. Como essas sensações, percepções, etc. nascem e como affectam a alma, já discutimos. Como a alma desperta desse olvido e o que ella faz então para libertar-se, ver-se-á mais longe.

Ha de reconhecer-se, nesse estado, que a alma vive duas vidas: a vida activa e a vida passiva. Na capacidade activa, ella vae governando e sustentando a vida substancial dos Trutis inferiores: na capacidade passiva, ella se esquece a si propria e se engana de identidade

com a mudança dos Trutis inferiores impressos sobre ella pelos Tattwas externos. A consciencia transfere-se para os centros finitos.

Todo o combate da alma, no seu despertar, consiste no esforço que ella faz para acabar com a sua qualidade passiva e para reconquistar a sua pureza primitiva. Esse combate é o Yoga, e os poderes que o Yoga provoca na intelligencia e no Prâna não são nada mais do que manifestações da força psychica, calculada para destruir o poder do mundo exterior sobre a alma. Essa mudança constante de phase em as novas espiras finitas, irreaes, de existencia, constitue a marcha ascendente da corrente de vida, desde o começo da consciencia relativa até o estado absoluto original.

Não ha difficuldade na comprehensão do porque dessas manifestações. Ellas estão no reservatorio psychico, mostram-se simplesmente quando os Trutis inferiores tomam o polimento sympathico e a inclinação tattwica. Assim, o aspecto luminoso não se mostra de si mesmo senão quando certos objectos tomam o polimento e a forma de um prisma.

Em geral, a força psychica não se manifesta de modo extraordinario nem no Prâna nem na intelligencia. A humanidade progride como um conjuncto e, sejam quaes forem as manifestações dessa força que se effectuam, ellas se realizam no conjuncto das raças. As intelligencias finitas são, pois, vagarosas em reconhecel-o.

Mas todos os individuos de uma raça não têm a mesma força de phase tattwica. Alguns delles mostram mais sympathia para a força psychica numa ou em di-

versas das suas phases tattwicas componentes: taes organismos têm o nome de mediums. Nesses, a phase tattwica particular da força psychica com a qual estão em sympathia maior do que o resto dos seus semelhantes, faz a sua apparição extraordinaria. Essa differença de sympathia individual é causada por uma differença de grau na compleição dos diversos individuos ou pela pratica do Yoga.

De tal maneira, essa força psychica pode-se manifestar sob a forma de todas as possibilidades innumeraveis da combinação tattwica. Logo, pelo que é concernente á theoria, essas manifestações podem cobrir o dominio inteiro das combinações tattwicas no macrocosmo visivel e no invisivel tambem, o qual nos é, aliás, ignorado. Essas manifestações podem contradizer todas as nossas presentes noções de tempo e espaço, de causa e effeito, de força e materia. Intelligentemente utilizada, essa força poderia muito bem preencher as funcções da verruma da *Raça Futura.* O estudinho seguinte esboçará algumas dessas manifestações sobre o plano da intelligencia.

VIII

YOGA — A ALMA

Descrevi mais ou menos perfeitamente dois principios da constituição humana — Prâna e Manas. Ficou dito tambem algo ácerca da natureza e das relações da alma. Omittimos o corpo grosseiro por não ter necessidade de menção especial.

As cinco manifestações de cada um dos dois principios — o Prâna e o Manas — cumpre mencional-o, podem ser felizes ou desgraçadas. Essas manifestações afortunadas são as que se harmonizam com a nossa verdadeira cultura, as que nos auxiliam em o nosso mais elevado desenvolvimento espiritual, o *summum bonum* da humanidade. Aquellas que nos conservam encadeados á esphera dos nascimentos e das mortes periodicas podem ser chamadas infortunadas. Sobre cada um dos dois planos de vida — Prâna e Manas — ha a possibilidade de dupla existencia. Podemos ter, de facto, nas condições presentes do universo, um Prâna infeliz, uma intelligencia feliz e uma intelligencia desditosa. Considerando essas duas como quatro, o numero dos prin-

cipios da constituição humana pode ser elevado de cinco a sete. As intelligencias infelizes de um plano se alliam com as desgraças do outro, as felizes com as felizes e temos, na constituição humana, um arranjo de principios que se approximam do seguinte:

1 — O corpo grosseiro (Sthûla Sharîra).
2 — Prâna infeliz.
3 — Intelligencia desditosa.
4 — Prâna feliz.
5 — Intelligencia ditosa.
6 — A alma (Vijnâna).
7 — O espirito (Ananda).

A base fundamental, na divisão em cinco, é o Upâdhi, o estado particular e distincto de materia (Prakriti) em cada caso, na divisão septupla, é a natureza de Karma em relação com o seu effeito sobre a evolução humana.

As duas series desses poderes — a ditosa e a infortunada — trabalham no mesmo tempo sobre o mesmo plano, e, ainda que as manifestações felizes tendem, no seu longo percurso, para o estado de Moksha, esse estado não é alcançado antes que os poderes superiores — os Siddhis — nos sejam induzidos, na intelligencia, pela pratica do Yoga. O Yoga é um poder da alma. Cumpre, pois, dizer alguma cousa da alma e do Yoga, antes que os mais elevados poderes da intelligencia possam ser claramente descriptos. O Yoga é a sciencia da cultura humana no sentido mais elevado das palavras; o seu fim é a purificação e o refreamento da intelligen-

cia. Mercê desse exercicio, a intelligencia está cheia de altas aspirações e adquire poderes divinos, emquanto que as potencias desgraçadas morrem. O segundo e o terceiro principios desse ensaio são queimados, consumidos pelo fogo do saber divino, e o estado a que se chama salvação da vida é attingido. Logo, o quarto principio, tambem, se torna neutro, e a alma passa para um estado de Moksha Manvantarica. Mais alto ainda pode-se elevar a alma, conforme a força do seu exercicio. Quando a intelligencia tambem se acha em repouso, como no somno profundo (Sushupti), durante a vida, a omnisciencia de Vijnâna é alcançada. Ha um estado mais sublimado ainda — o estado de Ananda. Taes são os resultados de Yoga; devo descrever, agora, a sua natureza e o meio de adquiril-o.

Pelo que diz respeito á natureza do Yoga, podemos dizer que a especie humana transpôz o seu presente estado de desenvolvimento pelo exercicio desse grande poder. A propria Natureza é um grande Yogi e a humanidade tem sido e é ainda purificada na perfeição pelo exercicio da sua vontade sem somno. O homem só tem necessidade de imitar a grande mestra para abreviar, para o seu eu individual, o caminho da perfeição. Como é que podemos, pois, tornar-nos a nós mesmos aptos para essa grande imitação? Quaes são os degraus da grande escala da perfeição? Essas cousas foram descobertas para nós pelos grandes sabios da antiguidade e o livrinho de Patanjali não é senão uma transcripção succinta e suggestiva de tantas das nossas experiencias passadas e das nossas futuras potencialidades, taes quaes são registradas no livro da natureza. Este livrinho em-

prega o termo Yoga em duplo sentido: o primeiro é um estado da intelligencia, chamado de outra maneira Samâdhi; o segundo é uma serie de actos e observações que traz esse estado á intelligencia. A definição dada pelo sabio é negativa, e só é applicavel sobre o plano da intelligencia. A fonte do poder positivo reside no mais elevado principio, a alma. O Yoga, já o dissemos, é o refreamento das cinco manifestações da intelligencia. Na definição, admitte-se a existencia de um poder que pode paralysar as manifestações; esse poder nos parece de outra maneira, familiar, sob o nome de livre arbitrio. Ainda que, pelas manifestações do egoismo (Asmitâ) sobre o plano mental, a alma seja illudida, considerando-se como escrava do segundo e do terceiro principos, isso não se dá assim e logo que, em certa medida, se affrouxe a corda do egoismo, vem o despertar. E' o primeiro passo na iniciação pela natureza mesma da raça do homem: é força da necessidade. O labor lado a lado, com um ou outro do segundo e terceiro, e do quarto e do quinto principios, desperta a apprehensão do Asmitâ mental natural sobre a alma. "Eu sou estas ou destas manifestações", diz o egoismo; semelhante estado de cousa não pode, entretanto, durar muito. Essas manifestações são duplas por sua natureza; uma é justamente o inverso da outra. Qual dellas é uma com o Ego — a feliz ou a infeliz? Mal é formulada esta pergunta e já se produz o despertar. Impossivel é satisfazer qualquer dessas perguntas pela affirmativa, e a alma acaba naturalmente por descobrir que ella é uma cousa separada da intelligencia, e, ainda que tenha sido a sua escrava, ella poderia ser (o que é naturalmente)

a senhora da intelligencia. Até a presente época, a alma tem sido embalada, aqui e acolá, pela obediencia ás vibrações tattwicas da intelligencia. A sua cega sympathia com as manifestações mentaes põem-n'a em unisono com a intelligencia e, por conseguinte, a faz divagar. Ao despertar supra mencionado, a corda de sympathia está frouxa. Quanto mais forte é a natureza, tanto maior é o desvio da unisonidade. Ao envez da alma ser embalada pelas vibrações mentaes, tempo é de que a intelligencia vibre em obediencia ás vibrações da alma. A ascenção do Senhor é a liberdade do querer e essa obediencia do espirito ás vibrações da alma é o Yoga. As manifestações evocadas na intelligencia pelos Tattwas externos devem offerecer agora uma sahida ao mais vigoroso movimento que vem da alma. Logo as côres mentaes mudam de natureza e a intelligencia vem a confundir-se com a alma. Por outros termos, o principio mental individual fica neutralizado e a alma é livre na sua consciencia.

Tracemos agora, passo a passo para Samâdhi, as acquisições da intelligencia.

Samâdhi ou o estado mental obtido pela pratica do Yoga, é de duas sortes. Todo o tempo em que a intelligencia não se acha perfeitamente absorvida na alma, ao estado chama-se Samprajnâta: nesse estado é que o descobrimento das novas verdades segue o labor em cada parte da natureza. O segundo é o estado de absorpção mental perfeita: chama-se-lhe Asamprajnâta. Neste, não ha saber nem descobrimento de cousas desconhecidas: é um estado de omnisciencia intuitiva.

Duas questões são naturalmente suggeridas ao estado do despertar. "Se eu sou essas manifestações, qual

dellas sou? Julgo não ser nenhuma dellas. Que sou então? Que são ellas?" A segunda questão é resolvida no Samprajnâta Samâdhi; a primeira, na outra. Antes de entrarmos mais longe em a natureza de Samâdhi, digamos uma palavra sobre o habito e a apathia. Estes dois estados são mencionados por Patanjali como os dois meios de reter as manifestações mentaes, e é importantissimo comprehendel-os claramente. A manifestação de apathia é reflexão, na intelligencia, da côr da alma quando ella se torna *instruida* da sua natureza livre e de que se acha, por conseguinte, desgostada do imperio das paixões: é uma consequencia necessaria do despertar. O habito é a repetição desse estado, de maneira que o confirma na intelligencia.

A confirmação da intelligencia nesse estado significa um estado de inactividade mental ordinaria. Por isso entendo que as cinco manifestações ordinarias estão em repouso no tempo em que isto se realiza. Sendo assim, a intelligencia, por esse tempo, está isenta de receber influencias. Aqui, pela primeira vez, vemos a influencia da alma sob a forma de curiosidade (Vitarka). Que é isto? Que é aquillo? Como é isto? Como é aquillo? E' a forma sob a qual a curiosidade se mostra por si mesma á intelligencia. A curiosidade é um desejo de conhecer e uma pergunta é a expressão de tal desejo. Porém, como o homem se familiariza com as perguntas? A forma mental da curiosidade e da pergunta será comprehendida facilmente, prestando-se um pouco de attenção ás observações feitas sobre a genese do desejo. O processo do nascimento da curiosidade philosophica é semelhante ao do nascimento do desejo. No

primeiro caso, o impulso vem da alma, directamente; no ultimo caso, elle vem do exterior, através do Prâna. O logar do prazer em um é substituido pelo reflexo na intelligencia do saber da alma que o Eu e a intelligencia são melhores que a servidão do Não-Eu. A força da curiosidade philosophica depende da força desse reflexo, e como esse reflexo é um tanto fraco, no começo (como, no estado presente do desenvolvimento espiritual da humanidade, se encontra isso geralmente) o açambarcamento da curiosidade philosophica sobre a intelligencai não soffre quasi comparação alguma com o açambarcamento do desejo.

A curiosidade philosophica é, então, o primeiro passo da ascenção para o Yoga. Nós collocamos deante da nossa intelligencia, para começar, cada manifestação possivel da natureza e procuramos adaptar-nos, em cada uma das suas phases, a cada referida manifestação. Isto, como vamos ver, é Dhâranâ: é, em linguagem clara, applicar-nos á investigação de todos os ramos da sciencia natural, um por um.

E' o resultado natural da curiosidade. Por esse esforço para descobrir as relações já existentes ou possiveis, actuaes ou potenciaes, no meio dos phenomenos da natureza, outro poder é introduzido na intelligencia; esse poder, Patanjali chama-lhe Vichâra, a meditação. A idéa radical da palavra é a de ir ao centro das relações variadas das partes que constituem o assumpto todo das nossas contemplações. E' somente uma empresa mais profunda, sobre a intelligencia, da curiosidade supra mencionada.

O primeiro estado desse Samâdhi é o que se chama Ananda, a felicidade. Em tanto tempo quanto houver curiosidade ou meditação, a intelligencia toma somente a consistencia da alma; isto significa que as vibrações da alma estão ainda a caminho para a intelligencia; elas não conseguiram o inteiro bom exito. Quando, entretanto, o terceiro estado é attingido, a intelligencia está sufficientemente polida para receber a imagem cheia e clara da sexta esphera; essa imagem se apresenta na intelligencia como sendo a felicidade. Quem quer que se consagrou ao estudo da natureza, esteve, por algum tempo, ainda que breve, nesse estado cobiçado. E' difficilimo tornal-o intelligivel pela descripção, mas estamos certos de que a maioria dos nossos leitores não lhe são extranhos.

Mas de onde vem essa felicidade? Que é? Chameilhe um reflexo da alma. Mas, antes de mais nada, que é a alma? Pelo que tenho escripto até o presente, os meus leitores hão de conjecturar, sem duvida, que entendo por alma uma pintura do corpo grosseiro, do Prâna, da intelligencia, no que se relaciona com a sua constituição unicamente.

Mencionei que, no macrocosmo, o sol é o centro e o Prâna a atmosphera do segundo principio, e que a ecliptica assignala a forma desse principio. Mencionei tambem que o principio humano individual não é senão uma pintura desse macrocosmo inteiro. Mencionei ainda mais que, no macrocosmo, Virât é o centro e Manu a atmosphera do segundo principio. Essa atmosphera consta de cinco Tattwas universaes, da mesma forma que o Prâna, sendo a unica differença que os Tattwas mentaes sof-

frem maior numero de vibrações por segundo que os Tattwas de Prâna. Disse eu tambem que a intelligencai individual é uma pintura exacta da intelligencia macrocosmica (differindo o aspecto naturalmente com o ambiente do tempo, como no caso do Prâna).

Cabe-me agora dizer a mesma cousa a respeito da alma. No macrocosmo, ha Brahmâ como centro, e Vijnâna, como a atmosphera desse principio. Assim como a terra se move em Prâna, assim como o sol respira em Manu, assim como Manu (ou Virât) sopra em Vijnâna, assim a alma respira na mais elevada atmosphera da Ananda. Brahmâ é o centro da vida espiritual, como o sol é o centro de Prâna e Virât o centro da vida mental. Esses centros são semelhantes ao sol em luminosidade, mas os sentidos ordinarios não podem percebel-os, porque o numero das vibrações tattwicas por segundo fica além do seu alcance.

A alma do universo (o Vijnânamaya Kosha), com Brahmâ por centro é o nosso ideal psychico.

As correntes tattwicas dessa esphera se extendem sobre aquillo a que chamamos um Brahmânda. Ellas o fazem por intermedio da materia grosseira de maneira semelhante á dos raios tattwicos de Prâna que nos são familiares. Tal centro, com esse universo, forma o universo consciente de si mesmo. No seio dessa atmosphera existem todos os centros inferiores.

Sob a influencia da materia grosseira, o macrocosmo mental registra as pinturas exteriores, isto é, adquire o poder de manifestar-se segundo os cinco caminhos que descrevemos no ligeiro estudo sobre a intelligencia. Sob o Brahmâ, entretanto, o macrocosmo mental (Ma-

nu) attinge os mais elevados poderes em questão. Essa dupla influencia transforma, depois de certo tempo, a natureza do proprio Manu: o universo tem um novo intellecto depois de cada Manvantara. Essa mudança se faz sempre pela melhor: a intelligencia vae sempre espiritualizando-se; o ultimo Manu é o mais espiritualisado. Tempo virá em que a presente intelligencia ficará inteiramente absorvida na alma. Dá-se a mesma cousa com o microcosmo do homem. Assim Brahmâ é omnisciente por natureza; é consciente de um "si"; os typos de toda a cousa que era ou que é corrente, não são senão outras tantas composições variadas dos seus tattwas. Cada phase do universo com seus antecedentes ou consequentes, jaz nelle. Elle mesmo é a sua propria consciencia. Uma intelligencia é absorvida nella, no espaço de quatorze Manvantaras. O movimento dos Tattwas mentaes é tanto mais accelerado quanto mais espirituaes elles se tornam. Na época em que esse movimento se effectua, no universo, as vibrações dos Tattwas de Prâna são accelerados tambem, sob a influencia de Manu, até que o proprio Prâna se tenha voltado ao Manu do periodo seguinte. E, por outro lado, emquanto isso se realiza, a materia grosseira se desenvolve semelhantemente em Prâna.

Tal é o processo da involução, mas, por agora, ponhamol-a de parte aqui e resumamos o assumpto vertente.

A alma humana é uma pintura exacta desse principio macrocosmico. Ella é omnisciente como o seu prototypo e possue a mesma constituição, mas a omnisciencia da alma humana está ainda latente, por causa do seu

esquecimento. O sexto pricipio (absoluto) tem-se desenvolvido apenas um pouco. A humanidade, em geral, não tem senão uma noção obscurissima da infinidade, da divindade e de outros assumptos taes. Isso significa que os raios do infinito, nesse estadio do nosso progresso, não fazem senão evocar o nosso sexto principio na vida activa. Quando, no correr do tempo, os raios do infinito reunirem uma energia sufficiente, a nossa alma surgirá na sua verdadeira luz. Poderiamos accelerar esse processo por Vairâgya (apathia), que, como vimos, dá força ao Yoga.

Os meios de reforçar o Yoga merecem uma consideração particular. Certos delles servem para afastar essas influencias e essas forças que são contrarias ao progresso; outras, taes como a contemplação do principio divino, acceleram o processo do desenvolvimento da alma humana e a absorpção consequente da intelligencia na alma. Por agora importa-nos simplesmente desenvolver a natureza do bemaventurado Samâdhi, de quem falamos como sendo causado pelo reflexo da alma na intelligencia.

Esse reflexo significa simplesmente: a elevação do estado da alma pela intelligencia. A intelligencia passa do seu estado ordinario proprio para o estado da energia superior da alma. As vibrações tattwicas mais acceleradas abrem logar para si, na materia, de um numero inferior de vibrações tattwicas por segundo. Essa elevação da intelligencia, essa sahida fóra de si mesma, a lingua portugueza a reconhece sob o nome de *altivez*, e isto é a significação da palavra Ananda como que qualificando o terceiro estado do Samprajnâta Samâdhi. O

Anandamaya Kosha tira o seu nome de ser elle o estado da mais elevada altivez. Cada momento de Ananda é um grau para a abosrpção da intelligencia e, pela meditação scientifica constante, a intelligencia muda de natureza, passando para sempre para um estado superior de estabilidade. Aquelle estado, que não apparece em Ananda senão no momento do triumpho, torna-se agora uma parte da intelligencia. Essa confirmação da mais elevada energia é conhecida sob o nome de Asmitã, que pode ser traduzido (como é, geralmente) pelo termo *egoismo*, mas deve ser comprehendido como a identificação da consciencia com o "si".

O objecto em vista, no presente estudo, é assignalar os estadios ao longo do caminho da materia mental, quando ella propria caminha para a sua absorpção final na alma. Nas ultimas phases, levei a intelligencia ao estado de Samprajnâta Samâdhi. E' nesse estado que a intelligencia possue o poder de descobrir verdades novas e de ver combinações novas das cousas existentes. Quando ella transpôz esse estado, nos longos cyclos de seculos escoados, o homem conquistou um saber positivo para o seu presente estado de desenvolvimento, e a posse dessa somma de saber tem sido o meio (da maneira que se indicou) pelo qual as nossas intelligencias se têm elevado ao nosso grau actual de perfeição, quando apprendemos a dizer que esses grandes poderes são innatos na intelligencia humana. Como já mostrei, não se tornaram innatos na intelligencia senão depois de uma longa submissão dessa intelligencia á influencia da alma.

Pelo exercicio constante desse Samadhi, a intelligencia apprende a inclinar-se para as influencias cosmicas que são, pela sua propria natureza, antagonistas dos maus poderes da nossa constituição que detêm o nosso progresso, os quaes tendem naturalmente a morrer. O fim ultimo desse caminho é aquelle estado da intelligencia em que as suas manifestações se tornam inteiramente potenciaes. A alma, se lhe apraz, pode impulsional-os para a frente pelo seu poder inherente no dominio do actual; ellas, porém, perdem todo o poder de arrastar a alma atraz de si.

Quando esse estado é transposto ou quando está prestes a ser alcançado, certos poderes entram a se mostrar, na intelligencia, que, no presente cyclo, não é commum de maneira alguma. A esse estado chama-se technicamente Paraivairâgya, ou antes, a mais elevada apathia.

A palavra Vairâgya traduz-se, de ordinario, pela portugueza *apathia,* e é considerada com desfavor pelos pensadores modernos. Penso que isso é devido a uma concepção má do sentido da palavra. Comprehende-se, segundo parece, que misanthropia é o unico inicio talvez, a mais alta perfeição desse estado mental. Nada pode estar mais arredado da intenção desses sabios que estabelecem Vairâgya como o mais alto meio de acquisição da felicidade. Vairâgya ou a apathia é definida por Vyâsa, no seu commentario sobre os *Aphorismos de Yoga,* como "o estado final do saber perfeito". Nesse estado é que a intelligencia, vindo a conhecer a natureza real das cousas, já não ficará illudida pelos falsos prazeres, pelas manifestações de Avidya. Quando se con-

firma essa inclinação para o alto, quando esse habito de pairar para o divino se torna uma segunda natureza, dá-se ao estado mental acabado o nome de Paravairâgya.

Attinge-se a esse estado de diversas maneiras e o caminho fica assignalado por varios estadios claramente definidos. Um caminho para lá chegar é a pratica de Samprajnâta Samâdhi: pela constante pratica desse Samâdhi, para o qual ella corre por si mesma quando uma vez gosou da felicidade do quarto estadio desse estado, a intelligencia se habitua a uma fé permanente na efficacia da sua perseguição. Essa fé não é nada mais que um estado de lucidez mental no qual as verdades ainda desconhecidas da natureza começam a projectar sua sombra para a frente. A intelligencia entra a *sentir* a verdade em todos os logares e, solicitada pelo gosto da felicidade (Ananda), ella procede com zelo cada vez maior ao trabalho para o progresso da sua evolução. Essa fé, posso notal-o, é chamada Shraddhâ por Patanjali, e ao zelo consequente de que já falei elle denomina Virya.

Confirmado no seu zelo e continuando a trabalhar, a manifestação da memoria se effectua naturalmente (*): é esse um estado de elevada evolução. Cada verdade chega a estar presente deante do olho da intelligencia, ao mais leve pensamento, e os quatro estadios de Samâdhi fazem a apparição cada vez mais, até que a intelligencia se torne, quasi, um espelho da Natureza.

(*) Enviamos o leitor para a nossa analyse da memoria.

Isto corresponde ao estado de Paravairâgya que seria attingido, da segunda maneira, pela contemplação do alto prototypo da alma. E' a alma macrocosmica, o Ishvara de Patanjali, que permanece para sempre nessa alma de pureza primitiva, é esse Ishvara de que falamos como do universo consciente por si mesmo.

Esse Ishvara, segundo penso, não é senão um centro macrocosmico, semelhante em natureza ao sol, ainda que mais elevado que elle em funcção. Assim como o sol, com o seu oceano de Prâna, é o prototypo do nosso principio de vida — Prânamaya Kosha — assim tambem Ishvara é o grande prototypo das nossas almas. Que é o sexto principio, senão uma phase da existencia desse grande ser, prolongada como uma phase separada, nos principios inferiores, destinada, entretanto, a fundir-se, de novo, na sua propria, verdadeira essencia?

Assim como mostrei que os principios de vida vivem no sol, depois da nossa morte terrestre, para voltarem muitas vezes á vida actual, assim tambem e semelhantemente a alma vive em Ishvara. Podemos, se nos apraz, considerar essa entidade como sendo o *grupo* de todas as almas resgatadas, mas devemos, ao mesmo tempo, lembrar-nos de que as almas não salvas são tambem os seus reflexos não desenvolvidos, destinados, pelo tempo adeante, a attingir o seu estado original. E', portanto, necessario suppôr a existencia independente de Ishvara e em Ishvara, a das outras almas.

Esse centro psychico macrocosmico, esse ideal do sexto principio do homem, é o grande reservatorio de toda a força actual do universo.

E' o verdadeiro typo da perfeição da alma humana. Os incidentes da existencia mental e physica que, ainda que perfeitos em si-mesmos, são simples imperfeições, não acharam logar nesse centro. Nesse estado, não ha miseria (as cinco miserias da nossa comprehensão conforme Patanjali vão enumeradas acima), porque a miseria não pode elevar-se senão no processo retrogrado do primeiro despertar da intelligencia, não sendo causado senão pela sensação e pela inaptidão do sexto principio humano em attrahir a intelligencia a si mesmo e fóra do dominio dos sentidos, para fazer dellas, de alguma sorte, o que originalmente é o seu prototypo, o sceptro do mando e não o que a sensação lhe fez, instrumento da escravidão.

Por essa contemplação do sexto principio do universo, estabelece-se naturalmente uma sympathia entre elle e a alma humana. Essa sympathia não é necessaria senão para permittir á lei tattwica universal a trabalhar com maior resultado. A alma humana começa a ser limpa do pó do mundo; por sua vez, ella affecta a intelligencia de egual maneira, e, por isso, o Yogi se torna consciente dessa influencia pela distensão dos embaraços forjados por Prakriti, e por um reforçamento diario, horario das aspirações celestes.

A alma humana começa, então, a tornar-se um centro de poder para o seu pequeno universo particular, da mesma forma que Ishvara é o centro do poder do universo delle. O microcosmo torna-se uma pequena pintura perfeita do macrocosmo. Quando é attingida a perfeição, todos os Tattwas mentaes e physiologicos do macrocosmo e, em certa medida, os do mundo ambien-

te, se tornam escravos da alma. Pouco importa onde quer que ella possa inclinar-se, os Tattwas andam-lhe ao encalço. O homem pode querer e o Vayú Tattwa atmospherico, com a força que lhe apraz ou de que é capaz de concentrar, porá em movimento seja o que fôr para realizar a sua vontade. Elle pode querer e, no mesmo instante, o Apas Tattwa mitigará a sua sêdè e curará a sua febre, ou com effeito, destruirá a seu talante os germens das molestias, seja ella qual fôr. Elle pode querer e, emfim, sobre qualquer plano dos planos inferiores, cada Tattwa cumprirá o seu dever para com elle. Todos esses elevados poderes não esperam para apparecer de repente, mas se mostram gradual e naturalmente, segundo as aptidões especiaes, sob formas especiaes.

Mas uma descripção desses poderes não faz parte do meu presente trabalho. O meu designio é mostrar de que maneira, conforme á lei universal da natureza, a alma humana, pela contemplação do sexto principio macrocosmico, torna-se para a intelligencia o meio de attingir o estado chamado Paravairâgya. As leis do trabalho desses elevados poderes constituirão o assumpto de um estudo qualquer futuro.

Além daquellas duas, o autor dos *Aphorismos de Yoga* enumera outras cinco maneiras pelas quaes as intelligencias daquelles que mercê do poder de um karma precedente, são já levados para o divino, se mostram trabalhando para conquistar o estado em questão.

A primeira maneira consiste em habituar a intelligencia ás manifestações do prazer, da sympathia, da altivez, da commiseração, para com os sanguinarios,

miseraveis e viciosos. Todo homem bom nos dirá que a manifestação de alegria em presença do bem-estar de outrem é virtude elevada. Então, que mal ha no ciume? Penso que nenhuma sciencia, além da philosophia dos Tattwas, explica com rigor sufficiente a razão de taes questões.

Vimos que, em estado de alegria, bem-estar, prazer, satisfação, etc., o Tattwa Prithivi ou o Apas prevalece no Prâna e na intelligencia. E' evidente que, se puzermos as nossas intelligencias no mesmo estado, induzimos um ou o outro dos Tattwas nos nossos principios vitaes e mentaes.

Qual será o resultado disso? Estabelecer-se-á uma corrente de purificação. Os dois principios começarão, ao mesmo tempo, a ser limpos de todo o vestigio de defeito que o excesso de um dos Tattwas restantes possa ter dado á nossa constituição.

São afastadas todas as causas physiologicas ou mentaes que introduzem a desattenção na intelligencia. As perturbações do corpo vão-se, porque ellas resultam da perturbação do equilibrio dos Tattwas physiologicos e o bem-estar, o prazer e a alegria lhes são extranhos. Um induz o outro. Como o equilibrio dos Tattwas traz o bem-estar e a alegria da vida, o sentido do bem-estar que dá colorido ao nosso Prâna e á nossa intelligencia, quando nos pômos em estado de sympathia com o bem-estar, restabelece o equilibrio dos nossos Tattwas.

E quando o equilibrio dos Tattwas se acha restabelecido, que é o que resta? A falta de gosto ao trabalho, a duvida, a preguiça e outros sentimnetos dessa especie não podem perdurar por mais tempo, e o unico

resultado é a restituição á intelligencia da calma perfeita. Como diz Vyâsa, no seu commentario: a Lei Basica faz a sua apparição na intelligencia. Tal é, de maneira semelhante, o resultado das manifestações das outras qualidades. Mas, para que semelhante estado se produza, faz-se necessaria uma longa e poderosa applicação.

O methodo seguinte é Prânamaya, a expiração e a inspiração profundas; elle conduz tambem ao mesmo fim e da mesma forma. As respirações profundas trazem, de certo modo, o mesmo effeito que a corrida e os outros exercicios violentos. O calor produzido consome certos elementos de molestia que é de desejar verem-se queimados. Mas a pratica, nos seus effeitos, differe, para melhor, do exercicio violento, no qual o Sushumna começa a entrar em jogo e isso não é bom para a saude physiologica; Prânayâma, no emtanto, se fôr convenientemente emprehendido, é proveitoso, tanto no ponto de vista physiologico, como no ponto de vista mental.

O primeiro effeito produzido no Prânayâma é o predominio geral do Prithivi Tattwa. Não é necessario lembrar ao leitor que o Apas Tattwa conduz a respiração ao infimo e que o Prithivi vem em seguida. Em o nosso estudo sobre o respirar mais profundamente do que de ordinario, o Prithivi Tattwa não pode deixar de ser introduzido, e o predominio geral desse Tattwa, com o aureo matiz que se segue de um circulo de luz em torno da nossa cabeça, não pode falhar de causar a fixidez da intenção e da força da attenção. O Apas Tattwa apparece em seguida. E' a côr argentina da inno-

cencia que circumda a cabeça de um santo e assignala a acquisição do estado de Paravairâgya.

A maneira seguinte consiste na acquisição da dupla lucidez — sensorial e cardiaca. A lucidez sensorial é o poder dos sentidos em perceber as mudanças de Prâna. A attenção precedentemente exercida, conforme aptidões especiaes, fica centralisada em diversos dos cinco sentidos. Se está centralizada nos olhos, podem-se ver as côres physiologicas e atmosphericas de Prâna. Posso affirmal-o por experiencia propria; posso ver as côres variadas das estações; posso ver a chuva vir uma hora, duas horas e, ás vezes, até dois dias antes da cahida. As folhas verdes brilhantes que o branco banha de frescura e de pureza apparecem por todas as partes em redor de mim, no salão, no céo, na mesa á minha frente, na parede fronteira. Quando succede isso, estou certo de que a chuva está no ar, está prestes a cahir. Se o verde está riscado de vermelho, ella pode levar algum tempo para vir, mas prepara-se com toda a certeza.

Essas observações bastam com relação á côr. Pode-se fazer que o poder se manifeste por uma attenção sustentada a olhar para um ponto no espaço ou para outra qualquer cousa, como a lua, uma estrella, uma joia e assim por deante. Os quatro sentidos restantes attingem tambem os poderes semelhantes e os sons, os sabores, os aromas, os contactos que a humanidade ordinaria não pode perceber, começam a ser percebidos pelo Yogi.

A lucidez cardiaca é o poder da intelligencia de sentir e tambem o poder dos sentidos de perceber os pensamentos. Num esboço precedente, apresentei um

plano especificando o logar e dando as côres das especies variadas de manifestações mentaes. Essas côres são vistas por quem quer que tenha ou que adquira o poder, e ellas constituem o livro mais seguro em que se lêm os pensamentos de um homem. Continuando a pratica, hão de reconhecer-se as sombras mais tenues.

Assim podem-se sentir esses pensamentos; as modificações do pensamento movendo-se ao longo dos *fios* tattwicos universeas affectam cada homem. Cada uma dellas communica ao Prânamaya Kosha um impulso distincto e, por conseguinte, um impulso distincto ás vibrações do cerebro e ás palpitações mais perceptiveis do coração. Um homem que estuda essas palpitações do coração e tem a sua attenção concentrada no coração (emquanto ella está naturalmente aberta a toda a influencia), apprende a sentir cada impressão nesse logar. O effeito das modificações mentaes de outrem sobre o coração é um facto que, posta de parte qualquer qualidade, pode ser verificado pela experiencia mais commum.

Essa lucidez sensorial ou cardiaca, segundo o caso, uma vez attingida, destróe o scepticismo e conduz, emfim, ao estado de Paravairâgya.

No sitio seguinte, diz Patanjali, pode-se contar com o conhecimento que se obtem pelos sonhos e pelo somno.

As cinco correntes ethericas das sensações estão concentradas no cerebro e, desses cinco centros de força, o movimento se transmitte ao principio. Esses fócos variados servem de élos de connexão entre os principios mental e vital. As correntes visuaes produzem, na intelligencia a faculdade de se tornar consciente da côr. Por

outros termos, ellas produzem olhos na intelligencia. Semelhantemente, a intelligencia desenvolve a faculdade de receber as impressões das quatro sensações restantes. Adquire-se essa faculdade depois de uma exposição de muitos seculos: passam cyclos sobre cyclos e a intelligencia ainda não está capaz de receber essas vibrações tattwicas. A vaga da vida começa a sua viagem organizada sobre a terra com as formas vegetaes.

Desde esse momento, as correntes tattwicas externas começam a affectar o organismo vegetal, e é o começo daquillo a que podemos chamar de sensação. As modificações dos Tattwas externos, através da vida vegetal individualizada, ferem as cordas da intelligencia latente; ella, porém, não corresponde ainda, não se acha em sympathia. Cada vez mais alta, através das formas vegetaes, a vaga de vida viaja; cada vez maior é a força com a qual ella fere as cordas mentaes, e de melhor a melhor torna-se a faculdade desse principio responder aos chamados tattwicos da vida. Quando attingimos o reino animal, os fócos tattwicos externos se tornam, emfim, visiveis; são os orgãos dos sentidos, tendo cada um delles a faculdade de concentrar em si mesmo os seus raios tattwicos particulares. Nas formas inferiores da vida animal, elles são visiveis e é um indicio de que o principio mental está então em estado comparativamente elevado de perfeição: começou um pouco a responder ao appello tattwico externo. Pode-se notar aqui que se trata da intelligencia relativa superposta, e não do Truti mental original absoluto, de que falei num esboço precedente. E' a elevação dessa estructura evolutiva acabada sobre todos os planos de vida que levou

um philosopho allemão a esta conclusão de que Deus é um *devenir*. Isto é verdade naturalmente, mas é só verdade do universo finito das formas e dos nomes, e não do absoluto para o qual elle se move.

Resumamos. Cada vez mais longa é agora a exposição dessa vida animal dos Tattwas externos; cada vez maior, cada dia, a força destes, nos seus centros variados; cada vez mais elevada a formação desses centros; cada vez mais forte o appello externo para a intelligencia; e cada vez mais perfeita a resposta mental. Tempo vem em que, no correr dessa evolução, os cinco sentidos mentaes estão perfeitamente desenvolvidos, e estão assignalados pelo desenvolvimento dos sentidos externos. A' acção dos cinco sentidos mentaes chamamos-lhe o phenomeno da percepção. Sobre a manifestação dessa percepção está erecta a poderosa fabrica dessas manifestações mentaes que procurei discutir no estudinho ácerca da intelligencia. A maneira pela qual essa evolução se realiza está alli esboçada tambem.

Os Tattwas externos da materia grosseira criam centros grosseiros em corpo grosseiro para onde possam enviar as suas correntes. A alma faz a mesma cousa. As correntes tattwicas da alma externa — Ishvara — criam centros semelhantes de acção, em relação com a intelligencia. Mas as vibrações tattwicas da alma são mais subtis que as do principio de vida: a materia mental gasta mais tempo para correr ao appello de Ishvara do que para responder ao de Prâna. E' só no proprio momento em que a vaga de vida alcança a humanidade que as vibrações da alma começam a mostrar-se na intelligencia. Os fócos das correntes psychicas estão loca-

lizados naquillo a que se chama o Vijnânamaya Kosha — o corpo psychico. Na época em que começa a vida humana, os fócos psychicos se acham no mesmo estado de perfeição em que se encontram os fócos animaes — os sentidos na época em que a vaga de vida começa a sua viagem nas especies animaes. Esses fócos psychicos adquirem força, raça após raça, até que attinjamos o ponto chamado por nós o despertar da alma. Esse processo termina pela confirmação do estado de Paravairâgya. Desse estado, não restam senão alguns passos para se chegar ao poder a que se chama ulterior ou de percepção psychica. A' nossa antiga percepção, podemos chamar-lhe concepção animal; e, assim como sobre a base da percepção animal edificamos a poderosa fabrica de inferencia e de autoridade verbal, da mesma sorte pode tambem ser edificada (como foi, em verdade, pelos antigos sabios Aryas) uma poderosa fabrica de inferencia e de autoridade verbal sobre a base da percepção psychica. Ahi vamos chegando pouco a pouco. Entrementes, resumamos o nosso assumpto, no ponto em que o deixamos.

Quando a pratica confirma na intelligencia do Yogi o estado de Paraivairâgya, ella attinge a calma mais perfeita. Está aberta a todas as sortes de influencias tattwicas, mas sem emoção sensual alguma. Ao poder seguinte que se mostra por si mesmo, consequentemente, chama-se Samâpatti. Traduzirei essa palavra pelo termo *intuição* e a definição como sendo aquelle estado mental em que se torna possivel receber o reflexo dos mundos subjectivos e objectivos; é o meio de conheci-

mento ao mais leve movimento, de qualquer maneira que seja communicado.

A intuição tem quatro graus:

1. Sa — Vitarka — verbal.
2. Nir — Vitarka — mudo.
3. Sa — Vichâna — meditativo.
4. Nir — Vichâna — ultra meditativo.

O estado de intuição tem sido comparado a um crystal brilhante, puro, transparente, incolor. Olhe-se através do crystal para qualquer objecto que se deseje e elle promptamente mostrará em si mesmo a côr desse objecto; assim se conduz a intelligencia nesse estado. Cáiam sobre ella os raios tattwicos que constituem o mundo objectivo, ella se mostrará sob as côres do mundo objectivo. Sejam deslocadas essas côres, ella torna-se de novo tão pura como o crystal, prestes a ornar-se de todas as outras côres que se lhe podem apresentar. Pensae nas forças elementares da natureza, os Tattwas; pensae nos objectos grosseiros ende ellas trabalham; pensae nos orgãos dos sentidos, na sua genese, no seu methodo de trabalho; pensae na alma, redempta ou escrava, e a intelligencia cáe promptamente em cada um desses estados. Elle não retem nenhuma côr particular que possa viciar outra côr que a penetre ou se lhe opponha. O primeiro grau da intuição é o estado verbal: é o mais commum neste seculo e, por conseguinte, o mais facilmente intelligivel. Imaginae uma intelligencia na qual nenhuma côr é evocada ao som das palavras scientificas. Pensae nesses milhares de homens em cuja intelligencia os sons da sua propria linguagem, cheia de elevadas e grandes idéas, são tão extranhos como o He-

braico é para o Maori. Tomae um camponio inglez sem educação e lêde-lhe *Comus* ou *A Tempestade*. Pensará elle que palavras magnificas lhe significarão tudo o que ellas têm a intenção de encerrar? Mas porque um camponio sem educação? Por ventura o proprio grande Joshnson comprehende as bellezas de Milton? Tomae de novo um estudante vulgar e lêde-lhe, na sua propria linguagem, as verdades da philosophia. Acaso essa linguagem, ainda que se lhe dê o sentido do diccionario, não transferirá nenhuma idéa na sua intelligencia? Tomae os Upanishads e lêde-os a um *pandit* que pode sufficientemente comprehender o sanscrito grammatical e lexicographicamente. Porá alguem, que não eu, em dúvida que elle não comprehenda tudo o que contêm aquellas nobres palavras? A tal intelligencia compare-se a de um homem realmente educado, uma intelligencia que, quasi intuitivamente, tome as palavras no seu verdadeiro sentido, o que não é uma tarefa facil para as pessoas altamente educadas, porque os preconceitos, as theorias antagonistas profundamente arraigadas, a força das suas proprias convicções e, talvez, qualquer outro caracter da intelligencia, se tornaram obstaculos insuperaveis. Essa comparação mostrará que a intuição é alguma cousa mais que uma simples penetração do intellecto. E' antes a luz que está por detraz de cada cousa, brilhando no intellecto e através delle quando ficou desembaraçado de todos os obstaculos opacos, dos quaes o mais denso é o scepticismo antagonista e bem arraigado. Um John Stuart Mill mesmo não poderia comprehender propriamente a philosophia de Sir William Hamilton. Um dos maiores sabios do Oriente diz

que o systema de Patanjali nada absolutamente tem de philosopho. Outro se capacitou de que os *Aphorismos ácerca do Yoga*, de Patanjali, não passam de simples fanatismo! Ha muitos Tantras cujo sentido pouquissimos dos nossos conhecem, ainda que possamos traduzil-os verbalmente em outra linguagem. E' isto uma gravissima restricção e, ás vezes, muito de lastimar; ella desapparece somente quando se manifesta a intuição verbal. Nesse estado, o Yogi fica immediatamente *em relação* com o autor do livro, e isso porque a sua intelligencia está livre de todo o perigo que cega, e que é, de facto, um crystal puro, brilhante, incolor, prestes a mostrar toda a phase de côr, que pode pôr-se em contacto com ella.

O grau seguinte da intuição é a intuição muda. Com ella a gente não carece de livros para iniciar-se nos segredos da natureza, a nossa intelligencia torna-se capaz de derivar as verdades de sua fonte, as verdadeiras pinturas de cada cousa, em cada estado do mundo objectivo que são representadas, pela acção de Prâna, na intelligencia universal — pinturas que são as *almas* dessas cousas, os seus verdadeiros "si" particulares e fecundados por cada estado para o qual passaram ou têm de passar — as realidades das phases variadas e variaveis do mundo phenomenal — as qualidades caracteristicas das cousas.

Esses estados têm por objecto o mundo phenomenal grosseiro. Os dois graus seguintes da intuição têm por objecto o mundo das forças, o mundo dos corpos subtis que reside na raiz das mudanças do mundo grosseiro. A intuição meditativa não tem por objecto senão a ma-

nifestação presente das correntes do corpo subtil — as forças que se mostram já ou estão a ponto de mostrar-se. Nesse estado, por exemplo, o Yogi conhece intuitivamente as forças presentes do Prâna atmospherico, emquanto que elles estão a juntar bastante força para nos dar uma pancada de chuva ou de pedrisco, de neve ou de geada, mas elle não sabe o que lhes deu a sua actividade presente, ou se o querer potencial se tornou jamais no actual e, se assim é, em que medida. Elle conhece as forças que estão no trabalho no momento presente, naquella arvore, naquelle cavallo, naquelle homem, conhece os poderes que conservam essas cousas no estado em que ellas estão, mas não conhece os antecedentes nem os consequentes desse estado.

O grau seguinte tem por objecto os tres estados dos corpos subtis. O estado presente lhe é seguramente conhecido, mas graças a elle, o Yogi abraça a historia completa do objecto, do começo ao fim. Ponha-se adeante delle uma rosa e elle conhece o seu principio subtil em todos os seus estados, antecedentes e consequentes. Acha-se familiarizado com os pequenos começos da arvore e com o crescimento della nos diversos estados conhece o modo pelo qual lhe surgiram os olhos; sabe como o botão desabrocha e se transforma em bella flôr; sabe o que ha de ser della no fim, como perecerá, e sabe em que época a mesma flôr, de novo, dará energia á materia grosseira. Ponha-se deante delle uma carta fechada e elle sabe, não só o que encerra a carta, mas pode tambem traçar os pensamentos do cerebro de que elles são precedentes, da mão que traçou as linhas, do salão no qual ellas foram escriptas, e assim por

deante. E nesse estado tambem que a intelligencia conhece a intelligencia sem auxilio de palavras.

Penso que expliquei sufficientemente esses quatro estados: elles constituem aquillo a que se chama o transe objectivo (Savîja Samâdhi).

Occasionalmente, esses poderes se mostram por si mesmos em algumas intelligencias. Mas isso prova simplesmente que os mortaes favorecidos estão no recto caminho. Elles deveriam garantir o seu poder se quizessem assenhorear-se delle.

Quando o ultimo grau desse Samâdhi está confirmado na intelligencia, os nossos sentidos psychicos ganham em poder sobre essa somma de conhecimentos certos que é a porção dos nossos sentidos animaes. A autoridade desses sentidos é suprema, para nós, em tudo o que diz respeito ao mundo grosseiro. De egual maneira, não nos restou margem alguma para duvidarmos da veracidade do saber que os sentidos psychicos nos fornecem. Esse elevado poder de conhecer toda a verdade suprasensorial, com perfeita clareza, é conhecida sob o nome de Ritambhara, ao que temos chamado percepção psychica.

O saber que a percepção psychica nos dá não deve ser confundido com o saber que se obtem por inferencia, por imaginação ou pelos registros das experiencias de outrem.

A inferencia, a imaginação e a autoridade verbal, baseada na percepção animal, não podem trabalhar senão sobre o saber obtido através dos sentidos animaes. Mas a percepção psychica e a inferencia fundadas assim

têm por objectos as cousas dos mundos supra-sensoriaes, realidades que auxiliam a existencia phenomenal que nos é familiar. Essa percepção toma, no facto da existencia e da natureza da propria Prakriti, o estado mais subtil de materia, da mesma forma que a percepção animal na materia grosseira.

A percepção animal attrae a intelligencia para a materia grosseira, o mundo que lhe deu nascimento; assim a percepção psychica attrae a intelligencia para a alma. A pratica do Samâdhi objectivo se destróe por si mesma. A intelligencia absorve de tal maneira a mais elevada energia da alma, que ella perde a sua consistencia mental. A estructura inteira dos nomes e das formas irreaes se evapora. A alma vive em si mesma e não, como agora, na intelligencia.

Aqui, a maior parte do nosso trabalho está acabada. E' claro, agora, que o que chamamos homem vive principalmente na intelligencia. A intelligencia tem duas entidades que affectam; uma é o principio da vida, a outra o principio psychico — uma produzindo certas mudanças na intelligencia em baixo, a outra em cima. Essas mudanças têm sido registradas, e tem-se achado que o dominio da alma é o mais desejavel que o do principio de vida. Quando a intelligencia se perde inteiramente na alma, o homem se torna Deus.

O objecto desses estudinhos é pintar, ainda que de modo grosseiro, a natureza, a funcção e as relações mutuas dos principios; por outras palavras, *traçar a operação da lei tattwica universal sobre todos os planos da existencia.*

Fizemol-o brevemente. Resta ainda muito que dizer ácerca dos poderes latentes no Prâna e na intelligencia, que se mostram nos departamentos especiaes do progresso do homem. Não ha necessidade de penetrar nelles por emquanto e, consequentemente, com uma descripção do primeiro e do derradeiro principio do Cosmos — o Espirito — terminamos estes estudos.

IX

O ESPIRITO

E' o Anandamaya Kosha, literalmente, o corpo de felicidade dos Vedântinos. Pelo poder de percepção psychica, a alma conhece a existencia dessa entidade, mas, no presente estadio de desenvolvimento humano, ella faz sentir ousadamente a sua presença directa na constituição do homem. A differença caracteristica entre a alma e o espirito é a ausencia do *Eu* no ultimo.

E' agora a aurora do dia da evolução, é a primeira movimentação da corrente positiva da grande respiração, é o primeiro estado de actividade cosmica, depois da noite de Mahâpralaya. Como já vimos, a respiração, em cada estado de existencia, tem tres differenciações: a positiva, a negativa e Sushumna. O Sushumna é fecundo com um ou com o outro dos dois estados restantes: é o estado descripto no Parameshti Sukta do *Rig Veda,* não sendo Sat (positivo) nem Asat (negativo). E' o estado primario de Parabrahman, no qual o universo inteiro se mantém occulto como uma arvore na semente. Como as ondas se levantam e se desfazem por

si mesmas num oceano, os dois estados da evolução e da involução se erguem nesse estado e são absorvidos no mesmo em tempo opportuno. Que é a propria Prakriti nesse estado de omnipotencia potencial? Os phenomenos de Prakriti devem a sua origem e existencia ás modificações da grande respiração. Quando essa grande respiração se acha no estado de Sushumna, não podemos dizer que a propria Prakriti esteja mantida nesse estado por Sushumna? E', com effeito, Parabrahman que é tudo em tudo. Prakriti não é senão a sombra dessa substancia e, como sombra, ella acompanha as modificações da respiração. A primeira modificação da grande respiração é começo da execução da corrente evolutiva (positiva). Nesse estado, Prakriti modifica-se nos etheres do primeiro grau que constituem a atmosphera de onde Ishvara tira a vida. O sujeito (Parabrahman), cujo sopro causa essas modificações prakriticas, é conhecido, no primeiro estado da evolução, como sendo o sal, a fonte de toda a existencia. O *Eu* está latente nesse estado e muito naturalmente, porque só a differenciação dá nascimento ao *Eu*. Mas qual é esse estado? Deve o homem ser anniquilado antes de alcançar aquelle estado a que, do ponto de vista humano, se chama Nirvâna ou Paranirvâna? Não ha razão de suppôr que seja o estado de anniquilação, assim como não o é a condição do calor latente na agua. O facto é que a côr que constitue o *ego* se torna latente na mais elevada força de energia do espirito. E' um estado de consciencia ou de sciencia *acima* de si, que certamente não destróe o "si".

O espirito individual tem a mesma relação com o Sat que a alma individual com o Ishvara, a intelligencia

individual com o Virât e o principio da vida individual com o Prâna. Os raios tattwicos de cada grau dão nascimento ao centro correspondente. Cada centro é uma gotta no proprio oceano. O Upanishad explica esse estado sob diversos nomes. A *Chhândogya*, entretanto, contém um dialogo muito comprehensivo a tal respeito entre Uddâlaka e seu filho Shvetaketu.

O professor Max Müller fez algumas observações muito criticaveis sobre certas asserções desse dialogo, taxando-os de "mais ou menos phantasistas". Taes observações não teriam surgido jamais no pensamento de um homem tão erudito se elle soubesse e comprehendesse alguma cousa da sciencia antiga da respiração e da philosophia dos Tattwas. Os Upanishads não podem jamais ser intelligiveis sem essa sciencia comprehensiva. Deve-se lembrar que os proprios Upanishads affirmam claramente, em diversos trechos, que é necessario um mestre para a comprehensão cabal das suas palavras divinas. Ora, o mestre nada mais ensina do que a Sciencia da Respiração, que dizem ser a doutrina secreta entre todas. E', com effeito, a chave de tudo quanto se ensina nos Upanishads. O livrinho que estes bosquejos se esforçam por explicar ao mundo, apparece, só pelo seu arranjo, como uma recompilação de disticos diversos sobre o mesmo assumpto, herdados de circulos esotericos variados. E', com effeito, como uma chave da philosophia arya, e da sciencia occulta que esse punhado de estancias apresentadas agora ao leitor, possue o seu principal valor; mas, ahi não posso esperar que o presente opusculo sirva para dissipar todas as trevas dos seculos. Voltemos, entretanto, ao dialogo entre o pae e

o filho. Acha-se contido no sexto Prapâthaka da *Chhândogya Upanishad.*

"No começo, meu caro, não havia senão aquillo que é (τὸ ὄν) um unicamente, sem segundo. Outros dizem que, no começo, não havia senão aquillo que não é um unicamente (τὸ μὴ ὄν) sem segundo, e do que não é, o que é nascido".

Esta é a traducção do professor Max Müller. Não obstante a autoridade desse grande nome e da sua erudição real, atrevo-me a pensar porque o sentido do Upanishad ficou inteiramente perdido de vista na traducção.

As palavras do original são:

Sad eva saumyedamagne âsît.

Não posso encontrar palavra alguma, na traducção, que dê o sentido da palavra *idam* do original. *Idam* significa "isto" e foi dado como significando o mundo phenomenal; o que é percebido, etc. A traducção verdadeira do texto seria, pois:

"Este (mundo) era Sat só no principio".

Talvez que, na traducção do professor Max Müller, a palavra "there" fosse impressa em logar de "this"; se foi este o caso, isso remedeia o defeito da traducção.

O texto significa que o primeiro estado do mundo, antes da differenciação, foi o estado de Sat. Pelo que vem em seguida, é manifesto que isto é o estado do universo, no qual todos os phenomenos — materiaes, mentaes, psychicos — são mantidos *in posse*. O termo *eva*, que, pela palavra "alone" ou "só", foi posta na traducção, significa que, no principio do dia da evolução, o universo não tinha todos os cinco planos, nem mesmo dois ou mais

de cinco planos de existencia *conjunctamente.* Agora, elle os tem, mas no principio só o Sat existia.

Sat é um só, sem segundo. Nestes dois epithetos não ha qualificação de tempo. O Sat é um só e não tem, como Prâna, Virât e Ishvara (existindo todos os tres simultaneamente), um lado sombrio de existencia.

A sentença seguinte é, por assim dizer, que, no principio, era Asat só. Como a traduziu o professor Max Müller: "Lá (?) era aquillo só que não é".

Isto, porém, não encerra sentido algum, não obstante o sequito do grego (τὸ μὴ ὄν). Que a palavra Asat seja empregada no sentido de "o que não é", ou brevemente "nada", não resta duvida alguma. Mas tal não é o sentido do Upanishad, e a tal respeito não ha duvida alguma. As palavras se acham empregadas, aqui, no mesmo sentido em que são empregadas no Hymno "Nosad âsit" do *Rig Veda:*

"Então não havia Sat nem Asat".

Isto é seguramente um estado muito differente do Sat do Upanishad. Não é nada mais do que o Sushumna da respiração brahmica. Depois disso, no principio da evolução, o Brahma tornou-se Sat. E' a phase potencial evolutiva positiva. O Asat não é nada mais do que a corrente de vida negativa, fria, que reina durante a noite de Mahâpralaya. Quando a sombria Prakriti soffreu a influencia preparatoria da corrente negativa, raiou o dia da evolução com o principio da corrente positiva. A disputa, quanto ao principio, é simplesmente de natureza technica. Em realidade, não ha principio. Tudo se move em circulo, e, desse ponto de vista, podemos collocar no principio qualquer estado que nos aprouver.

Mas, argúe o philosopho de Asat, a não ser que Mâyâ soffra a influencia preparatoria da Noite, não pode haver creação. Logo, na opinião delle, devemos collocar o Asat no principio.

Nisto o sabio Uddâlaka não queria consentir. Segundo o seu parecer, a força impressiva activa está no Sat, no estado positivo, como todas as formas de vida têm a sua origem em Prâna (a materia vital positiva) e não em Rayi (a materia vital negativa) (*). Não é a impressibilidade que existe no Asat; os nomes e formas reaes do universo phenomenal *não existem*. Com effeito, o nome de Sat foi dado ao estado primario do universo evoluinte, por essa unica razão: Se traduzissemos essas duas palavras em portuguez, teriamos que forjar dois compostos unicos:

Sat — aquillo - em - que - é.

Asat — aquillo - que - não - é.

E' apenas u'a maneira de traduzir que encerraria a verdadeira idéa, e, por isso, é principalmente judicioso o reter as palavras sanskritas e explical-as do melhor modo. Esse *estado actualmente existente*, no qual os nomes e as formas não existem, não pode ser considerado, realmente, como a causa dos nomes e formas que existem. Logo, o Sat só era no principio, etc.

O espirito individual tem a mesma relação com o Sat que a alma tem com Ishvara.

Isto basta para mostrar que não ha, em parte alguma, anniquilação no universo. Nirvana significa simplesmente a absorpção (não extincção) dos raios phenomenaes.

(*) Veja-se o *Prashnopanishad*.

A SCIENCIA DA RESPIRAÇÃO
E A PHILOSOPHIA DOS TATTWAS

(TRADUZIDO DO SANSCRITO)

Este livro foi composto sob a forma de um dialogo entre o deus Shiva e sua esposa Pârvati; todos os Tantras têm a mesma forma. Fala-se geralmente daquelle como de Iswara, e desta como de Devi ou Shakti. Por causa deste methodo de composição, o tratado não parece ter sido escripto por Shiva, supposto autor do *Shivagâma.* Em primeiro logar, ha no livro muitas estancias que parecem compostas por differentes autores e accommodadas á forma presente por um compilador; e, em segundo logar, o autor diz algures que elle estava prompto para descrever certas experiencias como elle as havia visto no *Shivagâma* ou *Ensinamentos de Shiva.*

No fim de um MS., no emtanto, fica dito que o livro comprehende o oitavo capitulo do *Shivagâma.*

Na *Kenopanishad*, o grande commentador Sankharâchârya interpreta Umâ Haimavatî (outro nome de Pârvati) como sendo Brahma Vidyâ, a sciencia divina ou Theosophia. A deusa apparece ahi como um instructor e pode muito bem personificar a Theosophia. Esta explicação, pois, será sustentada corajosamente. Shiva e Pârvati apparecem aqui como os principios positivo e

negativo. Elles estão melhor advertidos da sua propria obra. O deus, principio positivo, explicando a Shakti, principio negativo, as varias maneiras pelas quaes as forças subtis da natureza se imprimem sobre os planos mais grosseiros, pode ser o symbolo da impressão eterna de todos os pensamentos e de todos os organismos vivos no Shakti — a materia passiva, Rayi — por Shiva, o principio activo.

A DEUSA PERGUNTOU:

1. Senhor Mahâdeva, deus dos deuses, sê benevolente para mim e fala-me da sabedoria que comprehende todas as cousas.

2. Como se manifestou o universo? Como se mantem? Como desapparece? Ensina-me, ó Senhor! a philosophia do Universo.

O DEUS DISSE:

3. O Universo veio de Tattwa (*) (ou dos Tattwas); elle conserva-se pelo jogo dos Tattwas; desapparece nos Tattwas; pelos Tattwas conhecemos a natureza do universo.

(O universo comprehende todas as manifestações que nos são familiares, ao mesmo tempo, sobre o plano physico, o plano mental e o plano psychico. Todas sahiram dos Tattwas. Os Tattwas são forças que se pren-

---

(*) No original, o singular é empregado frequentemente para representar a qualidade commum dos cinco Tattwas, aquella pela qual um é conhecido como tal.

dem na raiz de todas essas manifestações. A creação, a conservação e a destruição ou, mais estrictamente, a apparição, a conservação e a desapparição dos phenomenos de que somos advertidos e das mudanças tattwicas de estado).

A DEUSA PERGUNTOU:

4. Aquelles que conhecem os Tattwas affirmaram que os Tattwas são a raiz mais elevada; qual é, ó Deus! a natureza dos Tattwas? Põe os Tattwas em luz.

O DEUS RESPONDEU:

5. Não-manifestado, sem forma, o unico dispensador de luz, é o Grande Poder; delle vem o ether sonoro ((Akasa); delle o ether tactil toma nascimento.

(Esse Grande Poder é o Parabrahman dos Vedantinos, a primeira mudança de estado que se encontra no apice da evolução. E' a primeira phase positiva da vida. Todos os Upanishads estão de accordo a este respeito. No principio tudo era Sat (a phase positiva de Brahma).

Desse estado vieram, por graus, os cinco etheres, Tattwas ou Mahâbhûtas, como tambem se lhes chama. "Delle vem o Akasa e assim por deante", diz o Upanishad. Esse estado de Parabrahman chama-se-lhe, no texto, "não-manifestado". A manifestação, para nós, não principia senão com o "Ego", o sexto principio da nossa constituição — muito além do que é naturalmente não-manifestado.

"Sem forma" — este epitheto lhe é dado porque as formas não se mostram senão quando os Tattwas e os

dois estados de materia — positivo e negativo, activo e passivo — vêm á existencia.

Só ha ainda um estado universal de materia. Dahi vem que se dá tambem a esse estado o epitheto de "unico".

E' tambem chamado o "dador de luz". Essa *luz* é a *vida* real. E' um estado que se muda nos cinco etheres que formam a atmosphera do sexto principio do universo).

6. Do ether tactil vem o ether luminoso; e deste, o ether gustativo; é então que nasce o ether olfactivo, são os cinco etheres, e elles têm uma extensão quintupla.

7. Destes, sahiu o universo; por elles, continúa; nelles, desapparece; entre elles, tambem se mostra de novo.

8. O corpo é constituido dos cinco Tattwas; os cinco Tattwas, ó bella Deusa, existem lá dentro sob a forma subtil; elles são conhecidos pelos sabios que se consagram aos Tattwas.

(O corpo humano ou qualquer outro é composto dos cinco Tattwas na sua forma grosseira. Nesse corpo grosseiro estão em jogo os cinco Tattwas, sob a sua forma subtil; elles o governam physiologica, mental, psychica e espiritualmente. São, pois, essas as quatro formas subtis dos Tattwas).

9. Por essa razão, falarei da elevação da respiração do corpo; pelo conhecimento da natureza da inspiração e da expiração chega a pessoa a conhecer os tres tempos.

(O homem pode consagrar-se mais facilmente ao seu proprio corpo. A este proposito, foram descriptas aqui as leis do nascimento da respiração no corpo.

O conhecimento dos tres tempos — o passado, o presente e o futuro — não é mais do que um saber scientifico das causas e dos effeitos dos phenomenos. Conhecei o estado tattwico presente das cousas, conhecei-lhes os estados antecedentes e consequentes e possui o conhecimento dos tres tempos).

10. Esta sciencia da ascensão da respiração, occulta entre todas as revelações do bem verdadeiro, é uma perola na cabeça dos sabios.

11. Esse saber, o subtil dos subtis, comprehende-se facilmente, cria a crença na verdade, fomenta a admiração no meio dos incredulos, é o sustentaculo dos que crêem.

As qualidades do discipulo

12. A sciencia da respiração é dada aos homens calmos, puros, virtuosos, firmes e reconhecidos, e devotos sinceros do Guru (*).

13. Ella não deve ser dada aos viciosos, aos impuros, aos colericos, aos perfidos, aos adulteros, nem aos que têm destruido a sua substancia.

A sciencia da respiração

14. Escuta, ó Deusa, a sabedoria que se acha no corpo; a omnisciencia é causada por ella, se é bem comprehendida.

(*) Instructor espiritual.

15. No Swara estão os Védas e os Shâstras; no Swara, o mais elevado Gaudharva; no Swara se acham os tres mundos; o Swara é o reflexo de Parabrahman.

("No Swara jazem os Védas", etc. Swara, como se viu, é a "corrente da vida". Elle é o mesmo que a "intelligencia" dos Vedantinos. A asserção desta estancia pode encerrar duas significações: pode significar que as cousas descriptas nos Védas estão no Swara, ou senão que a propria descripção está nelle; pode significar que ambos estão nelle ao mesmo tempo. E' naturalmente um facto absoluto. Nada ha no universo manifestado que não tenha recebido a existencia da Grande Respiração, que é a Prâna do universo sobre o mais elevado plano de vida).

16. Sem o conhecimento do Alento (Swara), o astrologo é uma casa sem dono, um orador sem instrucção, um tronco sem cabeça.

17. Todos aquelles que conhecem a analyse dos Nâdis, do Prâna, dos Tattwas e do Sushumna conjunctivo, alcançam a salvação.

18. O universo visivel ou invisivel é sempre de bom agouro, quando a pessoa se tornou senhora do poder da Respiração; diz a pessoa, ó bella deusa, que o saber da sciencia do Alento é tambem alguma cousa de favoravel.

(Essa estancia assignala a differença entre occultismo pratico e occultismo theorico. A pratica é altamente favoravel, mas a theoria tambem conduz para o bom caminho e é, portanto, "alguma cousa de favoravel").

19. As partes e as primeiras accumulações do universo foram feitas pelo Swara, e o Swara é visivel, visto que é o Grande Poder, creador e destruidor.

(Para algumas reflexões sobre este assumpto, o leitor pode reportar-se ao bosquejo delle sobre a Evolução).

20. Um saber mais secreto que a sciencia do Alento, uma saude mais subtil que a sciencia do Alento, um amigo mais veridico que a sciencia do Alento, jamais se viu ou ouviu referir.

21. Um inimigo foi morto pelo poder da respiração; angariam-se tambem amigos; obtem-se a saude pelo poder da respiração, assim como o bem-estar e a boa reputação.

22. Pelo poder da respiração, tem-se uma filha ou encontra-se um rei; pelo poder da respiração, os deuses são propicios, e pelo poder da respiração um rei é posto á mercê de alguem.

23. A locomoção é causada pelo poder da respiração; a alimentação, tambem, é tomada pelo poder da respiração; a urina e os excrementos são lançados tambem pelo poder do Alento.

24. Todos os Shâstras, os Purânas e o resto, a principiar pelos Védas e pelos Upanishads, não contêm principio superior ao saber do Swara (o alento).

25. Tudo são nomes e formas. Por entre tudo isso, as pessoas caminham no erro. São loucos amassados com ignorancia, a não ser que conheçam os Tattwas.

(Um phenomeno não é senão uma phase de movimento tattwico. Todos os phenomenos do universo são

nomes e formas. Todos esses nomes e formas vivem no Swara de Parabrahman ou, melhor, nos Tattwas mais subtis; mas nelles nada se pode distinguir; distinguem-se unicamente quando se acham impressos sobre os planos mais grosseiros. A impressão se faz por meio de Rayi, o estado mais frio da materia vital, que não é senão a sombra de Prâna, o estado original. Por isso, os nomes e as formas são todas irreaes).

26. Esta sciencia do nascimento da respiração é a mais elevada de todas as sciencias elevadas; é uma chamma para alumiar a morada da alma.

27. O saber não pode ser dado a um ou outro homem, se não é como recompensa a uma pergunta: não se pode adquirir senão pelos proprios esforços, na alma e só por meio da alma.

(Este é o celebre adagio: "Conhece-te a ti mesmo, por ti mesmo", que differe do aphorismo grego pela addição das tres ultimas palavras).

28. Nem o dia lunar, nem as constellações, nem o dia solar; nem planeta, nem deus; nem a chuva, nem o Vyatîpâta, nem as conjuncções Vaidhrita, etc.

(Tudo isso são phases variadas dos cinco estados tattwicos. Elles têm um effeito natural sobre a vida terrestre; o effeito differe conforme a cousa influenciada. Os raios do estado tattwico do tempo não serão reflectidos num organismo senão quando a superficie que reflecte é sua alliada. O Yogi que tem poder sobre a sua respiração pode pôl-o no estado tattwico que lhe apraz e os effeitos antagonistas de tempo são simplesmente rejeitados).

29. Nem as conjuncções desfavoraveis, ó Deusa, têm jamais o poder; quando se alcança o poder puro de Swara, todas as cousas têm um bom effeito.

30. No corpo estão os Nâdis, tendo muitas formas e extensão; elles devem ser conhecidos no corpo pelos sabios, por amor do saber.

31. Ramificados na raiz do umbigo, 72.000 dentre elles se extendem no corpo.

(Os Yogis tomam o umbigo como ponto de partida do systema dos Nâdis.

O grande philosopho de Yoga, Patanjali, diz: "Os systemas do corpo são conhecidos pela concentração sobre o umbigo. De outro lado, os Vedantinos tomam o coração como ponto de partida do systema. Os primeiros dão como razão a existencia de Kundalinî, no umbigo; os segundos, a existencia no coração da alma cardiaca (Lingam Atmâ), que é a vida real do corpo grosseiro. Esta, no emtanto, é immaterial. Podemos começar onde quizermos, se comprehendemos verdadeiramente a localização do principio de vida e suas manifestações variadas").

32. No umbigo jaz o poder Kundalinî, dormindo como uma serpente; dahi, dez Nâdis sobem e dez Nâdis descem.

(O poder Kundalinî dorme no organismo desenvolvido. E' o poder que attrae a materia grosseira do organismo natural através do cordão umbilical, e a distribue em differentes pontos onde o Prâna seminal lhe dá forma. Quando a creança se separa da mãe, o poder cae em somno: já não ha necessidade disso. Dos transportes de Kundalinî dependem as dimensões do corpo

da creança. Dizem que é possivel accordar a deusa, mesmo no organismo desenvolvido por certas praticas de Yoga).

33. Dois a dois, os Nâdis se cruzam; elles são assim em numero de 24. Os principaes são os dez Nâdis nos quaes operam dez forças.

34. Através, em cima ou em baixo, nelles o Prâna se manifesta por todo o corpo. Estão no corpo, sob a forma dos Chakras e supportam todas as manifestações de Prâna.

35. Entre elles dez são os principaes: desses dez, tres são os mais elevados: Ida, Pingala e Sushumna.

36. Gandhârî, Hastijihvâ, Pûshâ e Yashasvinî; Alambushâ, Kûkû, Shankhinî e tambem Daminî.

37. Ida fica á esquerda, Pingala á direita, Sushumna no meio; Gandharî no olho esquerdo.

38. No olho direito Hastijchavâ; no ouvido direito Pûsha; Yashasvinî no ouvido esquerdo; na bocca Alambushâ.

39. Kûkû no pubis; no anus Shankhinî. Deste modo, ha um Nâdis em cada abertura.

40. Ida, Pingala e Sushumna se prendem no caminho de Prâna; esses dez Nâdis se extendem pelo corpo de modos variados.

(Para uma dissertação sobre esses tres Nâdis, o leitor reportar-se-á ao bosquejo sobre Prâna. Em resumo, nas camaras direitas e esquerdas da columna vertebral estão Pingala e Ida. O canal entre aquelles dois é Sushumna. Tomando o systema sanguineo como uma simples reflexão do systema nervoso, a terminologia se applicaria aos nervos sós. Parece, entretanto, que as

Nâdis dos Tantristas comprehendem, ao mesmo tempo, os dois systemas. No systema nervoso existe o poder real e este deve estar presente em toda a parte onde haja u'a manifestação da vida).

41. Demos acima os nomes dos Nâdis. Façamos, agora, o mesmo com os nomes das forças: Prâna (1); Apâna (2); Samâna (3); Udâna (4); Vyâna (5).

42. Nagâ (6); Kûrma (7); Krikila (8); Devadatta (9); e Dhananjava (10). No peito existe sempre o Prâna; o Apâna no circulo do anus.

43. O Samâna, no circulo do umbigo, o Udâna no meio da garganta, o Vyâna passa por todo o corpo. Taes são as dez forças principaes.

44. As cinco que começam no Prâna foram descriptas. As cinco forças restantes principiam com o Nâga. Dou tambem os seus nomes e logares.

45. O Nâga é conhecido na eructação; o Kûrma, no piscar d'olhos; o Krikila é considerado como causa da fome; o Devadatta é conhecido no bocejar.

46. O Dhananjava, que penetra tudo, não abandona nem mesmo o cadaver. Todas as forças se movem em todos os Nâdis onde elles revestem a forma da vida.

47. Sabio é quem conhece os movimentos manifestados do Prâna individualizado pelos tres Nâdis — Ida, Pingala e Sushumna.

48. O Ida deve ser conhecido como o lado esquerdo e Pingala o lado direito (metade do corpo).

49. A lua está collocada em Ida, o sol em Pingala; Sushumna tem a natureza de Sambhû e Sambhû é o "si" de Hamsa (ao mesmo tempo inspiração e expiração).

50. A expiração chama-se Ha; a inspiração é Sa; Ha é o Shiva (o activo), e Sa e Shakti (a passiva).

51. A lua apparece como Shakti, causando o fluxo do Nâdi direito; o sol apparece com Sambhû (activo).

52. Uma esmola, dada pelo sabio quando a respiração está em a narina esquerda, fica multiplicada por milhares de vezes neste mundo.

53. Examine o Yogi o seu rosto com intelligencia e attenção e, assim, conheça elle plenamente o movimento do sol e da lua.

54. Medite sobre o Tattwa quando Prâna está calmo, nunca quando está perturbado; o seu desejo será atendido; auferirá grande beneficio e victoria.

55. Para esses homens que se entregam á pratica, e assim guardam sempre o sol e a lua em ordem propria, o conhecimento do passado e do futuro retorna tão facil como se os tivessem nas mãos.

56. No Nâdi esquerdo, a apparencia do alento e a do Amrita (nectar); é a grande nutriz do mundo. No Nâdi direito, a porção que dá o movimento, o mundo é sempre nascido.

(A phase negativa de Prâna possue as qualidades de Amrita, o dispensador da vida eterna. A materia negativa, a lua, é mais fria que a materia positiva, o sol. A primeira é Rayi, a segunda Prâna. A primeira recebe as impressões da segunda e esta dá impressões áquella. A lua, pois, é a vida real de todos os nomes e de todas as formas; nella vivem elles; ella os entretem; ella é, portanto, o Amrita, o nectar da vida. O Nâdi direito é, por sua temperatura superior, o dispensador de nomes e de forma ou, brevemente, a phase que communica o

movimento á materia vital. E' a tendencia do Sol de sempre causar as mudanças nos nomes e nas formas, e dar novas impressões no logar das antigas. Logo, o sol é o grande destruidor de formas; é o pae das formas, mas o seu conservador real é a lua).

57. No meio, o Sushumna se move mui cruelmente e é perversissimo em todos os actos; por todas as partes, nos actos favoraveis, o (Nâdi) esquerdo dá a força.

58. Sahindo, o Nâdi esquerdo é favoravel; entrando, o direito é favoravel; a lua deve ser considerada como par, o sol como impar.

59. A lua é femea, o sol é macho; a lua é bella, o sol é sombrio. Durante o fluxo do Nâdi lunar, ponha-se por obra actos calmos.

60. Durante o fluxo do Nâdi solar, realizem-se actos rudes; durante o fluxo de Sushumna, effectuem-se acções cujo resultado é o alcance dos poderes physicos e da salvação.

61. Na quinzena brilhante, vem a lua em primeiro logar; na quinzena sombria, o sol; a partir do primeiro dia lunar, vêm elles, um após outro, em ordem, cada um de tres em tres dias.

62. A lua e o sol tem cada um a duração branca (ao norte, em cima) e a duração negra (ao sul, em baixo) de dois Ghârîs e meio. Elles correm em ordem durante os 60 Ghârîs de um dia.

63. Então, a um Ghârî cada qual (24 minutos) os cinco Tattwas correm. Os dias começam com o Pratîpatta (o primeiro dia lunar). Quando a ordem é inversa, o effeito tambem fica invertido.

64. Na quinzena brilhante, a esquerda (é poderosa); na quinzena sombria, a direita; conduz o Yogi isto em ordem, com attenção, a começar pelo primeiro dia lunar.

65. Se o alento se levanta (*) pelo caminho da lua e se deita (**) pelo do sol, isto confere grupos de boas qualidades; si se dá o contrario, o effeito é inverso.

66. Corra a lua durante o dia inteiro, e o sol durante a noite plena; aquelle que assim pratica é realmente um Yogi.

67. A lua é paralysada pelo sol, o sol pela lua; aquelle que conhece este exercicio galga, num momento, os tres mundos. (Isto é: nada nos tres mundos pode exercer mau effeito contra elle).

68. As quintas-feiras, sextas-feiras, quartas-feiras, segundas-feiras, o Nâdi esquerdo dá bom exito em todos os actos, especialmente durante a quinzena branca.

69. Nos domingos, terças-feiras e sabbados, o Nâdi direito communica com exito a todos os actos rudes, especialmente na quinzena negra.

70. Durante cinco Ghârîs, cada um dos Tattwas tem a sua ascensão distincta, em ordem, Ghârî por Gharî.

71. Ha, assim, 12 mudanças durante o dia e a noite; Tauro Cancer, Virgem, Esocorpião, Capricornio, Pisces, estão na lua (isto é, com estes signos, o alento se eleva no Nâdi esquerdo.

72. Durante Aries, os Gemeos, o Leão, a Balança, o Sagittario e o Aquario, o elevar-se do alento está em Nâdi direito. Por este, o bem ou o mal está garantido.

(*) O nascer do sol.
(**) O pôr do sol.

73. O sol está concentrado no léste e no norte; a lua no oéste e no sul. Ninguem vá para o oéste ou para o sul durante o fluxo do Nâdi direito.

74. Ninguem vá para o oéste, para o norte, durante o fluxo do Nâdi esquerdo...

75. Os sabios que desejam o bem não devem, pois, ir para essas direcções durante taes intervallos; porque, então, terão o soffrimento e a morte.

76. Quando, durante a quinzena brilhante, a lua corre, ella é benefica para o homem; o bem estar é causado nas boas acções.

77. Quando, no momento de elevar-se o sopro solar, se levanta o sopro lunar, e *vice-versa*, as querellas e o perigo apparecem e todo o bem desapparece.

O mau Swara

78. Quando, de manhã, a respiração sóbe, é o sol que está no logar da lua e a lua no logar do sol.

79. No primeiro dia, a intelligencia está confusa; no segundo, perde-se a saude; no terceiro, fala-se de signaes; no quarto, chega a destruição do objecto desejado.

80. No quinto, a destruição da posição mundana; no sexto, destruição de todos os objectos; no setimo, molestia e dôr; no oitavo, a morte.

81. Quando, naquelles oito dias, nos tres tempos a respiração é má, nesse caso, o effeito é absolutamente

mau; quando não succede inteiramente assim, pode haver algum bem (*).

82. Quando, de manhã e ao meio-dia, a lua está presente, e, de tarde, o sol, ha sempre bom exito e proveito. O inverso dá a dôr.

83. Cada vez que a respiração está no Nâdi direito ou esquerdo, a viagem tem bom exito se direito ou esquerdo, segundo o caso, fôr o primeiro passo.

. . . .

96. Durante o fluxo da lua, o veneno é destruido; durante o do sol, obtem-se o poder sobre um corpo qualquer. Durante Sushumna obtem-se a salvação. Um poder existe sob tres formas: Pingala, Ida e Sushumna.

97. Pode acontecer que, quando se deve fazer alguma cousa, a respiração não corre regularmente ou que, quando a respiração corre como deve, não haja nenhuma acção em perspectiva. Como, então, pode um homem de negocios seguir as aspirações do Prâna?

98. Actos favoraveis ou desfavoraveis são sempre praticados de noite. Quando ha necessidade, o Nâdi conveniente é posto em movimento.

Ida

99. Naquelles actos em que se desejam effeito duravel, o ornamento, uma viagem longinqua, a entrada

(*) Os effeitos da má respiração dependem da sua força. Na maior parte dos casos, pode não haver senão uma tendencia para esses effeitos, ou sonho ou um pezar a proposito dessas cousas.

numa ordem da vida (Ashrama) ou num palacio, a accumulação de riquezas.

100. Mettendo-se nos poços, nos tanques, nos reservatorios, etc., erigindo columnas e idolos, comprando utensilios, casando-se, mandando fazer roupa, joias e ornatos, etc.

101. Preparando medicamentos refrigerantes e nutrientes, vendo o seu senhor no commercio e na colheita.

102. Entrando numa casa nova, tomando um serviço a seu cargo, na cultura, a disseminação, a pacificação favoravel, a sahida, a lua é favoravel.

103. Em actos taes como o começo de uma leitura, a visita aos parentes... na virtude, no ensino de um mestre espiritual, na recitação de um Mantra.

104. Lendo os aphorismos da sciencia dos tempos conduzindo quadrupedes para a casa, no tratamento das molestias, na solicitação dos mestres.

105. Cavalgando os cavallos e os elephantes, fazendo bem a outrem, effectuando depositos.

106. Cantando, tocando instrumentos, pensando na sciencia dos sons musicaes, entrando numa cidade ou numa aldeia, numa coroação.

107. Na molestia, na dôr, nas dejecções, na febre e na syncope, estabelecendo relações com seu povo e seus senhores, colhendo os pães, no aquecimento, etc.

108. No embellezamento da pessoa pelas mulheres, quando vem a chuva, no culto do amor, etc., ó Deusa, a lua é favoravel.

109. Actos taes, tambem, como a pratica do Yoga estão cheios de successos em Ida. Em Ida, é verdade que se renuncia ás modificações Akasa e Tejas de Prâna.

110. De noite ou de dia, todo o trabalho surte bom effeito; em todos os trabalhos favoraveis, o fluxo da lua é bom.

Pingala

111. Em todos os actos penosos, lendo e ensinando as sciencias difficeis... indo a bordo de um navio.

112. Em todos os maus actos, bebendo, recitando os Mantras de um deus tal como Bhairava...

113. Estudando os Shâstras, caminhando, caçando, vendendo animaes, nas juncções difficeis dos tijolos, da madeira, da pedra, das joias, etc.

114. Na pratica da musica, nos Yantras, nos Tantras, na escalada de uma praça alta ou de u'a montanha, jogando, voando, domando um cavallo ou um elephante, numa carruagem ou de outra qualquer maneira.

115. Conduzindo um animal novo, um camelo ou um bufalo, ou um elephante, ou um cavallo, atravessando um rio, tomando um remedio, escrevendo.

116. Nos desportos athleticos, destruindo ou produzindo a confusão, praticando os seis Karmas, etc., obtendo o poder sobre os Yakins Yakshas, Vetâlas, Venenos e Bhûtas, etc.

117. Matando... na inimizade, no magnetismo (*); mandando fazer alguma cousa á alguem em commando — attrahindo alguem para qualquer cousa, causando a afflicção e a confusão, na caridade, na compra e venda.

(*) Um homem não terá jamais bastante coragem e torpeza moral para commetter o acto, salvo se o Nâdi está a correr.

118. Manejando a espada, no combate, solicitando o rei, comendo, banhando-se, nas negociações mercantis, nas acções duras e quentes, o sol é favoravel.

119. Logo depois de comer... o sol é favoravel. O sabio deve dormir, tambem, durante o fluxo da respiração solar.

120. Todos os actos violentos, todos aquelles actos variados, que, por sua natureza, devem ser transitorios e temporarios, têm bom successo durante o sol. A tal respeito não resta duvida alguma.

Sushumna

121. Quando a respiração se move um instante á esquerda e outro instante á direita, esse (estado de Prâna) é conhecido como Sushumna. E' o destruidor de todos os actos.

(Vêr-se-á nesta secção que tres phases de Sushumna são mencionadas:

(I) Quando a respiração sae um momento por uma narina e o momento seguinte pela outra.

(II) Quando a respiração corre ao mesmo tempo pelas duas narinas com força egual.

(III) Quando a respiração sae por uma narina com mais força do que pela outra.

A' primeira denomina-se o estado desigual, Vishamabhâva; a segunda e a terceira tomam o nome de Vishuvat ou Vishuva).

122. Quando o Prâna está nesse Nâdi, ardem os fogos da morte. Chama-se-lhe Vishuvat, o destruidor de todas as acções.

123. Quando os dois Nâdis, que deveriam correr um após outro, correm no mesmo tempo, ha, então, realmente perigo para aquelle que assim está afflicto.

124. Quando elle está um instante á direita, um instante á esquerda, chama-se-lhe o estado desigual. O effeito é inverso do que se deseja, e assim deve elle ser conhecido, ó bella Deusa.

125. O sabio chama-lhe Vishuvat quando ao mesmo tempo correm os dois Nâdis. Não pratiques, então, nenhuma acção nem branda nem violenta; uma e outra não terão resultado.

126. Na vida, na morte, nas questões, na venda ou na ausencia della, no bom exito ou no fracasso — por todas as partes os revezes se produzem durante o fluxo de Vishuvat. Lembra-te, então, do senhor do Universo.

127. A pessoa deve lembrar-se de Ishwara em actos taes como a pratica do Yoga; nada absolutamente deve ser emprehendido nessa época por aquelles que desejam o bom exito, a riqueza e o bem-estar.

128. Proferi u'a maldição ou uma benção quando, com o sol, o Sushumna corre vagarosamente, e ella será inutil.

129. Quando o estado desigual entra a nascer, não penseis em viajar. Viajar durante esse estado, causa, sem duvida alguma, dôr e morte.

130. Quando o Nâdi muda ou quando os Tattwas mudam, nada de favoravel será feito por via da caridade, etc.

131. Adeante, á esquerda e em cima está a lua; atraz, á direita e em baixo está o sol. Dessa maneira, o sabio deve conhecer a distincção entre o cheio e o vacuo.

(Duas phases de conjuncção a mais foram notadas: (1) Sandhyâ Sandhi; (2) Vedoveda. Segundo alguns philosophos, ellas não existem. Essas duas phases são consideradas como não sendo senão os nomes das duas precedentes. Isto, aliás, não é a these do escriptor presente; elle sustenta que esses dois estados existem separadamente.

(I) O Sandhyâ Sandhi é o Sushumna através do qual a desapparição se realiza na materia mais elevada, no além. O Sushumna physiologico é o reservatorio da vida physiologica potencial do homem. Desse estado, uma ou a outra phase da vida, positiva e negativa, toma nascimento.

Mas o Sushumna é oriundo de uma phase mais elevada de vida. As forças mentaes positiva e negativa, segundo leis semelhantes, dão origem a esse Prânamaya Kosha potencial. O mundo, como disseram certos escriptores, é a apparição do movimento mental (Sankalpa, Manah Sphurana).

O estado de conjuncção desses dois estados mentaes é o Sandhyâ Sandhi. O mesmo nome parece ter sido dado ao mais elevado Sushumna. Quando as duas phases de materia mental estão neutralizadas no Sushumna, o Prânamaya Kosha perde a sua vitalidade e desapparece.

(II) Este é o estado no qual foi lançado o reflexo do Atmâ Superior e, por conseguinte, é-lhe possivel vir á intelligencia).

132. O mensageiro que está em cima, adeante ou á esquerda, se acha no caminho da lua, e o que está em baixo, atraz e á direita está na vereda do sol.

133. A conjuncção através da qual a desapparição se realiza na materia subtil no além, que não é principio, é uma, e sem alimentação (potencial) ou sem perda; chama-se-lhe Sandhyâ Sandhi.

134. Alguns dizem que não ha Sandhyâ Sandhi separada, porém que ao estado no qual o Prâna se acha no Vishuvat se lhe chama Sandhyâ Sandhi.

135. Não ha Vedoveda separado, isso não existe. Chama-se Vedoveda esta conjuncção pela qual se conhece o mais elevado Atmâ.

Os Tattwas

A DEUSA PERGUNTOU:

136. Grande senhor! deus dos deuses! Na tua intelligencia jáz um grande segredo que dá salvação ao mundo; dize-me o que ella contém.

O DEUS RESPONDEU:

137. Não ha Deus além do conhecimento secreto da respiração; o Yogi que se consagra á sciencia da respiração é o mais elevado Yogi.

138. A creação vem dos cinco Tattwas; o Tattwa desapparece no Tattwa; os cinco Tattwas constituem o objecto do mais elevado saber; por detraz dos cinco Tattwas está o Sem Forma.

139. O Prithivi, o Apas, o Tejas, o Vayú e o Akasa são os cinco Tattwas, todas as cousas são dos cinco Tattwas. Venerado seja o que conhece tudo isso.

(Como todas as cousas, todo o phenomeno possivel da alma, da intelligencia, do Prâna e da materia grosseira — é dos Tattwas, os nossos bosquejos sob a forma de introducção tentaram explical-o).

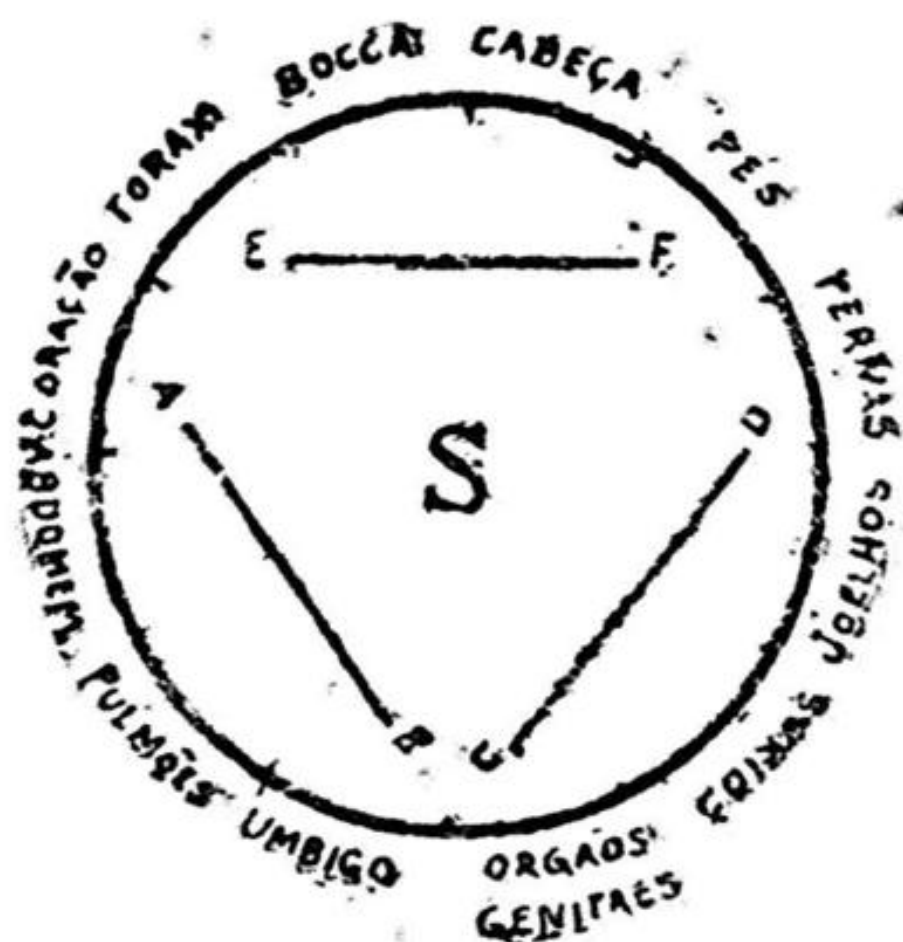
140. Nos seres de todos os mundos, os Tattwas são os mesmos por toda a parte; da terra do Satyaloka, apenas differe o arranjo do systema dos Nâdis.

(O systema nervoso é differente em todos os Lokas. Tem-se dito, mais de uma vez, que os raios tattwicos, voando em cada direcção, dão origem aos Trutis innumeraveis que são pinturas em miniatura do macrocosmo. Comprehende-se facilmente que essas pinturas se formam sobre differentes planos, que estão diversamente inclinados sobre o eixo solar e se acham a varias distancias do sol. O nosso planeta está á certa distancia do sol e a vida está disposta, sobre este planeta, de tal maneira que as correntes de vida lunar e solar tenham força egual emquanto o organismo deve ser mantido. Os Tattwas tambem hão de ser equilibrados. Pode haver outros planos de vida sobre os quaes os poderes respectivos das duas correntes e os Tattwas sejam maiores ou menores do que o são sobre a terra. Essa differença garante uma differença nos arranjos dos Nâdis, e tambem na sua forma.

Experimentamos essa ordem de cousas, mesmo sobre a nossa terra. Os animaes e os vegetaes differentes têm formas differentes: é simplesmente por causa dos Trutis differentes sobre differentes planos, diversamente inclinados sobre o eixo solar.

Supponhamos, para illustrarmos este asserto, que a esphera do Prâna macrocosmico seja a seguinte:

Estudos sobre a astrologia assignam orgãos differentes a essas divisões astraes, e tomarei estas, sem outra explicação, na intenção presente.

Temos assim, sobre escala mais larga, o diagramma seguinte:

Essas doze regiões comprehendem o corpo inteiro, interno e externo. Agora, supponhamos que haja um plano A B, que tenha certa inclinação sobre o do Sol, S.

De cada ponto das doze regiões, os raios caem em cada Truti sobre o plano A B. Então, ha outros planos, C D e E F, etc. E' evidente que os raios que caem sobre todos esses planos das dozes regiões, hão de variar em força relativa e em posição sobre differentes planos. E' obvio que sobre todos esses planos, os diversos orgãos hão de differir em forma, em força e em posição relativa. Isto dá origem a systemas nervosos mais ou menos variados em todos os Lokas e nas formas diversas dos organismos da terra.

Quando, no transcorrer da evolução, as necessidades da intelligencia são modificadas, os Prânamaya Koshas mudam de plano, e é assim que elles se transformam sobre a terra, segundo a theoria occulta da evolução).

141. A esquerda, como á direita, ha o erguer-se quintuplo (dos Tattwas). O saber dos Tattwas é octuplo. Escuta-me, bella Deusa, vou t'o dizer.

142. O primeiro é o numero dos Tattwas; o segundo, a conjuncção da respiração; o terceiro, os signos da respiração; o quarto, o logar dos Tattwas.

143. O quinto é a côr dos Tattwas; o sexto é o proprio Prâna; o setimo é o seu gosto; o oitavo, o seu modo de vibração.

144. Escuta o que é do triplice Prâna — o Vishuva, o activo (o sol), o passivo (a lua) — nessas formas (*). Não ha nada além da respiração, ó Deusa de rosto de loto.

(*) O activo é o Chara, o motor; o passivo é o Achara ou Sthira, o receptor de movimento.

145. Quando, pelo effeito do tempo, vem a potencia de ver, isto deve ser com grande esforço.

(Os Yogis operam com o fim de fraudar o tempo. O tempo é a ordem de apparição das phases tattwicas variadas de um organismo vivo; no homem, esta ordem se regula pelo seu Karma precedente, pelo poder do Karma precedente o organismo humano toma estados receptivos differentes e em concordancia com a receptividade; as influencias tattwicas do tempo — o Prâna solar — causam as dôres ou as alegrias de diversas sortes.

Pela pratica do Yoga, o Yogi governa as mudanças tattwicas do seu corpo. Illude-se o tempo. Repelle-se para fóra do seu corpo o germen da molestia, nenhuma epidemia o affectará jamais).

146. Tape um homem os seus ouvidos com os pollegares, as narinas com os dedos medios, a bocca com os dedos minimos e os olhos com os indicadores.

147. Nesse estado, os cinco Tattwas são conhecidos gradualmente como sendo o amarello, o branco, o vermelho, o azul e o manchado sem nenhum outro Upâdhi distincto.

148. Olhando num espelho, projecte-se sobre elle a respiração; conheça o homem sabio a differença dos Tattwas.

149. Quadradas, semi-lunares, esphericas e manchadas são as formas respectivas dos cinco Tattwas.

150. Assim, o primeiro, Prithivi, corre no meio; o segundo, Apas, corre em baixo; o terceiro, Agni, corre em cima; o quarto, Vayú, corre em angulos agudos; o Akasa corre entre cada grupo de dois.

151. O Apas Tattwa é branco; o Prithivi, amarello; o Agni, vermelho; o Vayú, azul celeste; o Akasa torna sombria cada côr.

152. Em primeiro logar, corre o Vayú Tattwa; em segundo, o Tejas; em terceiro, o Prithivi, e em quarto, o Apas.

153. Entre as duas espaduas está localisado Agni; na raiz do umbigo, Vayú; nos joelhos, Apas; nos pés, Prithivi; na cabeça, Akasa.

154. O Prithivi Tattwa é doce; o Apas, adstringente; o Tejas, acre; o Vayú, acido; o Akasa, amargo.

155. A largura do fluxo de Vayú é de oito dedos; a do Agni, de quatro; a do Prithivi, de doze; a do Apas, de dezesseis.

156. O movimento ascendente tende para a morte; o movimento descendente, para a calma; o movimento em angulos agudos, para o repouso ;o do meio, para a paciencia; o Akasa é commum a todos.

157. Durante o fluxo de Prithivi, effectuam-se actos que a pessoa espera que durem por muito tempo; durante o Apas, os actos passageiros; durante o Tejas, os actos violentos; durante o Vayú, os assassinatos, etc.

158. Nada deve ser feito durante o Akasa, salvo a pratica do Yoga; todos os outros actos ficarão sem effeito desejado.

159. Durante o Prithivi e o Apas, alcança-se o bom exito; a morte sobrevem no Tejas; a reducção, no Vayú. O Akasa é havido, pelos philosophos dos Tattwas, inteiramente inutil.

160. Durante o Prithivi, a renda é tardia; durante o Apas, immediata; a perda se manifesta no Tejas e no Vayú; o Akasa é inteiramente inutil.

161. O Prithivi Tattwa é amarello, de movimento vagaroso, move-se no meio, afflue á extremidade do sterno, é pesado de som, de temperatura leve. Surte bom exito nos trabalhos que são executados para durar muito tempo.

162. O Apas Tattwa é branco, de movimento rapido, move-se para baixo, afflue de dezesseis dedos em baixo (perto do umbigo), pesado de som, frio de temperatura. Dá bom exito nos trabalhos favoraveis.

163. O Tejas Tattwa é vermelho, move-se em turbilhões (Avartagah), move-se para cima, afflue de quatro dedos em baixo (perto da extremidade do mento), é de temperatura elevadissima. Dá nascimento ás acções violentas (acções que, por assim dizer, ateiam fogo).

164. O Vayú Tattwa é azul celeste, move-se em angulos agudos, afflue de oito dedos para baixo, é de temperatura quente ou fria. Imprime bom successo nas obras transitorias.

165. O Akasa Tattwa é superficie commum de tudo; sombreia as qualidades de todos os Tattwas. Dá o Yoga ao Yogi.

166. Amarello e quadrado, doce, movendo-se no meio e dando alegria, é o Prithivi Tattwa, que corre de doze dedos para baixo.

167. Branco, semi-lunar, adstringente, movendo-se para baixo e causando beneficio, é o Apas Tattwa, que é de dezesseis dedos em fluxo.

168. Azul, espherico, acido, movendo-se em angulos agudos, dispensador de locomoções, é o Vayú Tattwa, que é de oito dedos em fluxo.

169. Sombreando todas as côres, tendo a forma de uma orelha, amargo como gosto, movendo-se por toda a parte através do dador de Moksha, é o Akasa Tattwa, que é inutil em todas as obras do mundo.

170. O Prithivi e o Apas são Tattwas favoraveis, Tejas é moderado nos seus effeitos, o Akasa e o Vayú são desfavoraveis, e causam perdas e a morte á humanidade.

171. O Apas está a léste, o Prithivi ao oéste, o Vayú ao norte, o Tejas ao sul, o Akasa no meio.

172. Quando o Prithivi e o Apas estão na lua, e Agni no sol, então, realmente, ha bom exito nos actos brandos e violentos respectivamente.

173. O Prithivi faz affluir as rendas durante o dia, o Apas durante a noite; a morte vem no Tejas, a reducção no Vayú; o Akasa arde ás vezes.

174. Na opportunidade da vida, no bom successo, na renda, na cultura (ou, segundo uma variante, na alegria e no crescimento), no accumulo de riquezas, na comprehensão do sentido dos Mantras, no que diz respeito á batalha, na ida e volta.

175. Ha um beneficio durante o Apas Tattwa; o favor fica, onde estiver, durante o Prithivi; pelo Vayú a pessoa volta de onde quer que esteja; o Akasa e o Tejas causam perda e morte.

176. No Prithivi vem o pensamento das raizes (Mûla); no Apas e no Vayú, os dos seres vivos; no Te-

jas, vem o pensamento dos mineraes; no Akasa ha o vacuo.

177. No Prithivi a pessoa pensa em seres que têm muitos pés; no Apas e no Vayú, nos bipedes; no Tejas, nos quadrupedes; no Akasa, nos apodes.

178. Dizem que Marte é o Tejas; o Sol, Prithivi; Saturno, o Apas, e Râhu o Vayú no Nâdi direito.

179. A lua é o Apas; Jupiter, o Prithivi; Mercurio, o Vayú, e Venus o Tejas no Nâdi esquerdo; para todos os actos, realmente.

(O valor tattwico dos planetas descriptos nesses dois versiculos parece não ser senão a opinião de alguns. A opinião do escriptor, que é tambem a opinião do grande astrologo Varâhamihira, é expressa na estancia 180).

180. Jupiter é Prithivi; a Lua e Venus são o Apas; o Sol e Marte são o Tejas; o Dragão, o Ketu e Saturno são o Vayú; Mercurio é o Akasa.

181. Durante o Prithivi, a pessoa se occupa com as cousas da terra (raizes *Mûla*); durante o Apas, das cousas da vida, durante o Tejas, dos mineraes, no correr do Akasa, de nada.

182. Quando a respiração, deixando o Sol e a Lua, vae para Râhu, ficae sabendo que o Prâna está em movimento e deseja outro logar.

183. O prazer (1), o crescimento (2), a affeição (3), o enthusiasmo (4), o bom exito (5), o riso (6), no Prithivi e no Apas; a necessidade do poder de trabalhar nos orgãos (7), febre (8), tremor (9), expatriação (10), no Tejas e no Vayú.

184. Perda da substancia vital (11), e morte (12), no Akasa — aquelles doze são as phases da lua (isto é,

as formas, etc., que toma a materia negativa); importa sempre que o sabio fique sciente de que elles trazem a dôr.

(Aquelles doze são as phases da lua. A lua significa aqui o poder que mantem os nomes e as formas. Esse poder, o Rayi, apparece sob doze formas, conforme as mudanças tattwicas.

O fluxo do Nâdi esquerdo, no curso diurno não se acha comprehendido aqui).

185. A léste, a oéste, ao sul e ao norte, os Tattwas, Prithivi, etc., são poderosos.

186. Bella Deusa, o corpo deve ser conhecido como sendo constituido dos cinco Mahâbhûtas — o Prithivi, o Apas, o Tejas, o Vayú e o Akasa.

187. O osso, o musculo, a pelle, o Nâdi e a cabelleira — tudo isso é o Prithivi quintuplo, como ficou consignado no Brahmavidyâ (a Sciencia divina).

188. A semente do macho, os germens femininos, a gordura, a urina e a saliva — tal é o Apas quintuplo, consignado na Sciencia Divina.

189. A fome, a sêde, o somno, a luz, o enternecimento — tal é o Agni quintuplo, consignado na Sciencia Divina.

190. O deslocamento, o andar, o gosto, a contracção e enfarte — tal é o quintuplo Vayú, consignado na Sciencia Divina.

191. O desejo de possuir, o desejo de repellir, a vergonha, o medo e o esquecimento — tal é o quintuplo Akasa consignado na Sciencia Divina.

192. O Prithivi tem cinco qualidades, o Apas quatro, o Tejas tres, o Vayú dois, e o Akasa um. Isto é uma parte do conhecimento tattwico.

193. O Prithivi é de cincoenta Palas; o Apas, de quarenta; o Tejas, de trinta; o Vayú, de vinte; o Akasa, de dez.

194. No Prithivi, a renda é frustrada; no Apas, ella vem de repente; no Vayú, ella é fraquissima; no Agni, o que se tem na propria mão é destruido.

195. (As casas lunares) Dhanishthâ (1), Rhoni (2), Iyestha (3), Anarâdha (4), Shravana (5), Abhijit (6), e Uttarashâdhâ (7), — estes dizem ser o Prithivi Tattwa.

196. Bharanî (1), Krittikâ (2), Pushya (3), Magâ (4), Pûrvaphalgunî (5), Pûrvabhâdnapadâ (6), e Swati (7), — são denominados o Tejas Tattwa.

197. Pûrvâshâdhâ (1), Ahsleshâ (2), Mûla (3), Ardrâ (4), Revatî (5), Uttarâbhâdrapadâ (6), e Shatabhishaj (7), — dizem ser Apas Tattwa, muito amadas!

198. Vishâhhâ (1), Uttaraphaigunî (2), Hasta (3), Chitrâ (4), Punarvasû (5), Ashvinî (6), e Mrigarshirshâ (7), — dizem ser Vayú Tattwa.

199. Seja qual fôr o mal sobre o qual o mensageiro inquira, attendo-se ao Nâdi que se escôa, a cousa não succede como elle deseja. Em o Nâdi vazio, dá-se o contrario.

200. Ainda quando o Nâdi esteja cheio, não se achando, porém, o Tattwa conjuncto, não ha bom resultado. O sol ou a lua não produzem bons effeitos senão quando em combinação com o Tattwa conjuncto.

201. Râmâ obtem a victoria em Tattwa favoravel; assim fez Arjuna. Os Kuravas foram todos mortos no combate, em virtude dos Tattwas contrarios.

202. Pela velocidade adquirida em outros nascimentos ou por graça do Gurú, alguns homens chegam a conhecer a natureza dos Tattwas, por meio da intelligencia purificada pelo habito.

Meditação ácerca dos cinco Tattwas

203. Meditae ácerca do Prithivi Tattwa com L (ou Lam) por symbolo algebrico, como sendo quadrangular, amarello, de sabor doce e conferindo uma côr tão pura como a do ouro, immunidade de molestia e luminosidade de corpo.

204. Meditae ácerca do Apas Tattwa com V (ou Vam) por symbolo algebrico, como sendo semi-lunar, alvo como a lua, dando resistencia contra a fome e contra a sêde, etc., e produzindo uma sensação analoga á de um mergulho na agua.

205. Meditae ácerca do Tejas Tattwa com R (ou Ram) por symbolo algebrico, como sendo triangular, vermelho, dando o poder de consumir uma grande quantidade de alimento e bebida e de resistencia contra o calor ardente.

206. Meditae ácerca do Vayú Tattwa com P (ou Pam) por symbolo algebrico, como sendo espherico, azul ceruleo e dando poder de caminhar pelo espaço e de voar como as aves.

207. Meditae ácerca do Akasa Tattwa com H (ou Ham) por symbolo algebrico, sem forma, sombreando

muito as côres e dando o conhecimento dos tres tempos e os poderes Animâ, etc.

208. Onde quer que se encontre um homem que possua a sciencia da respiração, não pode haver ahi riqueza melhor do que a delle. E' sabido que, pela sciencia da respiração, os fructos são obtidos sem muito custo.

A victoria é favoravel

PERGUNTOU A DEUSA:

209. Grande senhor, deus dos deuses, tu que dás a felicidade, e a sciencia do nascimento da respiração que é elevadissima, dize-me como comprehende ella o conhecimento dos tres tempos?

DISSE O DEUS:

210. O' Deusa, o conhecimento dos tres tempos se refere a tres cousas, nada mais:

(I) A Fortuna.
(II) A Victoria no combate.
(III) Um bom ou mau (fim de outras acções).

211. Conforme o Tattwa, um acto é bom ou mau; conforme o Tattwa, vem a victoria ou a derrota; conforme o Tattwa, vem a pobreza ou a abundancia. Dizem que os Tattwas se manifestam nestes tres estados.

INDAGOU A DEUSA:

212. Grande senhor, Deus dos deuses, o oceano que comprehende todas as cousas neste mundo é o maior

amigo e companheiro dos homens; é elle que promove a realização de todos os trabalhos, não é assim?

RESPONDEU O DEUS:

213. Só o Prâna é o mais elevado amigo, o maior companheiro. Deusa, amigo melhor que o Prâna, não ha.

DISSE A DEUSA:

214. Como é que a força de Prâna se atém ao do corpo? Qual é a apparencia do Prâna no corpo? Como é que conhecemos o Prâna, quando é que elle opera nos Tattwas?

RETORQUIU O DEUS:

215. Na cidade do corpo, o Prâna é o senhor protector: quando elle entra, é de dez dedos; quando sae, de doze.

(Esta secção se refere á Aura humana. O Prâna subtil rodeia o corpo humano grosseiro como um halo de luz. O comprimento natural desse halo desde o corpo até a circumferencia é de doze dedos do homem cujo Prâna é medido. Esse comprimento é affectado durante o curso ordinario da inspiração e da expiração. No tempo da inspiração, o comprimento fica reduzido a dez dedos; no tempo da expiração, elle torna a doze.

Durante certas outras acções, tambem, o comprimento varia. Assim, caminhando, o comprimento de Prâna vae a 24; correndo, a 42; no coito, a 65; dormindo, a 100; comendo e falando, a 18.

Nos homens ordinarios, o comprimento é de doze dedos. O comprimento ordinario é, entretanto, reduzido nos homens extraordinarios. Assim:

Nos homens isentos de desejos, o comprimento do Prâna está reduzido de um dedo; torna-se de 11.

Nos homens sempre affaveis e alegres, o comprimento é de dez dedos.

Um poeta tem-n'o de 9 dedos; um orador, de 8; um vidente, de 7; um levitador, de 6; e assim por deante.

216. No andar, o Prâna é de 24; na carreira, de 42; no coito, de 35; no somno, de 100 dedos.

217. O comprimento natural do Prâna, ó Deusa, é de doze dedos. Comendo e falando, elle se extende a 18 dedos.

218. Quando o Prâna está reduzido a um dedo, resulta dahi a ausencia do desejo. O prazer resulta de uma reducção de dois; o poder poetico, de uma reducção de tres.

219. O poder da palavra, de uma reducção de quatro; a segunda vista, de cinco; a levitação, de seis; a grande rapidez, de sete.

220. Os oito Siddhis, de oito; os nove Siddhis, de nove; as dez figuras, de dez; a perda da sombra, de onze.

221. Quando o comprimento é reduzido de doze, os movimentos inspiratorios e expiratorios bebem na fonte da immortalidade, no sol (o centro de Prâna). Quando o Prâna enche todo o corpo até á ponta das unhas, então, para que serve o alimento?

222. Assim foi descripta a lei de Prâna. Ella pode ser conhecida pelo ensino de um Gurú, não por milhões de sciencias e de Shâstras.

223. Se, porventura, a lua não entra de manhã e o sol de noite, elles o fazem respectivamente depois de meio-dia e da meia-noite.

Combate

224. Quando a pessoa guerreia em regiões longinquas, a luz é victoriosa; nos logares proximos, é o sol. Quando o primeiro pé que se levanta na marcha pertence ao Nâdi que está correndo, dahi decorre um exito completo.

225. No começo de uma viagem, no casamento, o entrar numa cidade, etc., em todos os actos favoraveis, o fluxo da lua é bom.

226. Collocando o exercito inimigo no sentido do Nâdi vazio, e o seu no do Nâdi cheio, quando o Tattwa está conjuncto, pode-se ganhar o mundo inteiro.

227. Dê-se o combate na direcção em que está correndo a respiração; é certa a victoria, ainda que Indra seja contrario.

228. Se um homem faz uma consulta a proposito de um combate, elle a ganhará se estiver no sentido do Nâdi que se achar correndo; a perderá se no sentido do outro.

229. O Prithivi Tattwa indica os ferimentos no ventre; o Apas, nos pés; o Agni, nas coxas; o Vayú, nas mãos.

230. O Akasa, na cabeça. Esses quintuplos ferimentos foram descriptos na Sciencia da Respiração.

231. Aquelle cujo nome tem um numero par de letras, ganha, se faz uma consulta, durante o fluxo da

lua. O que tem um numero impar de letras no seu nome, ganha, se formular a consulta durante o fluxo do sol.

232. Quando a consulta é formulada durante a lua, haverá uma solução pacifica; durante o sol, o combate sobrevirá.

233. Se é formulada durante o Prithivi Tattwa, o combate será egual; durante o Apas, o resultado será egual; durante o Tejas, haverá derrota; durante o Vayú e o Akasa, a morte seguir-se-á.

234. Quando, por qualquer razão, o fluxo da respiração não fôr claramente sentido no momento da consulta, recorra o sabio ao seguinte expediente:

235. Estando assentado, immovel, atire-se-lhe uma flôr. A flôr cahirá do lado cheio. Assim, dê elle a resposta.

236. Aqui, como em qualquer outra parte, o conhecedor das leis do alento é potentissimo; quem é mais poderoso que elle?

DIZ A DEUSA:

237. São essas as leis da victoria quando os homens se combatem entre si; como vem a victoria quando elles pelejam contra Yama (o deus da morte)?

DIZ O DEUS:

238. Medite elle ácerca do senhor, quando o Prâna está calmo durante o fluxo da lua, e renuncie, então, a vinda, quando, depois disso, os dois Prânas coincidem. Haverá o que deseja — grande lucro e bom exito.

239. Todo o mundo manifestado sahiu do não-manifestado. O mundo manifestado desapparece no não-manifestado, quando o facto é conhecido.

. . . .

O anno

260. No primeiro dia lunar da quinzena branca do mez de Chaitra, observe o sabio Yogi a viagem do sol, ao mesmo tempo ao norte e ao sul, por uma analyse dos Tattwas.

(Naquelle dia começa o anno Samvat da era do Rei Vikramâdittya).

261. Se, na época do erguer da lua, o Prithivi, o Apas, ou o Vayú Tattwa estão correndo, todas as castas de grãos serão abundantes.

262. O fluxo de Tejas e de Akasa dá fomes terriveis. Tal é a natureza do tempo. Deste modo, a pessoa conhece o effeito do tempo no anno, no mez, no dia.

263. Se o Sushumna, que é mau em todos os negocios do mundo, corre, haverá confusão no paiz, desmoronamento do reino, ou receio disso, epidemia e todas as sortes de molestias.

264. Quando o sol passa no Aries, medite o Yogi sobre a respiração, e, descobrindo o Tattwa dominante, diga ao mundo qual será o natureza do anno seguinte.

(Naquelle dia começa o anno solar. A côr tattwica do Prâna universal — externo, — num momento qualquer, é determinada pelas posições do sol e da lua, e pela dos planetas, cuja presença exerce uma influencia poderosissima sobre o valor tattwico naquelle mo-

mento. Esse valor tattwico muda segundo uma lei universal.

Se num momento qualquer, o Apas Tattwa está correndo, elle jamais pode passar de uma só feita no Tejas, mas deve fazel-o gradualmente. Esses Tattwas atmosphericos têm muitos cursos menores. E', pois, possivel, ainda que extremamente difficil e complicado, o calcular, consoante o valor tattwico de um momento, o valor tattwico de um momento futuro.

O mundo vivo é sempre affectado por essas mudanças tattwicas. No acto da Respiração, a natureza forneceu uma escala exactissima e fiel para a medida das mudanças tattwicas. Por isso, o Yogi, capaz de viver de conformidade com o tempo e o espaço, pode predizer o futuro muito facilmente. Ah! mas como é difficil viver de perfeita conformidade com o tempo e o espaço!)

265. O bom aspecto do anno, do mez, do dia, é conhecido, graças aos Tattwas, Prithivi, etc., e o mau aspecto pelo Akasa e o Vayú.

266. Se o Prithivi Tattwa está a correr, haverá prosperidade e abundancia no reino e a terra se cobrirá de bellas colheitas; haverá muito bem-estar e alegria.

267. Se o Apas Tattwa está correndo, haverá abundancia de chuva, de cereaes; não reinará carestia; haverá grande bem-estar e campos bem cultivados.

268. Se o Agni Tattwa está correndo, haverá fome, revolução ou o temor disso. Haverá epidemias terriveis e chuvas o menos possivel.

269. Se o Vayú Tattwa se escôa quando o sol entra em Aries, haverá confusão, accidentes, fome, pouca chuva ou os Itis.

(Os Itis são seis afflicções que destróem as messes, muita agua, etc.)

270. Se o Akasa Tattwa flue quando o sol entra em Aries, haverá falta de grãos e de bem-estar.

271. Quando a Respiração plena está no seu sitio proprio, com os seus proprios Tattwas, resultam dahi successos de toda a especie; se o sol e a lua estão invertidos, o pão deve ser posto em reserva (contra a miseria).

272. Se o Agni Tattwa está manando, haverá desegualdade de preços; se é o Akasa, reinará miseria continua. Façam-se, pois, provisões de bocca; apparecerá alta de preços dois mezes depois disso.

273. Quando a Respiração muda no sol, ha o apparecimento de molestias terriveis (*). Quando o Akasa e o Vayú estiverem em conjuncção com o Tejas, a terra tornar-se-á a pintura dos infernos.

(Ha perturbação da balança tattwica e molestia; por isso, cada Tattwa tem as suas molestias proprias).

Molestia

274. No Prithivi Tattwa está a sua propria molestia; no Apas Tattwa, molestia do mesmo Tattwa, e assim no Tejas, no Vayú, e no Akasa, molestias semelhantes e hereditarias.

(*) O leitor pode lembrar-se da tendencia actual dos physicos em ligarem os accidentes terrestres ás mudanças de aspectos das manchas do sol e de traduzir, em geral, magneticamente, a mechanica planetaria. — (N. do T.).

(Quando dois homens se juntam, os seus Prânas permutam entre si as respectivas côres. E' assim que uma pessoa mede a côr prânica de outra pessoa que se acha junto de si, pelo reflexo momentaneo do proprio corpo della. O presente de cada qual é o pae do seu futuro. Por isso, a pessoa pode predizer o desenlace de u'a molestia ou o tempo da morte.

Tudo o que tem sido certificado como verdadeiro nestes capitulos, temol-o descripto nas secções diversas deste livro).

275. Se o mensageiro (consulente) vem primeiro para a parte vazia do corpo, e, em seguida, para a parte cheia, aquelle a cujo proposito fôr feita a pergunta viverá seguramente, ainda quando se ache prostrado (apparentemente) no desmaio (da morte).

276. Se a pergunta fôr feita ao Yogi emquanto estiver sentado na mesma direcção que o paciente, este viverá, ainda quando muitas molestias hajam podido reunir as forças dellas no seu corpo.

277. Quando a Respiração estiver em a narina direita e quando o mensageiro fala da sua afflicção em tom desolado, o paciente viverá. Durante a lua, o effeito é contrario.

278. Se fôr feita a pergunta emquanto o mensageiro tiver o retrato do paciente na direcção do Prâna e olhar para elle, o paciente viverá.

279. Quando, durante o fluxo do sol ou da lua, o Yogi se introduzir numa carruagem e ahi lhe fôr feita a pergunta, o mensageiro ha de sentir bom exito no seu desejo.

280. Quando, no momento da pergunta, o Yogi está sentado no alto, emquanto o doente está em baixo, este deve viver certamente. Se o doente está em cima, ha de ir seguramente para a morada de Yama (o deus da morte).

281. Se, no momento da consulta, o mensageiro estiver voltado para a narina vazia, mas falar do contrario do que deseja, sentirá bom exito. No caso contrario, o resultado será inverso.

282. Quando o doente está voltado para a lua, e o consulente para o sol, o doente deve morrer certamente, ainda quando esteja rodeado de centenas de medicos.

283. Quando o doente se acha voltado para o sol e o consulente para a lua, então, tambem, o doente morre, ainda quando Sambhú o proteja.

284. Quando um Tattwa sae do seu proprio tempo, as pessoas estão sujeitas a molestias; quando dois são improprios, elles causam o infortunio dos amigos e parentes; se deixar o seu logar por duas quinzenas, disso resultará a sua morte.

A predicção da morte

285. No começo de um mez de uma quinzena e de um anno, trate o sabio de descobrir o tempo da morte, segundo os movimentos do Prâna.

286. A lampada dos cinco Tattwas recebe o seu oleo da lua. Protegei-a da forma solar; a vida tornar-se-á longa e estacionaria.

287. Se, assenhoreando-se da Respiração, paralysar-se o sol, a vida será prolongada. O proprio tempo solar será enganado.

288. A lua cae dos céos, dando o nectar da vida aos lotus do corpo. Pela constante pratica das boas acções e do Yoga, a pessoa torna-se immortal, graças ao nectar lunar.

289. Fazei correr a terra durante o dia, o sol durante a noite; o que assim pratica é um verdadeiro Yogi.

290. Se, por uma noite e um dia, a Respiração flue continuamente por um Nâdi, a morte seguir-se-á em tres annos.

291. Ha de morrer dentro de dois annos aquelle cuja respiração sae pelo Pingala dois dias e duas noites completas, como dizem os que possuem os Tattwas.

292. Se a lua corre sem parar durante a noite e o sol durante o dia, a morte virá nos seis mezes.

293. Quando o sol flue inteiramente e quando a lua fica inteiramente invisivel, a morte deve vir na quinzena. Assim fala a sciencia da Morte.

294. Aquelle, cuja respiração mana de uma narina durante tres noites consecutivas, não tem senão um anno para viver, lá diz o sabio.

295. Tome-se um vaso de liga Kansîya (metal dos sinos). Encha-se de agua e olhe-se ahi nella para os reflexos do sol. Se o centro da reflexão é visto como um buraco, o vidente morrerá dentro dos dez dias; se o reflexo é enfumaçado, a morte virá no mesmo dia. Se é visto para o sul, para oéste ou para o norte, a morte virá nos seis, nos dois ou nos tres mezes, respectivamente. Assim foi descripta a medida da vida pelo omnisciente.

296. Se um homem vê a face do mensageiro da morte, elle está certo de morrer.

(O mensageiro da morte traz vestes vermelhas ou avermelhadas, cabellos entrançados, dentes doentios, um corpo besuntado de oleo, um rosto choroso e carmezim, um corpo salpicado de cinzas e faz voar labaredas de fogo; tem varas compridas e pesadas e está voltado para o Nâdi vazio).

297. Quando a pelle é fria, mas o interior quente, a morte deve vir dentro do mez.

298. Quando um homem troca repentinamente, e de modo inusitado, bons habitos por maus ou maus por bons, está certo de morrer.

299. Aquelle cujo alento é frio quando sae do nariz, e quente como fogo quando sae da bocca, está seguro de morrer de grande calor.

300. Aquelle que vê rostos horrendos e uma luz brilhante sem chamma, morre antes de nove mezes.

301. Deve morrer repentinamente aquelle que começa a sentir pesados os corpos leves e leves os corpos pesados, e que, sendo sombrio de côr, começa, na molestia, a apparecer de côr dourada.

302. Aquelle cujas mãos, o peito, o pé se tornam ao mesmo tempo seccos depois do banho, não tem dez noites para viver.

303. Aquelle cuja vista se perturba e não pode ver a sua face na pupilla de outro olho, deve morrer com toda a certeza.

304. Agora vou dizer-te alguma cousa ácerca da face de sombra (Chhâyâ Purusha). Conhecendo a esta, o homem torna-se logo conhecedor dos tres tempos.

305. Falarei daquellas experiencias por meio das quaes a morte, ainda distante, é conhecida. Descreverei todas em concordancia com Shivâgama.

306. Indo a um logar solitario e tendo as costas para o sol, olhe o homem com attenção para o pescoço da sombra que elle projecta sobre o solo.

307. Veja isto durante tanto tempo emquanto puder repetir com calma estas palavras: "Om kram parabrahmane nama", cento e oito vezes. Olhe depois para o céo. Verá, assim, Shankara (o rosto de um ser que pode apparecer em muitas côres).

308. Praticando isto durante seis mezes, o Yogi torna-se senhor daquelles que andam sobre a terra; em dois annos, se torna completamente independente e o seu proprio senhor.

309. Elle alcança o conhecimento dos tres tempos e grande felicidade. Nada ha impossivel para a pratica constante do Yoga.

310. O Yogi que vê essa figura, nos céos claros, tendo uma côr sombria, morrerá dentro de seis mezes.

311. Quando é amarella, ha receio de molestia; quando é vermelha, haverá perda; quando de varias côres, sobrevirá grande confusão e dejecção.

312. Se faltam, na apparição, pés, pernas, abdomen e braço direito, um parente é certo que ha de morrer.

313. Se falta o braço esquerdo, morrer-lhe-á a esposa; quando faltam o peito e o braço direito, virão a morte e a destruição.

314. Quando os excrementos e os gazes escapam conjunctamente, o homem está certo de morrer nos dez dias.

315. Quando a lua corre por inteiro e não se vê o sol em absoluto, a morte deve vir seguramente no correr do mez. Assim fala a Sciencia da Morte.

316. Aquelles cuja morte está proxima, cessam de ver o Arandhatî, o Dhruva, os passos de Vishnu e o circulo das mães, como lhes são indicados.

317. O Arandhatî é a lingua; o Dhruva, a ponta do nariz; as sobrancelhas são os passos de Vishnu; a pupilla do olho, o circulo das mães.

318. O homem que cessa de ver as sobrancelhas, morre nos nove dias; aquelle que cessa de ver a pupilla do olho, fallece nos cinco dias; aquelle que cessa de ver o nariz, deixa de viver nos tres dias; o que cessa de ver a lingua, morre no mesmo dia.

319. Vê-se a pupilla do olho, apertando o olho perto do nariz.

Os Nâdis

320. O Ida é tambem chamado, technicamente, Gangâ; o Pingala, Yamunâ; o Sushumna, Sarasvati: a conjuncção é chamada Prayâga.

321. Assente-se o Yogi na posição chamada Padmaxma e effectue Prânâyâma.

322. Os Yogis devem conhecer o Pûruka, o Rechaka, e o terceiro, Kumbhaka, para obter o poder sobre o corpo.

323. O Pûruka causa o crescimento e a nutrição e eguala os humores; o Kumbhaka causa a estabilidade e augmenta a seguridade da vida.

324. O Rechaka tira todos os peccados. Aquelle que o pratica alcança o estado do Yoga.

325. Retenha-se o ar no Kumbhaka, tanto quanto possivel; saia elle pela lua e entre pelo sol.

326. O sol bebe a lua, a lua bebe o sol; saturando-se um com outro, a gente pode viver tanto tempo, quanto a lua e os planetas.

327. O Nâdi corre em o nosso proprio corpo. Tenhamos poder sobre elle; se não o deixarmos atravessar a bocca ou o nariz, nos tornamos mancebos.

328. Quando a bocca, o nariz e as orelhas estão tapadas pelos dedos, os Tattwas entram a fazer a sua apparição deante dos olhos.

329. Aquelle que lhes conhece a côr, o movimento, o gosto, os sitios e os signaes, se torna, neste mundo, egual ao deus Rudra.

330. Aquelle que sabe tudo isso e o lê sempre, está redimido de toda a dôr e obtem o que deseja.

331. Aquelle que tem o conhecimento da respiração na cabeça, tem a fortuna nos pés.

332. Assim como o Uno dos Védas, e o sol no Universo, é aquelle que conhece a Sciencia da Respiração: assim tambem deve elle ser honrado. Aquelle que conhece a Sciencia da Respiração e a Philosophia dos Tattwas reconhece que nem mesmo milhões de elixires a egualam.

333. Não ha nada no mundo que vos allivie a divida que contrahistes para com o homem que vos deu o conhecimento da palavra (Om) e do alento.

334. Sentado no seu logar particular, com alimentação medida e somno, medite o Yogi ácerca do altissimo Atmâ (de quem a Respiração é o reflexo). Seja qual fôr aquillo que disser, ha de acontecer.

GLOSSARIO

Abhijit, uma das casas lunares.

Abhinevesha, nome technico desta fraqueza de espirito que provoca o medo da morte. E' uma das cinco "miserias" do Yogi.

Agama, um dos tres meios de conhecimento: o saber que nos vem da experiencia das investigações de outrem e que tomamos por autoridade, dizem que é proveniente de Agama. Pela mesma razão, os Védas se denominam Agama.

Agni, o fogo. Um dos nomes do ether luminoso, tambem chamado Tejas Tattwa. A sua côr é vermelha; as outras côres resultam de uma combinação com os outros Tattwas.

Ahankâra, egoismo.

Ahanvanîya, um dos tres fogos que eram entretidos numa antiga casa hindú.

Akasa, o nome do primeiro Tattwa, o ether sonoro; é um Tattwa importantissimo. Todos os outros Tattwas são provenientes delle e nelle vivem e operam. Não ha ser vivo no mundo que não seja seguido ou precedido pelo Akasa; todas as formas, todas as idéas do universo existem nelle. Desse estado é que esperamos ver sahir immediatamente toda e qualquer outra substancia, todo e qualquer outro Tattwa; mais estrictamente, nelle, todas as cousas existem, sem serem vistas.

Alambusha ou *Alammusha*, tubo do corpo humano que dizem abrir-se na bocca; portanto, o canal alimentar.

Ambarîsha, um dos cinco infernos: as qualidades do Apas Tattwa lá se acham em excesso doloroso.

Amrita, é o nectar dos deuses.

Ananda, é o estado de felicidade no qual a alma reintegra o espirito. Significa ainda o estado espiritual da atmosphera tattwica.

Anandamaya Kosha, a espira espiritual, a monada espiritual.

Anarâdhâ, a decima setima casa lunar.

Andhatâimshra, o inferno onde as qualidades do Akasa Tattwa se acham em excesso doloroso.

Anumâna, inferencia.

Apana, essa manifestação do principio da vida que lança para fóra do systema as cousas de que já não tem mais necessidade, taes como a urina, etc.

Apantartamah, Rishi Védico, que dizem ter-se encarnado em Vyâsa Krishna Devîpâyana, autor do Mahâbhârata, etc.

Apas, nome de um dos cinco Tattwas, o ether gustativo.

Ardrâ, um dos asterismos lunares.

Asamprajnâta, o mais elevado estado de transe mental, em que a intelligencia é perfeitamente absorvida na alma. O estado inferior é conhecido pelo nome de Samprajnâta.

Asat, a respiração negativa ou a phase da materia.

Ashleshâ, uma casa lunar.

Ashvinî, a primeira casa lunar.

Asmitâ, (1) synonymo de Ahankâra, egoismo; (2) parte constitutiva ou parcella do "si"; (3) a noção de que o "si" não é separado dos preceitos e dos conceitos.

Avidya, conhecimento falso.

Bharani, a segunda casa lunar.

Bhûtas, as cascas dos mortos.

Brahma (com *a* breve), conhecido tambem sob o nome de Parabrahman, o Uno Absoluto de onde provém o universo.

Brahmâ (com *â* longo), o universo consciente, o sexto principio do universo.

Brahmadanda, a columna vertebral.

Brahmânda, o universo. Literalmente, o ovo de Brahmâ.

Brahmarandhra, cavidade da cabeça, através da qual a alma do Yogi sae do corpo. Ahi termina o canal espinal.

Brahmavidya, a Sciencia Divina, a Theosophia.

Buddhi, comprehensão.

Ch, symbolo de um dos vasos que saem do coração.

Chh, symbolo de outro desses vasos.

Chaitra, mez lunar do calendario hindú, que corresponde, em geral, a Fevereiro-Março.

Chakra, circulo, disco.

Chakshus, o olho, a modificação ocular de Prâna.

Chandra, a lua, a respiração esquerda.

Chandraloka, a esphera lunar.

Chaturyuga, os quatro Yugas — Satya, Tretâ, Dvâpara e Kali — juntamente; periodo de 12.000 annos Daiva.

Chhândogya, nome de um dos Upanishads, classe de tratados ácerca da Philosophia hindú esoterica.

Chitrâ, um dos asterismos lunares.

Daiva, pertencente aos deuses (Dévas). Um dia Daiva = um anno humano. Um anno Daiva = 365 dias Daivas.

Damini, nome de um dos vasos do corpo humano, sem duvida aquelle que, com todas as suas ramificações, termina no seio da femea (?). Não lhe achei a descripção em parte alguma.

Devachan, termo thibetano empregado para significar esse estado de felicidade de que gosamos, depois da morte, na esphera lunar.

Devadatta, uma das dez modificações do principio vital.

Dhananjaya, uma das dez modificações do principio vital.

Danishtha, uma das casas lunares.

Dharana, concentração da intelligencia.

Dreshkana, o terço de um signo do Zodiaco.

Duhkkha, a dôr.

Dvadashansha, o duodecimo de signo do Zodiaco.

Dvesha, manifestação da intelligencia que regeita as cousas desagradaveis.

G, symbolo de um dos dez vasos que partem do coração.

Gaudharî, o Nâdi que termina no olho esquerdo.

Gaudharva, musico celeste.

Ganga, termo technico para exprimir o alento solar.

Gargya Sanryayana, nome de um antigo philosopho, mencionado nos Upanishads.

Garhapatya, um dos tres fogos domesticos.

Gh, symbolo de um dos tubos que partem do coração para ramificar em todo o corpo.

Ghârî ou *Ghati*, (1) periodo de vinte e quatro minutos; (2) um Ghati lunar é pouca cousa — a sexagesima parte de um dia lunar.

Ghrâna, orgão de odorato, a modificação olfactiva de Prâna.

Ha, *Ham*, { (1) Symbolo technico do processo de expiração; (2) Symbolo do Akasa Tattwa, nominativo neutro do mesmo nome.

Hamsa, de Ham e Sa, nome technico de Parabrahman, porque, neste estado, os movimentos positivos e negativos estão *in posse*.

Hamsachâra, termo technico do processo do alento.

Hasta, uma casa lunar.

Hastijihvâ, Nâdi que termina no olho direito.

Horâ, a metade de um signo zodiacal.

Ida, o Nâdi que se extende pela parte esquerda: o sympathico esquerdo.

Indra, o senhor dos deuses, o portador do raio.

Ishopanishad, nome de um Upanishad.

Ishwra, o sexto principio do universo (segundo a divisão septenaria); o mesmo que Brahmâ.

J, symbolo de uma das doze camadas de Nâdis que partem do coração.

Jâgrata, estado de vigilia.

Jh, symbolo de um dos Nâdis que partem do coração.

Jyeshthâ, uma casa lunar.

K, symbolo de um dos Nâdis que partem do coração.

Kalâ, uma divisão do tempo = 1 minuto e $\frac{3}{5}$

Kâlasûtra, nome de um inferno em que as qualidades do Vayú Tattwa se acham em excesso doloroso.

Kali, nome de um cyclo de 2.400 annos Daiva. A edade de ferro.

Kamala, o loto. Um dos centros da força nervosa do corpo.

Kansiya, liga de zinco e cobre que se emprega muito no fabrico dos vasos.

Kâshtha, uma divisão do tempo = 3 segundos e $\frac{1}{5}$

Kathopanishad, um dos Upanishads.

Kh, symbolo de um Nâdi que parte do coração.

Komala, literalmente, doce.

Kram, symbolo tantrico para representar a intelligencia humana, caminhando além dos limites do visivel e olhando, assim, no invisivel. Os antigos philosophos tantricos tinham symbolos para designar quasi que todas as idéas. Era-lhes isto absolutamente necessario, porque sustentavam que, se a intelligencia humana estivesse fixa sobre um objecto qualquer com força sufficiente durante certo tempo, ella estava certa de obter um objecto pela força da vontade. A attenção era geralmente garantida pela acção constante de murmurar certas palavras que conservavam, assim, a idéa sempre deante do espirito.

Empregavam, pois, symbolos para representar cada idéa. Assim: "Hrien" designava a modestia; "Kliw", o amor; "Aiw", a protecção; "Shaum", o adeus, e assim por deante. Symbolos semelhantes eram empregados para denominar os vasos sanguineos, etc. A sciencia tantrica está agora quasi inteiramente perdida: na hora actual não tem chave alguma para abrir efficazmente os mysterios da terminologia symbolica e boa parte da linguagem symbolica se acha, por conseguinte, infelizmente, de todo inintelligivel presentemente.

Krikila, manifestação do principio da vida que causa a fome.

Krittihâ, a terceira casa lunar.

Kuhu, o Nâdi que vae ter aos orgãos reproductores.

Khumbhaka, a pratica de Prânâyâma que consiste em respirar profundamente e em reter o ar aspirado o maior tempo possivel.

Kârma, a manifestação do principio de vida que causa o piscar do olho.

Lam (L), o symbolo do Prithivi Tattwa.

Loka, uma esphera de existencia.

Maghâ, a decima casa lunar.

Mahâbhûtâ, um synonymo de Tattwa.

Mahâkala, o inferno em que se acham as qualidades do Prithivi Tattwa em excesso doloroso.

Mahamohu, uma das cinco miserias de Patanjali. Synonymo de Râga (desejo de obter ou de reter).

Maheshvara, o grande senhor, o grande Poder.

Mahûrta, uma divisão do tempo = quarenta e oito minutos.

Manas, intelligencia: o terceiro principio do universo a partir de baixo.

Manomaya Kosha, o corpo mental. A intelligencia individualisada, uma especie de estojo onde a energia espiritual pode manifestar-se, onde achamos, em particular, a intelligencia em trabalho.

Manu, o Ser concebido como o substratum do terceiro principio do universo a partir de baixo. A *idéa* da humanidade de um desses cyclos conhecidos sob o nome de Manvantaras.

Manusha, pertencente aos homens, humano. O dia Manusha, o dia ordinario de vinte e quatro horas; o anno Manusha, o anno solar ordinario. O mez lunar é conhecido sob o nome de dia dos paes (Pitrîya), o proprio anno é conhecido sob o nome de dias dos deuses.

Manvantara, cyclo de setenta e um Chaturyugas, durante o qual existe uma humanidade de certo typo.

Manvantarico, pertencente a Manvantara.

Matarishva, literalmente, aquelle que dorme no espaço. Applicado a Prâna, como preenchendo as funcções de registrador dos actos humanos, etc.

Meru, chamado tambem Sumeru. Os Purânas falam delle como de u'a montanha (Parvata, Achala) no pincaro da qual está situado Svarga, o céo hindú, contendo as cidades dos deuses com os espiritos celestes por habitantes. Delle fala-se, de facto, como do Olympo dos Hindús. Em verdade, Meru não é dessas montanhas de forma terrestre, taes quaes as montanhas que nos são familiares na superficie da nossa terra. E' a linha fronteira que separa a atmosphera terrestre do ar superior, o ether puro; em a nossa terminologia, o Meru é o circulo limitrophe do Prâna terrestre. Deste lado, o circulo é o nosso planeta, com a sua atmosphera; daquelle lado, o Prâna celeste, a mansão dos deuses. O sabio Vyâsa descreve o Bhûrloka (ou a terra) como extendendo-se do nivel do mar até por detraz do Meru. Na superficie da assim chamada montanha, vivem os deuses; portanto, os limites da terra estão atraz della. A essa, chama-se montanha, por causa da sua posição fixa, immutavel.

Moha, olvido. Synonymo de Asmitâ, uma das cinco miserias de Patanjali.

Moksha, este estado de existencia no qual as tendencias inferiores da intelligencia estão mortas absolutamente, e no qual, por conseguinte, a intelligencia fica absorvida na alma, sem perigo de renascimento.

Mrigashirha, casa lunar.

Mûla, asterismo lunar.

N, symbolo de um desses Nâdis que partem do coração.

Nâdi, este vocabulo designa um tubo, um vaso. E' applicado indistinctamente aos vasos sanguineos e aos nervos. A idéa da palavra é a de um tubo, de um vaso ou mesmo de uma linha, ao longo da qual escôa alguma cousa, seja um liquido ou uma corrente de força.

Naga, manifestação de vida que causa eructação.

Namah, obediencia.

Nassad âsit, hymno do *Rig Veda*, o centesimo vigesimo nono do decimo Mandala, que começa por estas palavras: "Neste hymno, se encontra o germen da Sciencia da Respiração".

Navansha, a nona parte de um signo do Zodiaco.

Nidra, o somno sem sonho.

Nimesha, divisão do tempo $= \frac{8}{45}$ de segundo. Literalmente, significa um relancear de olhos.

Nirvana, a extincção das tendencias inferiores da intelligencia. E' synonymo de Moksha.

Nirvichara, a intuição ultra-meditativa, na qual, sem o menor esforço de pensamento, o passado e o futuro, os antecedentes e os consequentes de um phenomeno presente fazem a sua apparição simultanea na intelligencia.

Nirvitarka, especie de intuição (Sampatti); a intuição sem palavras. Nesse estado de lucidez mental é que as verdades da natureza brilham por si mesmas, sem a intervenção do verbo.

Pada, o pé; modificação da materia vital que opera no caminhar.

Padma, synonymo de Kamala.

Pala, medida peso, cerca de uma onça e um terço.

Pam (P), symbolo algebrico do Vayú Tattwa. Pam é o nominativo neutro da letra Pa, a primeira letra do vocabulo Pavana, synonymo de Vayú.

Panchê-Karana, literalmente, a palavra significa: que torna quintuplo. Traduzem-n'a grosseiramente por: a divisão em cinco. Ella significa o processo de um minimum de um Tattwa que é composto com os dos outros Tattwas. Assim, segundo o processo, cada molecula, por exemplo, do Prithivi Tattwa compôr-se-á de oito minimas:

$$\text{PRITHIVI} = \frac{\text{Prithivi}}{2} + \frac{\text{Akasa}}{8} + \frac{\text{Vayú}}{8} + \frac{\text{Agni}}{8} + \frac{\text{Apas}}{8}$$

e assim por deante. Em Ananda, os Tattwas são simples. Em Vijnâna e depois delle, cada um é quintuplo, e, por isso, cada um tem uma côr, etc.

Pani, a mão: o poder manual.

Parabrahman, é bem conhecido, agora, como a causa do Universo, o Todo Absoluto, Unico.

Parabrahmane, dativo de Parabrahman, que significa: "a Parabrahman".

Pârameshthi Sûkta, o hymno "Nassad âsit", acima mencionado, tambem se chama Parameshthi Sûkta.

Paraivairagya, o estado da intelligencia em que as suas manifestações se tornam absolutamente potenciaes e perdem todo o seu poder de vir ao estado actual, sem o entorpecimento da alma. Nesse estado, todo o poder elevado faz a sua apparição facilmente na intelligencia.

Parinirvana, o derradeiro estado no qual a alma humana pode existir e onde as influencias psychicas, mentaes e physiologicas não têm nenhum poder sobre ella.

Patanjali, autor dos Aphorismos do Yoga, a sciencia de applicação mental e de embellezamento.

Payu, orgãos excretores, a modificação de Prâna que os compõe.

Pingala, o Nâdi e o systema de Nâdis que trabalha do lado direito do corpo; o sympathico direito.

Pitrîya, que apparece aos paes. O dia Pitrîya significa o mez lunar.

Pitta, synonymo de Agni. Significa: temperatura, calor.

Prakriti, a materia cosmica não differenciada.

Prataya, a cessação das energias creadoras do mundo: o periodo de repouso.

Pramana, meios de conhecimento. São: (1) os sentidos; (2) a inferencia; (3) a autoridade ou, por outros termos, a experiencia dos outros.

Prâna, o principio de vida do universo e a sua manifestação localisada; o principio de vida do homem e dos outros seres vivos: Elle consiste num oceano dos cinco Tattwas. Os sóes são os centros differentes deste oceano de Prâna. O nosso systema solar está cheio de Prâna até os seus limites extremos, e nesse oceano é que se movem os diversos corpos celestes. Os sabios têm affirmado que o oceano inteiro de Prâna, com o sol, a lua e os outros planetas, é uma pintura completa de todo o organismo vivo da terra ou de um planeta qualquer. Por isso, elles, ás vezes, falam de Prâna como de uma pessoa, de um ser vivo. Todas as manifestações da vida no corpo são conhecidas sob o nome de Prânas menores. A manifestação pulmonar é havida como Prâna por excellencia. A phase de materia positiva é assim distincta de Rayi, a phase negativa da materia vital.

Pranamaya Kosha, a Espira de vida; o principio vital.

Prânayâma, a pratica das respirações profundas que consiste em expellir o ar inspirado no mais largo tempo possivel

e depois respirar, estando os pulmões vazios quasi que por completo.

Prapathaka, um capitulo da "Chândogya Upanishad".

Prashnopanishad, um dos Upanishads.

Pratyaksha, a percepção.

Prayaga, realmente: a confluencia de tres rios, o Ganges, a Jamná e a Sarasvati que não se vê em parte alguma, agora, em Allahabad. Na terminologia da Sciencia da Respiração, Prayâga é a conjuncção das correntes direita e esquerda da Respiração.

Prithivi, um dos cinco Tattwas; o ether olfactivo.

Punarvasú, uma das casas lunares.

Púraka, a pratica do Prânâyama que consiste em encher os pulmões de tanto ar quanto fôr possivel.

Púrvabhadrapada, uma das casas lunares.

Purváshâdhá, uma das casas lunares.

Púsha, nome do Nâdi que vae á orelha direita.

Pushya, uma das casas lunares.

Râga, (1) u'a manifestação da intelligencia que procura reter os objectos que dão alegria; (2) um modo de musica. Ha oito modos de musica e cada um destes tem muitos modos menores chamados Raginis. Cada Ragini a seu turno tem diversas harmonias.

Raginî (vêr Râga).

Ram, nominativo neutro de Ra; serve de symbolo ao Agni Tattwa.

Rasana, o orgão do gosto.

Raurava, o inferno onde se encontram as qualidades do Tejas Tattwa em excessos dolorosos.

Rayi, a phase de materia negativa, distincta da phase positiva pela sua impressionabilidade. Com effeito, é a materia vital fria, ao passo que a materia quente se chama Prâna.

Rechaka, a pratica do Prânayâma que consiste em conduzir a respiração para fóra dos pulmões.

Revatí, uma das casas lunares.

Rig Véda, o mais antigo e importante dos Védas.

Ritambhara, a faculdade de percepção psychica, pela qual as realidades do mundo são conhecidas com tanta verdade e exactidão, quanto as cousas externas pela percepção ordinaria.

Rohiní, a quarta casa lunar.

Sa, symbolo do processo da inspiração. A Shakti, a modificação receptriz da materia vital é tambem chamada Sa.

Sadhakapitta, a temperatura do coração, que dizem ser a causa da intelligencia e da comprehensão.

Samadhi, o transe; o estado no qual a intelligencia está de tal maneira absorvida pelo objecto da sua diligencia, ou pela alma, que ella se esquece no objecto da sua attenção.

Samana, a manifestação da vida que dizem ser, no abdomen, causa da absorpção e da distribuição da alimentação por todo o corpo.

Sambhú, o principio macho; a phase positiva da materia. Um dos nomes do deus Shiva.

Samprajnata, especie de Samadhi; aquella em que a applicação mental é recompensada pelo descobrimento da verdade.

Sandhi, a conjuncção das duas phases, positiva e negativa, de toda a força. E' um synonymo de Sushumna. Conjuncção de dois Tattwas. Quando um Tattwa passa para o outro, o Akasa se interpõe. De feito, não pode haver mudança de um estado de materia para outro sem a intervenção desse Tattwa que penetra tudo. Esse estado de intervenção, entretanto, não é o Sandhi. Pela conjuncção tattwica, produz-se sempre um novo Tattwa conjugado; este é indicado pela extensão do alento. Assim, quando o Agni e o Vayú se juntam, o comprimento é intermediario entre aquelles dois. Dá-se a mesma cousa com os outros Tattwas. Se a phase positiva e a phase negativa de um objecto fazem a sua apparição em ordem regular, por um momento, diz-se que estão em conjuncção (Sandhi). Se, todavia, vindo de direcções oppostas, elles se equilibram, o resultado é o Akasa ou o Sushumna. O leitor verá que ha muito pouca differença, e, ás vezes, nenhuma, nos estados de Akasa, Sandhi e Sushumna; se Akasa permanece estacionario, é Sushumna; se Sushumna tende para a producção, elle se torna Akasa. Com effeito, Akasa é este estado que annuncia immediatamente qualquer outro estado tattwico de existencia.

Sanskara, velocidade adquirida; habito adquirido. Synonymo de Vâsona.

Sarasvatí, deusa da palavra.

Sat, o primeiro estado do universo, no qual toda a forma do universo existente, o proprio Ishwara, dorme latente. Desse estado é que os Tattwas não compostos são provenientes em primeiro logar.

Satya, veracidade; fidelidade; constancia.

Savichara, a intuição meditativa. (Veja-se Nirvitarja e Nirvichâra).

Savitarka, especie de intuição: a intuição verbal.

Shakti, um poder; a phase negativa de uma força qualquer; a companheira de um deus, sendo o deus a phase positiva da força.

Shankhâvali, nome de uma droga.

Shankinî, um Nâdi, com todas as suas ramificações, que vae terminar no anus.

Shastra, os livros sagrados dos hindús. As seis escolas de philosophia.

Shatabhishaj, uma casa lunar.

Shatachackra Nirûpana, nome de uma obra sobre a philophia dos Tantristas.

Sivagama, nome de uma antiga obra. O presente tratado sobre a Sciencia da Respiração não contém senão o assumpto de um capitulo desse livro, que se não encontra em parte alguma.

Shravana, uma casa lunar.

Shrotra, o ouvido, a phase mais auditiva da materia vital.

Shvetaketu, nome de um antigo philosopho que se representa no "Chândoya Upanishad", lendo *Brahmavidya* com seu pae Gautama.

Smriti, a faculdade de possuir u'a memoria docil.

Sthûla, grosseiro.

Sthûla Sharîna, o corpo grosseiro, distincto dos principios superiores.

Sukha, sentimento de prazer.

Sûrya, o sol.

Sûryamandala, a porção do espaço submettido á influencia solar.

Sushumna, (1) o Nâdi que se extende ao meio do corpo; (2) a corda espinal com todas as suas ramificações; (3) o estado de força que fecunda, ao mesmo tempo, a phase positiva e a phase negativa; quando não correm o sopro solar nem o sopro lunar, diz-se de Prâna que elle é Sushumna.

Sushupti, somno sem sonhos, estado da alma em que estão em descanço as manifestações da intelligencia experimentadas em sonhos.

Svapna, um sonho.

Svara, a corrente da vaga de vida; a grande Respiração: o folego do homem. A Grande Respiração sobre um plano qualquer de vida, tem cinco modificações, os Tattwas.

Svati, uma casa solar.

T, nomes dos Nâdis que partem do coração.

Tamas, synonymo de Avidyâ.

Tantra, classe de tratados ácerca do corpo humano e da alma. Tratam muito de Yoga. A linguagem que empregam é altamente symbolica e as formulas da sua fé são quasi que expressões algebricas, sem chave efficaz da hora presente.

Tattwa, (1) modo de movimento; (2) impulso central que conservou a materia em certo estado vibratorio; (3) forma distincta de vibração. A Grande Respiração dá a Prakriti cinco especies de extensão elementar. A primeira e a mais importante destas é o Akasa Tattwa; os outros quatro são Prithivi, Vayú, Apas e Agni. Todas as formas e todos os movimentos são manifestações desses Tattwas, simples ou em conjuncção, conforme o caso.

Tejas, um dos Tattwas; o ether luminoso. Os synonymos desse nome são Agni e, raramente, Raurava.

Th, nome de um dos Nâdis que partem do coração.

Tretâ, o segundo cyclo do Chaturynga; periodo de 3.600 annos Daiva.

Trinshausha, a trigesima parte de um signo do Zodiaco.

Truti, (1) divisão do tempo; cento e cincoenta Trutis valem um segundo; (2) medida do espaço, tanto como o sol ou a lua o percorrem em um Truti de tempo. Um Truti é uma pintura perfeita do oceano inteiro de Prâna. E' o germen astral de todos os organismos vivos.

Tura, as notas superiores da musica, oppostas a Komala.

Turîya, o quarto estado da consciencia. O estado de consciencia absoluta. Os tres primeiros estados são: (1) vigilia, (2) sonho, (3) somno.

Tvak, a pelle.

Udana, (1) a manifestação da vida que nos arrasta para o alto; (2) aquella manifestação pela qual a vida recúa no repouso.

Udâlaka, antigo philosopho que apparece como instructor no *Prashnapanishad*.

Uttarabhadhnapada, uma casa solar.

Uttara Gita, nome de uma obra tantrica.

Uttaraphalguni, uma casa solar.

Uttarashadha, outra casa solar.

Taidhrita ou *Vaidriti*, o vigesimo setimo Yoga. Ha vinte e sete Yogas na ecliptica. "O Yoga — diz Colebrooke — não é outra cousa mais de que u'a maneira de indicar as longitudes do sol e da lua"; é o que é.

Vairagya, indifferença para as cousas agradaveis da vida.

Vak, deusa da palavra; outro nome de Sarasvati.

Vam (V), symbolo do Apas Tattwa; vem de Vari, synonymo de Apas.

Vâsana, o habito e a tendencia que uma acção gera na intelligencia.

Vayú, um dos Tattwas: o ether tactil.

Vedas, os quatro livros sagrados dos hindús.

Vedoveda, uma das manifestações de Sushumna.

Vetala, mau espirito.

Vichara, meditação.

Vijñâna, literalmente, significa conhecimento. Technicamente, é a materia psychica e as suas manifestações.

Vijnânamaya Kosha, a espira psychica do espirito.

Vikalpa, imagem complexa.

Vinâ, instrumento musico de cordas.

Vindu, ponto.

Vipala, medida do tempo $= \frac{2}{5}$ de segundo.

Viparyâya, falso conhecimento, uma das cinco manifestações da intelligencia, tal qual a reconhece o sabio Patanjali.

Virât, o pae immediato de Manu e o filho de Brahmâ. O estado akasico de materia psychica de onde são provenientes os Tattwas mentaes que constituem Manu.

Vishâkha, asterismo lunar.

Vishamabhaha, estado desegual. E' u'a manifestação de Sushumna. Neste, o folego escôa um instante por uma narina, no instante seguinte por outra narina.

Vishramopanishad, nome de um Upanishad citado no texto.

Vishuva, *Vishuvat*, é u'a manifestação de Sushumna.

Vitarka, curiosidade philosophica.

Vyâna, aquella manifestação da vida que conserva a forma de cada parte do corpo.

Vyâsa, antigo philosopho, autor do "Mahâbhârata", commentador dos aphorismos do Yoga e da Vedanta, e de outras obras.

Vyatipâta, um dos vinte e sete Yogas. (Veja-se *Taidhrita*)

Yaksha, classe de semi-deuses.

Yakshinî, o Yaksha femea.

Yamunâ, empregado para representar o Nâdi esquerdo escoante, segundo a terminologia da Sciencia da Respiração.

Yashashvini, o Nâdi que termina na orelha esquerda.

Yoga, a sciencia de applicação, attenção e embellezamento da intelligencia humana.

INDICE

Prasad
As Forças
Subtis
da
Natureza